

# PESQUISAS

---

História nr. 14

5.º ano

ano de 1961

---

ARNALDO BRUXEL, S. J.

**O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO  
URUGUAI**

II parte: cap. 5 e 6

Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul  
imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

## Conselho de Redação

Balduino Rambo, S. J. — Diretor técnico e científico  
Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica  
João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia  
Inácio Schmitz, S. J. — Secretário de Redação

-----

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em tôdas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

**Pedimos permuta com as revistas do ramo.**

-----

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

**Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.**

-----

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

**We ask for exchange with publications of similar character.**

# PESQUISAS

---

História nr. 14

5.º ano

ano de 1961

---

ARNALDO BRUXEL, S. J.

## O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI

II parte: cap. 5 e 6



Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul  
imprimiu para

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
Pôrto Alegre — Caixa Postal, 358 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

# O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI

(Continuação de Pesquisas 1960, História nr. 13)

II parte: cap. 5 e 6

Arnaldo Bruxel, S. J.

## CAPÍTULO QUINTO

### OS AUTORES DA INTRODUÇÃO DO GADO VACUM NA BANDA ORIENTAL.

#### **PREÂMBULO.**

116. *Aclarações.* Neste capítulo falamos apenas do gado vacum, sem afirmar nem negar nada a respeito de outras espécies de gado. Dessas outras, que são o equino, ovino, caprino e suino, falaremos mais tarde.

E mesmo quanto ao gado vacum, restringimo-nos neste capítulo à questão da introdução. Sob este ponto de vista pode-se perguntar não só *se* e *quem* introduziu o gado vacum na Banda Oriental, mas também versar a questão da primazia e da exclusividade, ou seja quem foi o primeiro que introduziu esta espécie de gado, e se e quem foi o único em introduzi-lo.

Introduzir chamamos aqui levar pela primeira vez, com fruto e permanência, o gado vacum a uma região ou sub-região geograficamente definida, onde sem auxílio humano, o gado não entraria ou não entraria tão rapidamente. Uma coisa é introduzir na Banda Oriental como tal, e outra coisa é levá-lo pela primeira vez com fruto e permanência para o sul, norte, leste ou oeste dela, já que a Banda Oriental é uma região tão grande, que o gado, para passar de um des-

tes extremos para o outro, levaria naturalmente meio século ao menos. Acentuamos naturalmente, para distinguir a marcha natural da marcha impulsionada pelo homem. Quanto a introdução também deveremos distinguir o fator quantidade e tempo. Se alguém levasse umas poucas de vacas para onde, por meio de um outro, já existem milhares e dezenas de milhares, não se lhe pode reconhecer o título de introdutor. E ainda que levassem gado ao mesmo tempo para a mesma região, um pouco, e outro grande quantidade, não se poderia reconhecer título igual a ambos, a não ser que se trate de uma nova raça de gado vacum. Este último caso não se dá entre os antigos introdutores, porque havia uma só e única raça crioula. As novas raças que nos países do sul substituem a antiga raça crioula, são todas de introdução relativamente recente.

Também se deve distinguir muito entre introdutor propriamente dito e difusor do gado, com respeito a uma ou várias regiões geográficas. O famoso Juan de Garay, que geralmente é tido por grande introdutor de gado vacum na região do Prata, diz de si mesmo, como veremos mais tarde, que não introduziu o gado vacum de sua obrigação como representante do Adelantado Juan Ortiz de Zárate. Não é, pois, introdutor de gado vacum na Província do Paraguai e províncias limítrofes. Mas é sem dúvida alguma um dos maiores e mais beneméritos difusores do mesmo gado nas cidades que ficam ao longo do Paraná, e com isto, remotamente também na Banda Oriental, já que o gado vacum da Banda Oriental vem, como veremos, dos plantéis de Corrientes e Santa Fé. Antecipando esta afirmação, não contestamos, que mais tarde, depois da fundação de Montevideu, houve regiões que estavam com seu gado vacum primitivo já extinto, em que devia ser e foi introduzido novamente gado da parte de Buenos Aires. Outro fato antecipamos para exemplificar que as nossas distinções não são vã teoria: os portugueses não introduziram, propriamente, gado vacum na Banda Oriental como tal: prová-lo-emos mais tarde; entretanto, difundiram o gado da Banda Oriental preexistente, para a faixa de terra, que fica entre a Lagoa dos Patos e o mar, onde ninguém senão eles introduziu gado, e onde o gado vacum, existente no oeste das Lagoas, nunca poderia penetrar sem auxílio humano, cortada que estava toda esta subregião pelas barreiras de lagoas, rios, florestas e montanhas abruptas.

Teoréticamente poderia ter havido muitos introdutores. Praticamente se apresentam apenas três candidatos: os espanhóis com Hernandárias entre 1610 e 20, os jesuítas entre

1630 e 40, e os portugueses com o General Salvador Corrêa de Sá e Benavides, entre 1670 e 80. Os espanhóis a sudoeste, os jesuítas a noroeste, os portugueses a sudeste. Os lagunistas a nordeste só buscaram gado vacum na Banda Oriental, e seriam insensatos se levassem algumas dúzias para onde já havia dezenas e talvez centenas de milhares de cabeças quando Laguna foi fundada.

Para evitar confusões, que são possíveis e reais em vários autores, devemos declarar bem o que entendemos por Banda Oriental. Tomamos como Banda Oriental o que por séculos sempre se tem tomado por tal, e não o que hoje em dia politicamente se toma. Banda Oriental do Uruguai sempre foi tãda a terra abarcada pelo arco da margem esquerda ou oriental do Uruguai, portanto todo o atual Estado Brasileiro do Rio Grande do Sul e tãda a atual República Oriental do Uruguai. Esta às vêzes aparece hodiernamente com o nome de «Banda Oriental», assim como os uruguaios se chamam, com justificado orgulho nacional, «Los Orientales». Uma parte desta Banda Oriental desde cedo foi reclamada pelos portugueses que a chamaram de Rio Grande de São Pedro. Mas para os espanhóis tudo se chamava Banda Oriental, ainda que também tivessem outros nomes de algumas partes, como Banda de los Tapes, de los Charruas etc.

### ***117. Possibilidades teoréticas de introduzir gado na Banda Oriental.***

As possibilidades são muitas. Para vê-lo bastaria olhar as rotas por onde entraram ou poderiam ter entrado ou saído gados, ou homens com gado, na Banda Oriental.

Comecemos pelos *portuguêses*. Êstes desde 1530 mais ou menos andaram estabelecidos na costa sul do Brasil. Vimos que em 1534 tinham gado na costa de São Paulo. Êstes poderiam mais tarde ter entrado por mar pelo pôrto do Rio Grande ou mais ao sul pelos portos de Maldonado, Montevidéu ou Colônia, porque tudo isto estava com pouca viglância desde que se abandonara a primeira Buenos Aires em 1541. Ou também por mar poderiam ter levado os gados aos portos de Santa Catarina e de lá por terra ao Rio Grande, o que teria sido o mais razoável, pelo menos em se tratando do pôrto de Laguna, cujas baixadas campestres de per si já pertencem ao sistema riograndense, do qual o separam apenas uns rios bastante pequenos como o Araranguá

e o Mampituba. Querendo ir por terra poderiam ter partido das povoações de São Paulo, descido por cima do Planalto de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, até o Planalto riograndense, donde poderiam ter aberto picadas pelos Aparados para a baixada catarinense ou riograndense, ou pelos vales de vários rios como o Sinos, Taquari, Pardo, Jacuí; ou seguido para oeste para a região que posteriormente se chamou de missioneira, e daí passar para as outras regiões da Banda Oriental. Mas antes de chegar ao Planalto riograndense poderiam ter desviado no de Santa Catarina tanto para leste, descendo pelo vale do Araranguá, entrando por Tôres, como também poderiam ter desviado em Santa Catarina para oeste em direção ao Paraná. Mas neste caso talvez teria sido melhor desviar já no Planalto Paranaense ou paulista para oeste, alcançando o Paraná e descendo por êle, na sua margem direita ou esquerda, até uma altura conveniente de passar para o Uruguai, que transposto os deixaria na Banda Oriental na região de Ijuí, donde se alcança com relativa facilidade todo o resto da Banda Oriental.

Tudo isto foi alguma vez corrido pelos bandeirantes ou portugueses que mais tarde se estabeleceram no sul. Ao menos há hipóteses históricas que discutem se vieram os portugueses por esta ou aquela via. Poderia ser difícil, mas não impossível para uma pequena tropa de gado vacum, se houvesse interesse em levá-lo para a Banda Oriental. Mas na Banda Oriental, fora do interesse econômico pessoal dos bandeirantes, que queriam índios para prear, e os interesses do govêrno que queria ocupar, não havia nenhum outro interesse naqueles remotos tempos. Teria sido uma loucura, da parte dos bandeirantes, levar gado para lá. Para que e para quem, se, sem índios, não havia mais motivo de voltar para lá, para os particulares, que eram os bandeirantes? Quase duzentos anos mais tarde o caso era outro para os portugueses.

Agora as possibilidades *para os espanhóis*.- Poderiam ter entrado por mar em todos os lugares em que poderiam ter entrado os portugueses, porque de São Vicente, na costa de São Paulo, para baixo, estava tudo livre e desocupado. E para tal podiam ter trazido o gado do Cabo Verde ou da Espanha diretamente. Por terra podiam ter levado o gado, como de fato fizeram em companhia dos irmãos Góis, desde São Paulo a alguma de suas povoações, e de lá para a Banda Oriental. Villa Rica e Ciudad Real estavam no oeste paranaense. Assunção, Corrientes, Santa Fé e Buenos Aires ao

longo do Paraná. Dessas povoações passariam ao Uruguai. De fato como vimos, o caminho foi de São Vicente, e do Peru, para Assunção, daí para Corrientes e Santa Fé, e daí para leste em direção ao Uruguai. De Buenos Aires deveriam levar o gado por água, em pequena quantidade, ou em grupos maiores pelo delta do Paraná.

Para os *guaranis cristianizados e seus missionários*. Ou moravam na banda ocidental ou oriental do Uruguai. Em ambos os casos só podiam buscar gado *vacum* nas vacarias de Assunção, de Corrientes, e Santa Fé. Buenos Aires diante das outras possibilidades não entrava mais em questão. De fato consta que buscaram o gado *vacum* somente em Corrientes e Santa Fé. Ovelhas e cabras também as buscaram em Buenos Aires, como veremos mais tarde.

Teoréticamente também era possível que *outras nações* levassem gado para a Banda Oriental. Mas nos primeiros séculos não valia a pena, se não havia povoações da respectiva nação por lá. Depois de 1680 era mais cômodo aos ingleses e franceses comprar os couros, deixando o trabalho da criação e extração para os portugueses e espanhóis.

118. Entre todas estas possibilidades históricas *há apenas três realidades ou teses históricas*: os espanhóis, os índios e padres, os portugueses. Entre êstes três, há o problema *do fato*, da *primazia* e da *unicidade*. Temos que antecipar uma breve noção sobre cada uma das teses, para que se compreenda melhor, quando cada uma de por si fôr tratada.

A tese espanhola diz que Hernandárias lançou gado *vacum* na Banda Oriental em 1611 e 1617, mais ou menos entre a fóz do Rio Negro e a do Uruguai, e que êste gado se espalhou e caminhou para leste entre os rios daquela região, encontrando-se na Cuchilla Grande com o gado que descia das reduções orientais abandonadas em 1637, e, misturando-se com êle, formou a Vacaria do Mar. A tese espanhola reclama a primazia do lançamento porque o lançamento de gado dos missionários só podia dar-se entre 1630 e 40. Há alguns autores que reclamam também a unicidade. Mas isto é desconhecer totalmente os documentos coevos. Veremos se se pode dizer que o lançamento dos espanhóis influiu na formação da Vacaria do Mar.

Temos depois a tese *missionária*. Afirma em primeiro lugar o fato do lançamento feito pelos padres e índios das Missões, ainda que mais tarde que os espanhóis e na parte



noroeste da Banda Oriental. Mas vai-se provar que os portugueses, com Salvador Corrêa de Sá e Benavides, não lançaram gado algum. Parece igualmente certo que o lançamento dos espanhóis não frutificou, no sentido de formar vacaria que se encontrasse com a vacaria das missões. Por isto deve-se ver se a tese missionária pode reclamar não só o fato, mas também a unicidade do lançamento frutuoso. Poderia mesmo reclamar a primazia, se restringirmos o conceito de lançamento a lançamento com fruto permanente.

Temos enfim a tese *portuguêsa*. O segundo Governador de Colônia do Sacramento, Francisco Naper de Alencastre, diz, em uma carta ao rei, que os portugueses tinham até mais direito do que os espanhóis ao gado da Banda Oriental, pelo menos na parte do leste, uma vez que êste fôra lançado por Salvador Correa de Sá e Benavides, ex-ocupante de muitos cargos de govêrno no Brasil, e agraciado pelo rei com a donataria desta região. Veremos mais tarde que não há nenhuma verossimilhança na afirmação de Naper de Alencastre. Esta tese não reclama nem primazia nem unicidade. Reclama só o fato do lançamento feito por portugueses entre a concessão da mercê a Salvador Corrêa de Sá e Benavides e a fundação de Colônia. Veremos que até se pode negar o fato dêste lançamento.

#### 118a Divisão pormenorizada do capítulo.

#### PREAMBULO.

Aclarações (116)

Possibilidades teoréticas da introdução do gado (117)

Teses históricas ou práticas (118)

Divisão pormenorizada (118a)

#### EXPLANAÇÃO.

##### I. A tese espanhola.

###### A tese moderada

Origem e ocasião em que os espanhóis apresentaram a tese (119)

Provas da tese espanhola por declarações de Hernandárias.

O documento mesmo (120)

O conteúdo do documento (121)

Valor do documento: autenticidade (122)

veracidade (123)

Objecções contra a tese espanhola.

Afirmações contrárias: Padre Jacinto Marquez (124)

Ausência do gado no lugar em que devia estar...

O fato inegável da ausência (125)

Explicações que alguns dão à ausência

por enxotamento (126)

por emigração natural (127)

Textos que parecem provar a presença do gado (128)

Conclusão final... (129)

A sub-tese exagerada (130)

Conclusão geral sôbre a tese espanhola (131)

## II. A tese das Missões.

Conceitos claros da tese (132)

Conteúdo da tese (133)

Ocasião da tese (134)

Provas da tese

Testemunhos (135)

Fatos independentes de testemunhos interpretativos.

Padres e índios lançaram gado (137)

E lançaram com fruto permanente (138)

Fora dêles ninguém mais lançou com fruto permanente

nem os espanhóis (139)

nem os portugueses (140)

Conclusão final da tese das Missões

## III. A tese portuguesa.

A tese mesma ou afirmação (141)

As provas da tese

As provas que deveria haver e não há (142)

Fatos que fôssem causa ou efeito do lançamento.

Afirmações contestes de outras pessoas fora de Naper.

A única prova que há: a autoridade de Don Francisco Naper de Alencastre (143)

Seu estado de informação

Sua vontade de dizer a verdade

As objecções contra a tese.

Não tem as provas que deveria ter (144) (Cf. N. 142)

Praticamente foi julgada inaproveitável por Portugal (145)

O ambiente histórico a priori exclui o fato (146)

Resumo da tese portuguesa (147)

## IV. Resumo total sobre as teses em conjunto (148)

### *A tese espanhola em particular*

119. Devemos tomar de mais longe a origem e ocasião em que os espanhóis apresentaram a sua tese.

Segundo veremos na tese dos missionários e de muitos outros testemunhos, o gado das Missões abandonadas ante o avanço dos bandeirantes, se espalhara para sul e chegara, a crer nas afirmações dos portugueses, até Maldonado e Montevideu em 1680.

Por ocasião do sítio da Nova Colônia do Sacramento, os espanhóis se haviam dado conta desta imensa quantidade de gado que corria na Banda Oriental. Mas eles mesmos tinham nos pampas de Buenos Aires e Santa Fé gado *vacum* de sobra e quase não havia exportação, até que a compra de couros secos aumentou, repentinamente, com a intensificação da navegação inglesa e francesa para o Rio da Prata, e com a reocupação da Colônia em 1716. Por isso, de 1700 em diante os portenhos e santafecinos haviam quase dado cabo de seu gado chimarrão e começaram a querer vaquear, e muitas vezes o fizeram, na Banda Oriental, pois além do lucro em si mesmo, ainda havia a ganância do contrabando de couros e, o que era mais, o contrabando de outras coisas mais preciosas, com o pretexto da compra de couros.

Mas as Missões julgavam que aquêle gado procedia de suas vacas abandonadas. Precisavam dêste gado para alimentar 100.000 índios e para ir povoando as suas estâncias. Pretenderam, pois, que os espanhóis ou não vaqueassem ou vaqueassem com medida, para não exterminar também a Banda Oriental, como haviam já exterminado a sua Banda Ocidental.

Houve pleitos e contendas. Os espanhóis, para se tornarem inteiramente independentes de licença e moderação, intentaram provar que também eles, na pessoa de Hernandárias haviam contribuído para o estabelecimento daquela Vacaria. Procuraram e acharam documentos que aparentemente provavam, que o Grande Crioulo havia contribuído para a fundação da Vacaria.

**120. O documento de Hernandárias.** — Êste documento, segundo E.A. Coni, se acha no Archivo General de la Nación, Sección Tribunales, Legajo A, 3, com o nome de *Treslado en el Pleito entre Hernando Arias de Cabrera en el Cabildo de Buenos Aires y la Compañía de Jesús, años de 1729-35*». (1)

Pois bem, Hernandárias declara que se lhe haviam perdido uns documentos, em que se provava que havia lançado gado vacuum na Banda Oriental em 1611 e 1617. Queria refazer aquêle documento por meio duma declaração jurada, atestada por testemunhas também juramentadas. Fêz-se, como é de ver, a declaração acima citada e uma cópia ficou no arquivo da Câmara com o nome de Treslado... Esta cópia ou Treslado foi achado pela Câmara de Buenos Aires, quando pleiteava contra os padres e índios a propósito da Vacaria do Mar na Banda Oriental.

**121. O conteúdo essencial do documento.** (2) Afirma Hernandárias ter recebido em mercê ilhas do Uruguai que ficam em frente à bôca do Rio Negro e acima do Rio Salvador. Afirma além disso que lançou nas ilhas quantidade de gado vacuum e haverá dez anos lançou outras cinquenta cabeças. Mais adiante diz que um grupo de cinquenta foi lançado em terra firme. Portanto em essência 100 vacas, cinquenta nas ilhas e cinquenta na terra firme.

As testemunhas confirmam tudo e o capitão Gutiérrez detalha expressamente que as cinquenta terneiras levadas em 1611 para as ilhas, e as que em 1617 foram levadas para o Continente de São Gabriel, foram de barca até lá.

122. Será que Hernandárias realmente fêz aquela declaração? Pessoalmente cremos que a declaração é perfeitamente autêntica. E' autêntico o documento, se Hernandárias fêz a declaração e a fêz tal qual se encontra no arquivo. Em outras palavras, se quem cuidava do arquivo e quem mandou tirar cópia da declaração arquivada, não alterou nela nenhuma palavra. Ora é praticamente impossível qualquer alteração em 1628, quando se fêz a declaração e em 1728 quando se tirou a cópia do Treslado arquivado. Porque Hernandárias naquele tempo teria tido o interêsse, em que ficasse um treslado perfeitamente igual ao original, que levou consigo. E em 1728 a parte contrária no pleito estava sumamente interessada em destruir a argumentação do adversário caso não correspondesse à verdade. E se os cabildantes apresentaram cópia do Treslado, os jesuítas não deixariam de pedir também seu traslado. Todo o processo estaria mal para os cabildantes e bem para os jesuítas, se êstes pudessem provar falsificação de documentos oficiais. Também os notários, que os falsificassem, seriam passíveis de graves penas. Por tudo isto dizemos que a declaração de Hernandárias realmente se terá feito nos têrmos que os Cabildantes apresentam no pleito.

**123. *E a veracidade de Hernandárias?*** Podemos confiar na sua palavra e na das testemunhas? Todos declaram que a ordem foi dada e executada, não sabemos se pessoalmente por Hernandárias ou por algum agente seu. Êste agente, sem dúvida, seria algum parente ou servo fiel, que não podia ter interêsse em declarar executada uma ordem, que realmente não tivesse levado a efeito.

Será possível que Hernandárias pessoalmente faltasse à verdade? E' verdade que estava interessado nos efeitos da declaração. Garantiria a si e a seus herdeiros a preferência em vaquear naquela Banda. Patentearia diante do Rei seus merecimentos, e grangearia mercês e honrarias, por ter tornado habitável aquela Banda e tê-la conquistado para Sua Magestade.

Estava pois interessado. Mas o interêsse econômico não seria grande. Tinha campos e gados à vontade, a poucos passos das cidades. Para que incomodar-se com a longínqua Banda Oriental? Em 1628 ninguém poderia pensar nos futuros pleitos de 1728. Mesmo que os padres já em 1628 pensassem em levar gado para a Banda Oriental, certamente nunca pensaram em deixá-lo sôlto em Vacaria, quando era mil vêzes melhor tê-lo mais manso na estância. Mais interessado estaria Hernandárias nas mercês e honrarias que lhe caberiam, por «conquistar» a Banda Oriental. Interêsse havia. Mas parece que não havia condições para Hernandárias faltar à verdade. Todos os governadores tinham inimigos, e êstes não deixariam de pôr a nú diante do Rei uma falsificação dêste calibre, se o lançamento preconizado não tivesse sido feito realmente.

Hernandárias era um grande cristão, e tais também seriam os amigos que com juramento atestaram a verdade de sua declaração. Não podemos, sem motivo sério, desconfiar da veracidade de Hernandárias e de seus amigos.

Estas constatações sôbre a autenticidade do documento e sôbre a veracidade dos declarantes são de extrema importância. Houve um padre Jesuíta daquêles tempos que negou redondamente o fato de Hernandárias ter lançado gado na Banda Oriental do Uruguai, afirmando que, onde lançou, era na Banda Oriental do Paraná. (3) Cremos que êle fêz injustiça ao grande crioulo. Veremos mais abaixo como se explica tal exorbitância. (N. 124).

Nós pensamos que Hernandárias realmente lançou o gado e lançou-o na Banda Oriental do Uruguai e isto nos lugares que insinua. Mas pelas provas que se aduzem no ponto das objeções contra esta tese (N. 124-127), cremos que o gado vacuum lançado por Hernandárias não conseguiu fir-

mar-se. Não se desenvolveu em vacaria. Como pereceria? Não sabemos por enquanto. Talvez por causa dos charruas. A prova essencial da falta de arraigamento permanente do gado está na ausência dêste mesmo gado em tempos e lugares onde necessariamente devia estar, se se tivesse firmado e propagado em vacaria.

Só para antecipar um fato: em 1626, 9 anos depois do último lançamento de Hernandárias, sobe um branco para as missões a fim de convidar o Padre Roque Gonzáles, em nome do governador de Buenos Aires à conquista espiritual do Uruguai. Desce o padre Roque com êle e com grande escolta de índios, pelo Uruguai a Buenos Aires. Sobem dois padres e os índios da escolta pelo Uruguai para encaminhar a conquista espiritual, isto é a valorização da terra pelo menos em favor dos índios; depois inesperadamente sobem três espanhóis para serem corregedores dos povos fundados e a fundar, mas desce logo depois para evitar a revolta dos índios um padre a fim de agenciar a revocação dos três brancos; voltam êstes brancos a Buenos Aires. Tudo isto em 1626, isto é 15 e 9 anos respectivamente depois dos lançamentos feitos por Hernandárias. Será que todos êstes brancos, especificamente interessados no aproveitamento da Banda Oriental, não veriam nada nem ouviriam nada da parte dos índios ribeirinhos com tantas subidas e descidas pelo rio Uruguai? E não nos consta que haja uma só menção de gado *vacum* nesta Banda.

Talvez sejam precisamente êstes esforços do sucessor de Hernandárias os que levaram a êste, a querer acautelar os seus eventuais direitos sôbre o gado que se encontrasse na Banda Oriental. E não será estranho que Hernandárias se lembre de assegurar o fato de ter lançado gado, sem mandar ninguém averiguar se o gado se arraigou realmente? Temos para nós que Hernandárias em 1628 sabia que tinha lançado o gado, mas não sabia, se havia prosperado.

124. Mas passemos a resenhar ordenadamente *as objeções* que enfraquecem a tese dos espanhóis.

124a. A primeira objeção é a afirmação em contrário do Padre Jacinto Marquez. (4) No pleito de 1628 os cãbldantes aduzem em seu favor a autoridade de Hernandárias. A parte contrária aduz uma autoridade em contrário. Diz que o padre Jacinto Marquez fêz em 1670 «mais ou menos», por ordem de seus superiores uma viagem de inspeção à Vacaria do Mar em companhia de grande número de índios. E dizem então que, em certa altura, o Padre Marquez afirmou, diante dos índios, que todo o gado que viam e haviam

visto descendia do gado que as reduções haviam soltado quando da invasão dos bandeirantes. E que Hernandárias não havia soltado gado na Banda Oriental do Uruguai e sim na Banda Oriental do Paraná.

Este, em essência, o conteúdo das afirmações do Padre Marquez. Vamos agora examinar a questão. Em primeiro lugar deveríamos saber se o padre Marquez realmente afirmou o que dizem ter afirmado. No documento em questão se diz que o padre esteve com índios, a quem teria feito aquela declaração. Pelo contexto parece que o padre que depõe acerca da declaração do Padre Marquez, só chegou a saber dela através dos índios que acompanharam o padre Marquez. Na cadeia da transmissão que liga 1670 e 1728, quantos índios teriam intervindo até que se exarasse no papel pela primeira vez? Ora é tradição constante dos padres mesmos, que, quando se trata do dito de índios, deve-se desconfiar muito, até verificar a coisa por si mesmo. Dizem que o índio olha a cara do interrogante, e dá a sua resposta conforme pressente que lhe agrada ou o apazigua, chegando às vezes a condenar-se a graves castigos, contanto que no momento se livre do pesadelo dum interrogatório. Não conhecemos a cadeia da transmissão do testemunho do Padre Marquez. Mas em todo o caso parece que os primeiros foram índios, e isto exclusivamente. Donde nasce que não podemos ter muita certeza de que Marquez realmente afirmou o que dizem ter afirmado.

E a veracidade de Marquez? Será que sabia a verdade? Quanto ao seu saber, devemos certamente distinguir entre as várias partes da afirmação que faz. Quanto ao fato de ser o gado, que viam, descendente do gado abandonado pelas missões, Marquez evidentemente podia estar bem informado dos antigos padres e índios. Quanto a saber que descendia exclusivamente daquele gado abandonado, Marquez podia por experiência própria e alheia saber, já em 1670, que, se o gado de Hernandárias se tivesse arraigado permanentemente, deveria estar em certos e determinados lugares, e como não estava, podia saber que o gado de Hernandárias não frutificara permanentemente, e que portanto o gado que viam os índios descendia exclusivamente do gado das Missões. Quanto a Hernandárias ter lançado gado na banda oriental do Paraná Marquez podia tê-lo ouvido de centenas de brancos de Santa Fé, e era evidente por si mesmo, pois se todos lançaram gado na banda oriental do Paraná, como não o lançaria também o gênero do fundador de Santa Fé que tinha sido várias vezes governador?

Quanto a Hernandárias não ter lançado gado na Banda

Oriental do Uruguai, parece evidente que o padre Jacinto Marquez, em 1670, só conhecia a voz comum, que corria na tradição popular de que Hernandárias havia lançado gado na Banda Oriental do Uruguai. Mas como não via efeitos nenhuns do lançamento, pois que o gado não estava em lugares em que devia estar, concluiu que era pura voz comum e boato e que o lançamento de Hernandárias só se podia ter dado na Banda Oriental do Paraná.

Provavelmente aquela declaração de Hernandárias jazia escondida nos arquivos do Cabildo. Assim ficou ainda quase cinquenta anos depois da declaração do Padre Marquez, até que, em 1728, finalmente, foi achada. Mas, notemos bem, foi achada apenas a declaração de haver sido lançado o gado na Banda Oriental. Nada se diz na declaração se o gado se arraigou permanentemente, nem sequer se houve posto de brancos ou índios estancieros, para cuidá-lo.

Estamos seguros de que o Padre Marquez, se conhecesse o documento em que está a declaração de Hernandárias, nunca diria que Hernandárias não havia posto gado na Banda Oriental. Era grande demais o conceito de honradez que os jesuítas tinham dêste grande governador.

Se Marquez conhecesse a declaração, tiraria uma única conclusão viável e era que Hernandárias havia lançado o gado que diz ter lançado, mas que êste gado havia perecido, que não se havia desenvolvido em vacaria, que não havia contribuído na formação da Vacaria do Mar, na Banda Oriental. Nem é de estranhar, que Marquez desconhecesse a declaração, pois os espanhóis em 1671 estavam tão longe de querer pleitear, que só dez anos mais tarde chegaram a saber da existência do gado e só uns trinta ou mais anos depois da declaração de Marquez, entraram na cubiça do gado e só quase sessenta anos depois exumaram a declaração de Hernandárias.

E agora a veracidade de Marquez? Será que êle quis dizer tôda a verdade? Abstraimos do caráter de sacerdote, de religioso e de missionário que havia abandonado todas as riquezas e prazeres dêste mundo para passar infinitas canseiras para o bem estar material e espiritual dos índios. Tudo isto nos leva a supôr que Marquez não se mancharia facilmente com inverdades voluntárias.

Verdade é que fôra mandado pelo Provincial e Superior das Missões a inspecionar a Vacaria do Mar para informar os superiores a fim de êstes poderem fazer os seus planos. Os planos evidentemente eram aproveitar as Vacarias para os índios. E o fato de Marquez em 1670 falar aos índios da voz que corria de Hernandárias ter lançado gado na Banda



Oriental sessenta anos antes, prova que os responsáveis pelo bem material e espiritual das reduções haviam conferenciado sobre os aspectos jurídicos da Vacaria e então certamente se encontraram com a tradição de que Hernandárias lançara gado. Por isso, se bem que ainda faltassem 30 a 40 anos até surgir o pleito com os espanhóis, não se pode negar que o Padre Marquez estava interessado em reivindicar para os índios exclusividade no uso daquelas vacarias. Afetaria isto de alguma maneira a sua veracidade?

Creemos que no caso de Marquez conhecer claramente o depoimento escrito de Hernandárias, nunca afirmaria que Hernandárias não lançara gado na Banda Oriental do Uruguai. Mas como não o conhecia (isto é bastante provável!), e pelo contrário conhecia bem o fato de não haver gado chucro onde devia haver no caso de Hernandárias ter lançado gado e este ter-se arraigado definitivamente, por isto se inclinou a dizer que Hernandárias não lançara na Banda Oriental do Uruguai, mas do Paraná.

Além disso temos que considerar que o padre Marquez quando fez a sua famosa declaração, não estava diante de um oficial de justiça, não jurara dizer a verdade sobre «lo que supiere y le fuere preguntado». Não havia nenhuma solenidade nem formalidade. Marquez estava no meio da sua indiada, talvez numa roda de chimarrão com os seus vaqueiros. Conversando despreocupadamente sobre o muito gado que na excursão havia visto, declarou muitas coisas certas e uma que não estava certa. Temos por certo que Marquez, mesmo sem conhecer o documento de Hernandárias, se estivesse nas solenidades que a lei prescreve para declarações de importância, falaria com mais cautela.

Em resumo quanto ao testemunho do Padre Marquez: 1) Por haver na cadeia de transmissão oral da declaração de Marquez alguns e mesmo muitos índios, não podemos ter certeza da autenticidade; 2) cremos que fez a declaração com desejo de verdade, mas sem muita reflexão, no meio duma roda de índios, subjetivamente convencido de que dizia a verdade, uma vez que não via os efeitos que o lançamento de gado da parte de Hernandárias devia ter causado. Objetivamente esteve enganado por não fazer a distinção entre lançamento e lançamento frutuoso, que são duas coisas bem diferentes; 3) Todo o resto que dizem ter afirmado, se verifica ser verdade. Errou unicamente quando disse que Hernandárias não havia posto gado na Banda Oriental do Uruguai.

De tudo isto se conclui que a objeção feita com a afir-

mação do Padre Marquez, por si só, não enfraquece em nada a tese dos espanhóis.

**125. Segunda objeção contra a tese dos espanhóis:** não havia gado onde devia haver, se em 1611 e 17 se lançasse gado *vacum* nos lugares em que se diz ter sido lançado, e se este gado se desenvolvesse em Vacaria. Devemos ver a quantidade que devia estar e a ausência total que de fato se verifica.

Primeiro *onde* e em que *quantidade* devia estar o gado? Diz Hernandárias que lançou o gado em ilhas do Uruguai e em terra firme de São Gabriel. E' natural que lançasse em ilhas, se elas ordinariamente estavam fora do alcance das enchentes, porque a ilha sempre é a estância ideal por ter cêrca de água por todos os lados, ao passo que na terra firme as estâncias quase sempre têm que ser formadas por dois galhos de um rio, galhos estes que por sua vez mandam dois arroios um ao encontro do outro, formando assim uma terra fechada por água, menos entre as cabeceiras dos dois arroios menores.

Creemos que nenhum autor argentino ou de qualquer nacionalidade que seja, vai procurar estas ilhas muito acima da foz do Rio Negro, e a terra firme de São Gabriel nunca muito a leste de lugar, em que depois se fundou a Colônia do Sacramento, nem mais ao norte do que a foz do dito Rio Negro. Uns dizem que a ilha é a Ilha do Biscayno que está exatamente na foz do Rio Negro. A terra firme seria imediatamente a norte ou sul do mesmo rio. (5).

A quantidade de vacas lançadas é expressamente indicada por duas vêzes cinqüenta terneiras, ou vacas, que estavam para criar, naturalmente com o competente número de touros (6). Supomos também evidente, que o grande crioulo, criador e governador, que tantas cidades ajudara a fundar e que por 1607 patrulhara prolixamente tôda a parte da Banda Oriental, que fica entre o sítio da posterior Montevidéu e muitas léguas ao norte da foz do Rio Negro, supomos, repetimos, que este homem não lançaria o seu gado a esmo, em terra que não conhecesse de bons pastos e aguadas nas diversas estações do ano. Também consideraria a interferência dos charruas, que alternavam amizade e inimizade com os espanhóis, cujas estâncias caminhavam naquele tempo de Santa Fé em direção do Uruguai.

Temos portanto 50 vacas em 1611 e 50 em 1617. Quantas seriam ao todo em 1628, quando Hernandárias fêz a sua declaração? 50 vacas por 17 anos e outras cinqüenta por mais 11 anos? — Quantas seriam em 1671? 100 vacas res-

pectivamente por 60 e 54 anos? Quantas em 1680, na fundação da Colônia do Sacramento, quando de novo se constatou a sua ausência naquele lugar? 100 vacas por 70 ou 64 anos respectivamente?

Achamos que nas piores circunstâncias possíveis, que se possam imaginar para aquêlo tempo e aquêlo lugar, deveriam chegar ao menos a algumas dezenas de milhares de cabeças. Onde estava êste gado, que, ao que parece, nunca foi constatado?

Não se diga que as pastagens não prestavam, e que o gado emigrou. Hernandárias não lançaria o seu gado em pastagens, tão ruins que obrigassem o gado a emigrar totalmente. Além disso sabemos que, quando depois da fundação de Colônia, espanhóis e portugueses introduziram o gado naquela região, êle prosperou admiravelmente. Nem podemos imaginar-nos outros fatores adversos naturais, como feras, ou humanos, como os charruas, que obrigassem o gado a emigrar totalmente para centenas de quilômetros de distância

E agora os fatos que mostram não ter estado o gado lá onde devia estar, se com êste casco inicial e com êste tempo à disposição tivesse prosperado.

Temos em primeiro lugar as pessoas, que não falaram dêste gado, quando não podiam deixar de falar, se o tivessem visto ou dêle tivessem ouvido falar.

Em 1626 o então Governador de Buenos Aires, Don Francisco de Céspedes, sabendo que os padres da Companhia estavam para passar à catequese na Banda Oriental do Uruguai, concebeu o plano de granjear mais alguns títulos para mercês diante do Rei, e mandou a Fernando de Zayas, que, em companhia de alguns índios, subisse o Uruguai. Zayas demorou-se meses na viagem até conseguir os passaportes da parte dos Charruas. Chegou até Concepción, abaixo da foz do Piratini, onde encontrou ao padre Roque Gonzales de Santa Cruz, a quem comunicou os planos de Céspedes de entregar tôda a Banda Oriental à catequese da Companhia. Se não já antes, pelo menos então, começariam o Padre Roque e seus companheiros a pensar nas possibilidades de sustentar os índios da Banda Oriental, caso se convertessem. E como em tôda a parte a sustentação por excelência era a carne de vaca, seria de estranhar se Roque não andasse já pensando neste ponto. Depois desceram Zayas e Roque por via fluvial até Buenos Aires. Ia em sua comitiva uma escolta grande de índios. Combinadas todas as coisas referentes à ocupação da Banda Oriental, voltou o Padre Roque com mais outro Padre, novamente, Uruguai acima,

com a cabeça cheia de planos sôbre tudo o que se referia à Banda Oriental. Quando já estava trabalhando a todo vapor nas missões, eis que Céspedes teve a infeliz idéia de mandar três espanhóis Uruguai acima, para as reduções, a fim de que servissem de corregedores dos povos, que se fundassem. Era contra a lei e os índios se mostraram tão revoltados que os padres resolveram enviar um padre Uruguai abaixo para pedir ao Governador que revogasse a disposição. Aceitou o Governador a sugestão e voltaram os três Uruguai abaixo. Todos êstes, padres e espanhóis, ao subirem e descerem, evidentemente tinham a cabeça cheia de planos de como proceder no aproveitamento da Banda Oriental. E' evidente que não viajariam meses e meses a serviço duma causa, sem que, de passagem ao menos, se informassem dos índios ribeirinhos ou por si mesmos, das condições que havia na terra. E, nestas condições, será que foi possível, que não vissem nem ouvissem falar de gado *vacum* nas ilhas do Uruguai ou nas suas margens, e nunca conversassem sôbre estas coisas, em caso de ter visto gado ou dêle ter ouvido? Ora não consta coisa alguma a respeito.

Disto segue com bastante probabilidade que 15, respectivamente 9, anos depois do lançamento, que fêz Hernandárias, não aparecia o gado nos lugares, em que devia aparecer, e em que devia ter sido visto de alguma maneira por gente tão interessada e inteligente, que subia e descia o Uruguai. (Jaeger: Os Três Mártires Riograndenses, 1951, pg. 171).

Parece também que as margens do Rio Uruguai, bem como as ilhas e terras do delta eram bastante frequentadas pelos portenhos à procura de lenha e carvão vegetal. Pelo menos mais tarde, nos litígios da Colônia, sempre ocorre menção da «faena» de lenha, tanto para portugueses como espanhóis, nas costas do Uruguai. Ora porque nunca nenhum dêstes lenhadores faz menção de gado que encontrasse naquelas partes? Ocorre-nos que até é possível terem sido os lenhadores, de parceria com os charruas quem deram cabo daquêle gado, que lhes forneceria carne fresca, gratuita, durante o tempo de trabalho.

Os militares espanhóis, que, uns 20-30 anos antes da fundação da Colônia pelos portugueses, foram mandados para uma «correduria» pelas campanhas da Banda Oriental, falam, e com ênfase, dos gados *vacuns* que viram nas margens do Jacuí, mas nada dizem de gados encontrados a sul ou a norte do Rio Negro, nem na sua foz nem nas suas cabeceiras. (7). Ora isto tudo devia estar formigando de gado, se o gado de Hernandárias se firmasse e desenvolvesse em forma

de vacaria, como supõem praticamente todos os historiadores do gado rioplatense. Veremos mais tarde (números 126 e 127) as explicações que se dão para esta ausência quase inexplicável.

Mas a ausência mais clamorosa se verificou em 1680, por ocasião da fundação, sítio e conquista da Nova Colônia do Sacramento. Nesta data constatou-se a ausência do gado por todos os grupos étnicos que estavam empenhados na luta. (8).

Primeiro os portugueses. Em todos os documentos anteriores e posteriores a esta fundação, se fala do gado e dos campos para gado. Vejam-se a êste respeito os pareceres dos Conselheiros do Rei que opinavam por exemplo sôbre a fundação que desejava fazer Salvador Correia de Sá e Benavides (9). O gado era um dos principais fins econômicos das fundações dos portugueses na Banda Oriental. Portanto, é evidente que tinham olhos para ver e ouvidos para ouvir tudo o que se relacionava com um dos fins principais a que vinham, que era o gado.

E o que nos diz a relação oficial do fundador e primeiro governador? Fala do gado que viram em Maldonado, onde saltaram em terra alguns, e dizem que era grande, que era vermelho, e que fugiu imediatamente para longe de modo que só puderam apanhar — provavelmente a tiro — algumas poucas rezes para consumo do navio. A mesma coisa diz do lugar de Montevideu em que saltaram e inspecionaram a terra. Depois navegaram uns 200 quilômetros mais para oeste e fundaram «em São Gabriel» no continente, a Nova Colônia do Sacramento. Será que Dom Manuel Lobo que tão cuidadosamente anota a presença do gado nos dois referidos lugares não anotá-lo-ia também onde mais importância teria, isto é no lugar da fundação? E' evidente que se os portugueses não falam de gado em Colônia no ano da fundação, é que lá não havia gado vacuum.

Temos portanto como primeiro argumento o silêncio dos fundadores de Colônia. Além disso temos ainda depoimentos positivos, ainda que indiretos, da ausência do gado na região da Colônia. Manuel Lobo descreve dramaticamente as dificuldades de abastecimento que passaram mesmo antes da chegada dos sitiadores. Naufragara uma sumaca, que, da costa do Brasil, devia trazer abastecimentos, sobretudo farinha de mandioca. Com isto chegaram a estar em tão grave situação alimentar que muitos «paulistas», como os chama Manuel Lobo, ameaçaram seriamente passar-se aos inimigos espanhóis, se não se conseguisse dar um jeito naquilo.

Para aliviar a falta, caçavam perdizes e veados, enquanto ainda não havia bloqueio. (10).

Verdade é que os portugueses em Colônia não podiam aventurar-se muito longe da incipiente fortaleza, ainda que não estivessem sitiados desde logo. Porém havia o perigo dos índios charruas e também das patrulhas guaranis. Uma destas aprisionou a Jorge Soares de Macedo. Também poderiam aparecer a qualquer momento os espanhóis para sitiá-lo. Não obstante os portugueses poderiam ter mandado alguns exploradores para alguma distância a ver se encontravam gado, como o haviam encontrado e visto em Maldonado e Montevideu.

Portanto, se os portugueses não falam de gado, antes indiretamente falam que faltava ao redor da Nova Colônia, então é que não o havia.

Para elucidar completamente a questão de os portugueses não terem constatado o gado *vacum*, temos que considerar a possibilidade de Hernandárias ter posto o gado na margem norte do Rio Negro ou ao menos imediatamente a sul dele, entre os rios Negro e San Salvador. Ambos os rios têm direção leste-oeste e são bastante fundos para não deixarem passar tão facilmente o gado, sobretudo se bordados de mata ciliar, com as feras que poderia abrigar esta galeria vegetal. São, pois, duas barreiras que encaminhariam o gado para leste. Mas o fato de ter sido pôsto ali deve ser primeiramente demonstrado incontestavelmente. Depois deviam apontar-se razões de o gado não ter dobrado pelas cabeceiras e voltado para oeste, enchendo os rincões da futura Colônia do Sacramento. Pois neste caso devia ter sido encontrado em diversas ocasiões por gente que passava por lá, e sobretudo pelos índios e espanhóis que sitiavam a Colônia, logo depois de sua fundação em 1680, bem como pelos próprios portugueses, quando aportaram para a mencionada fundação. Também se deviam aduzir razões, que explicassem racionalmente a migração total do gado para leste, como sejam inferioridade notável no pasto, nas aguadas, no clima, na salinidade, na presença de feras e índios destruidores etc.

Mas todas estas alegações ao nosso modo de ver ficam inteiramente derrubadas pelo fato de se criar depois da fundação grande quantidade de gado a sul e a norte do Rio Negro, e na direção a Montevideu, gado êste proveniente de manadas abandonadas, de propósito ou por estarem cansadas, pelos índios e espanhóis, e mesmo nas estâncias clandestinas que os portugueses mantinham nos arredores de Colônia. Basta dizer que em 1705, num novo sítio da Colônia,

se gastaram pelos sitiante 184.000 vacas arrebanhadas dos arredores de Colônia. (11).

Além dos portugueses, também os espanhóis e índios constataram em 1680 a ausência de gado *vacum* num raio de mais ou menos 100 a 200 quilômetros. Os fatos que o demonstram são brevemente os seguintes: (12).

Requeridos os portugueses de desamparar o lugar em que haviam fundado, e tendo estes recusado redondamente, fêz-se a convocação das forças para bloquear e exterminar a nova fundação, que Espanha julgava evidentemente dentro de sua circunscrição. De Santa Fé veio o Tenente de Governador Don Antônio de Vera Muxica com os soldados espanhóis que foram engajados. Traziam sua tropa de gado para o consumo. Mas ao chegarem ao Paraná se lhes acabaram as vacas. Felizmente para eles estavam aí as vacas, com que haviam vindo das reduções alguns milhares de soldados índios. Tiveram que repartir com os espanhóis. Mais tarde veio em auxílio outra tropa de gado, que uma segunda parte do exército indígena, ao descer para o sítio da Colônia, havia ido a buscar, dando uma volta pela Vacaria do Mar, que ficava muito mais para leste do que o caminho que seguira a outra parte do exército, que tivera que repartir suas vacas com os espanhóis.

Mas chegados à Colônia e estabelecido o bloqueio, eis que de novo se acabam as vacas do terceiro lote, que se havia trazido.

Mandou-se então um padre com 60 índios vaqueiros buscar gado nos lugares mais próximos em que houvesse, certamente já com a intenção também de tirar o engodo que o gado constituia para os portugueses. O lugar mais próximo em que acharam gado foi nas cabeceiras do Rio Santa Lucia. Seriam uns 200 quilômetros de distância. E pelo visto era o gado que sobre a Cochilha Grande se encaminhara para Maldonado e Montevideu e, enchendo este espaço, estava começando a transbordar pela cabeceira do Santa Lucia, e começando a encher o grande rincão formado pelos rios Santa Lucia e San Salvador, e em parte Rio Negro.

Tudo isto se deu no próprio ano da fundação da Colônia em 1680. Quais as conclusões de todos estes fatos? Em primeiro lugar parece evidente que no rincão formado pelo Santa Lucia e San Salvador-Rio Negro não havia gado *vacum* em 1680. Segundo, parece que também não o havia na altura da foz do Rio Negro. Não nos consta se os espanhóis passaram o Uruguai acima ou abaixo da foz do Rio Negro. Depende da facilidade dos passos que havia. Em todo o caso parece certo que os soldados índios desceriam ao longo da

margem esquerda do Uruguai, tendo pois que vadear o Rio Negro em alguma passagem mais fácil que houvesse. Se houvesse gado vacum — e devia havê-lo em abundância, se Hernandárias lançou seu gado por aí, porque a terra era boa e boas as aguadas — se houvesse gado por ali, por que não se mencionaria nas relações da Campanha? Será que não aproveitariam a ocasião de levá-lo, uma vez que os espanhóis já estavam em tanta falta de carne que diz um padre que um espanhol quebrou a cabeça de um índio, só porque êste lhe negou uma vaca? Pode talvez ter havido um que outro morador branco com alguma vaca nos currais ou numa ilha, mas Vacaria pròpriamente dita parece que não pode ter havido. De outra forma, não se explica o procedimento dos beligerantes.

A ausência de gado ao redor de Colônia também fica demonstrada pelo testemunho de várias pessoas que afirmam sob juramento que êste grande rincão foi povoado de gado depois de 1680 pelas vacas que os índios iam deixando em lugares apropriados, ou por estarem elas cansadas, e não poderem seguir a tropa que por sua vez não podia parar, ou por quererem povoar de propósito de gado aquêles lugares. (13). E' verdade que a lotação voluntária seria apenas em lugares algo mais afastados do alcance dos portugueses, ou em tempos, em que a Colônia não estivesse ocupada pelos portugueses. O povoamento voluntário era mais para a banda do Rio Negro na extremidade sul da posterior estância de Japeju.

Também é verdade que logo depois da conquista da Colônia pelos Espanhóis, os chefes dêstes mandaram aos padres das missões que com seus índios retirassem, quanto possível, todo o gado na faixa costeira desde a foz do Uruguai até a região das grandes Lagoas Mirim e dos Patos. Isto afim de destruir o chamariz dos portugueses e privá-los da arma de guerra que eram as vacas e os cavalos chucros em tôda esta extensão.

Em resumo: ninguém negará que em 1680 não havia gado vacum no rincão formado pelo Rio Santa Lucia e Rio Negro, a não ser o gado que os sitiantees espanhóis e guaranis trouxeram quando vieram para sitiar e expulsar os portugueses da cidade-fortaleza por êles estabelecida neste mesmo lugar. Concordam nesta tese, Cocci, Caviglia, A. Pôrto.

Alguns autores tiram desta constatação que Hernandárias não lançou o gado que diz ter lançado nesta região. Acoimam, pois, de mentiroso ao grande Hernandárias. E mentirosos também aos testemunhas que, com juramento, atestaram a mesma coisa. Nós cremos que esta atitude ex-



trema é insustentável em face dos argumentos expostos em os números 120, 121, 122, 123, 124. — Nos mesmos números já expusemos a explicação que nos parece a mais natural e verdadeira e que consiste em distinguir, como é fácil de conceber-se, entre lançamento e lançamento frutuoso e permanente. O ponto fraco desta afirmação é explicar porque as cem vacas de Hernandárias não se desenvolveram em vacaria e sim se extinguiram. Em outros números detalharemos uma resposta: em resumo seria a falta de povoadores humanos para cuidar dos inícios, quando ainda podiam ser facilmente extintas as vacas, seja por feras, seja por índios charruas, seja pelos lenhadores que frequentariam aquela região e se proveriam de carne fresca nas vacas, de que ninguém cuidava.

Vejam os agora outras explicações que se dão para a mencionada ausência.

### ***126. Ausência do gado em Colônia explicada por enxotamento.***

Usando a palavra enxotamento devemos distinguir muito bem duas coisas inteiramente diferentes: Uns explicam a ausência do gado ao redor de Colônia por enxotamento feito pelos índios cristãos das reduções, outros pela ação dos índios charruas, em épocas anteriores à fundação da Colônia do Sacramento.

Em se tratando dos índios cristãos tôda a questão está em ver se os índios fizeram tal enxotamento antes ou depois da fundação de Colônia. E' verdade que depois da expugnação da Colônia, em 1680, e ainda depois da sua restituição por convênio de 1681, o Governador de Buenos Aires mandou aos índios e padres que enxotassem o gado da costa, seja da região de Colônia, onde começava a multiplicar-se o casco que havia ficado ai de vacas cansadas ou disparadas ou deixadas de propósito por algum interessado, seja da região de Montevideu e Maldonado, aonde já havia chegado o gado descido do norte e onde, como vimos, foi constatado pelo próprio fundador em viagem para a fundação. Há um testemunho que afirma que os padres e índios tiraram de Castilhos Grandes, isto é ao sul da Lagoa Mirim 80.000 vacas. Mas tudo isto não explica nada da ausência do gado, ao redor de Colônia, em 1680, quando da fundação daquela praça. (14).

Mas há outros, e entre eles parece estar Dom Manuel Lobo, que gratuitamente afirmam que os padres e índios enxotaram o gado antes de fundação de Colônia em 1680 (15).

Isto, entretanto, em primeiro lugar, é uma afirmação gratuita sem prova alguma, e, que gratuitamente se pode negar, sem fazer agravo a quem faz a afirmação. A afirmação, além de não provada, parece também bastante absurda. E' verdade que índios, padres e por meio dêles os espanhóis, sabiam que alguma coisa grave estava no ar, a julgar por certos movimentos que se notavam no Brasil. Mas não sabiam nem quando, nem onde, se fundaria nem sequer sabiam se se tratava de uma fundação ou de uma invasão. O próprio fundador de Colônia, ao fazer-se à vela, não sabia ainda se fundaria em Maldonado, Montevidéu ou no lugar que depois se chamou de Colônia. Perguntando a sã razão, deviam os índios, padres e espanhóis suspeitar que os portugueses, se fundassem, fundariam antes em Laguna, Rio Grande, Maldonado ou Montevidéu, do que na foz do Uruguai, longe das bases de abastecimento de Santa Catarina, e São Paulo e Rio de Janeiro.

Portanto se era para enxotar gado, enxotariam de Maldonado e Montevidéu. Ora dêstes lugares não enxotaram, porque o fundador de Colônia constatou ali gado vacum em certa abundância, sem constatar nada da presente ou passada ação dos índios. Assim parece absurdo afirmar que os padres e índios enxotaram o gado antes da fundação de Colônia da região de Colônia. O absurdo aparece também de outra série de fatos. Se Hernandárias soltou suas cem vacas naquelas regiões entre 1610 e 1620, então parece óbvio, que, dada a relativa bondade da terra para a criação de gado, aquilo devia estar bastante atonetado de gado vacum em 1680, decorridos que eram uns 60 a 70 anos. Digam agora os entendidos, se é possível, com os meios daqueles tempos e naquelas circunstâncias esvaziar, mais ou menos completamente, de gado uma área de 100 a 200 quilômetros de diâmetro, subdividida numa multidão de rincões, formados por rios e arroios, quais os apresenta qualquer mapa daquela região.

E mesmo que fôsse possível tal façanha, como se explicaria que aquela região palmilhada todos os anos pelos lenhadores e carvoeiros de Buenos Aires, tenha tido tanto gado por mais de cinquenta anos e nunca ninguém tenha sabido disso e deixado algum rasto nos documentos, quando tal achado teria sido uma verdadeira providência para os que lenhavam na região ou pelo menos nas ilhas fronteiras.

E mesmo que tivesse sido possível a façanha do enxotamento pelos índios, antes da chegada dos portugueses, como é que desta ação tão conspícua e proveitosa para os índios e para os políticos do Rio da Prata, não ficou constância alguma na vasta documentação coeva, anterior e posterior?!

Até ter provas em contrário, parece-nos que a tese do enxotamento anterior à fundação de Colônia é uma das coisas mais absurdas que se podem afirmar, porque não sabendo nem que, nem onde, nem quando iriam fundar os portugueses, não havia motivo suficiente para enxotar o gado. E ainda que soubessem, não era tão fácil esvaziar de gado uma área tão grande. E se o fizessem deveria ter ficado qualquer constância nos documentos.

Caviglia menciona outro enxotamento, feito eventualmente pelos charruas, nos anos que se seguiram ao lançamento por Hernandárias. Não sabemos se os charruas por êstes tempos já tinham o uso do cavalo. Certamente os charruas de Entrerrios, que desde cedo estavam em contato com os santafecinos, bem cedo conheceriam vacas e cavalos. Sabemos que em todo o caso por 1636 os charruas ocidentais ou jarós costumavam passar para a banda Oriental do Uruguai, com os seus cavalos a dar guerra aos charruas orientais (16). Não sabemos quando os charruas orientais aprenderiam a lidar com gado.

Diz, pois, Caviglia que os charruas orientais, com suas gritarias e correrias, não sabemos se atrás do gado ou atrás de outra caça, assustariam o gado e o fariam correr para leste. (17). Assim se afastaria da costa do Uruguai e se encaminharia para a costa do mar em Maldonado e Montevideú, deixando vazia a rinconada S. Lucia-Rio Negro.

Para ser possível êste mecanismo de enxotamento deveria haver Charruas na Costa do Uruguai sem havê-los mais para leste. Ou deveria haver na costa do Uruguai muito mais charruas do que para leste, terra a dentro. Porque do contrário os charruas do leste pelo mesmo motivo enxotariam o gado de volta. O mesmo se daria se ambos os grupos de charruas abatessem o gado para alimentar-se. Mas neste caso nenhum charrua ribeirinho teria interêsse em enxotar para longe a sua comida.

Além disso devia-se examinar se os charruas com ou sem uso do gado faziam tanto barulho que bastasse para enxotar para sempre o gado. Cremos antes que os índios em geral, tanto por causa da caça como por causa de seus inimigos, são antes mudos do que gritadores. Se afugentam talvez num pequeno rincão, não podem esvaziar uma rinconada de 200 por 200 quilômetros em quadro.

Além disso, se tivesse havido ao menos no princípio muito gado na região da dita rinconada Rio Negro-Rio Santa Lucia, disto devia ter ficado alguma constância nos documentos coevos. Porque em 1626 entre tantos brancos que sobem e descem pelo Uruguai, nenhum fala de gado? (18).

Porque Hernandárias e seus amigos, quando, em 1628, atestam o lançamento do gado, não mandam uma canoa verificar se o gado de fato ainda está? Porque os lenhadores que andam sempre pelas costas do Uruguai e do Paraná nunca falam de gado?

Creemos portanto que a teoria do enxotamento do gado antes de 1680 pelos índios charruas está bastante incerta, para não dizer bastante absurda.

**127. Resta ainda a teoria da migração natural do gado de oeste para leste, como tentativa de explicar a ausência do gado na rinconada Rio Negro-Santa Lucia.**

Para examinar imparcialmente esta teoria devemos considerar todas as possibilidades.

Entre o Rio Santa Lucia e o de San Salvador só há uma série de rios pequenos e arroios. Portanto se o gado se soltasse nesta região, naturalmente encheria o corredor entre dois arroios até poder vadear um deles por um vau ou por sua cabeceira. Assim sucessivamente encheria todos os sub-rincões até encher tôda a grande rinconada. Então ou já antes começaria a transbordar para fora por cima do divisor das águas dos grandes rios.

Entre os rios San Salvador e Rio Negro há um estreito corredor que leva para leste. Se o gado se soltasse na base desse corredor ou seja na margem do Rio Uruguai, o gado estaria obrigado naturalmente a ir enchendo o corredor até transbordar pela cabeceira do Rio San Salvador. Depois de transbordar, o gado ou continuaria sôbre as terras altas para leste até o mar, ou dobraria pelas cabeceiras do San Salvador e entraria na rinconada San Salvador-Santa Lucia. Que motivos teria para continuar para leste e não entrar pelas ditas cabeceiras e voltar para oeste e sudoeste? Feras? Salinidade demais ou de menos? Pastos? Aguadas? — Creemos que de 1611 e 1617 até 1680 teria havido tempo de sobra para a volta em direção oeste e para encher a rinconada Santa Lucia-San Salvador.

Entre o Rio Negro e o Rio Gueguai há também um corredor que leva para leste. Mas o Gueguai é muito mais curto que o rio Negro. Seria pois de esperar que o gado ao chegar à cabeceira do Gueguai desse a volta e enchesse a rinconada que fica a norte deste rio. A não ser que tôda esta região a sul e a norte do Gueguai fôsse tão inferior em condições de vida para o gado que êste se visse obrigado a abandonar a vizinhança do Uruguai em 100 ou mais quilômetros de distância para dirigir-se em direção a leste para o mar.

Temos assim equacionado o problema da migração. Mas

notemos bem, emigrar não é avançar em forma de enchente: encher um rincão pela multiplicação natural, transbordar, e começar a encher um outro rincão, *permanecendo* no anterior. — Emigrar é avançar em forma de nuvem: deslocar-se como nuvem para a saída nas cabeceiras e sair por elas, sem deixar nenhum gado atrás de si. Para proceder de tal maneira o gado deveria encontrar tal diferença nas condições de vida dentro e fora do respectivo rincão, que o rincão anterior funcionasse como repulsa e o da frente como atração.

Ora vimos no capítulo das leis da migração, que existem, de verdadeiramente eficazes neste sentido unicamente, o pasto, a aguada, a salinidade, o clima, e em grau mínimo alguns seres vivos como feras, motucas.

O gado de Hernandárias foi lançado nas margens do Uruguai. Para motivar a emigração natural devia, pois, haver desde estas margens até as cabeceiras um aumento constante na *melhora* do pasto e da água, da salinidade ou da benignidade do clima, e diminuição constante de inimigos naturais, e tudo isto com diferença de tal magnitude que determinasse a constante emigração do gado *em forma de nuvem*. De per si não adianta que houvesse melhoria apenas além das cabeceiras porque o gado, que estava na margem do Uruguai, não o podia saber à distância. Podia alguém dizer: Bem, o gado encheu os rincões e chegando nas cabeceiras experimentou tal melhoria de condições que puxou todo o rincão atrás de si para fora. Cremos que tal não se daria. O gado que em núcleos teria ficado atrás não chegaria a saber do que acontecia com os núcleos, que ficam mais na frente. O gado não se espalha em massa uniforme, mas em núcleos ou querências. Estas naturalmente só entram de novo em contato quando há superlotação e é preciso que saiam pontas de gado da querência, podendo nesta ocasião topar com outras pontas de outras querências, que também estejam à procura. Um pasto tosado e repisado regularmente pelo gado só se melhora, não piora, a não ser que haja superlotação.

Dêste modo não se concebe que o gado abandone o pasto só por ter sido usado por êle no ano anterior. Concebe-se facilmente, que o gado soltado por Hernandárias enchesse totalmente os rincões e dêle transbordasse, mas não que os abandonasse completamente. Para isto deve haver razões muito fortes que atraiam pela frente ou repilam pelas costas. Haverá tal diferença de pasto, de aguada, de salinidade, de clima, de oeste para leste?

Caviglia, concedendo a ausência de gado nas margens do Uruguai e querendo sustentar a transformação do gado de

Hernandárias em Vacaria, sugere — e deve sugerir — a teoria da migração na forma de nuvem acima mencionada, ainda que não empregue exatamente êste t rmo. Depende agora dos conhecedores exatos da região indicada, dizer-nos se existe realmente tão grande diferença de condi es que basta a explicar a migra o, em forma de nuvem, para fora das ditas regiões.

128. Devem-se examinar alguns textos que parecem provar a presença de gado *vacum* em Soriano em 1680. Tal parece ser o que apresenta Caviglia em seu livro sobre o gado no Uruguai (19). Entretanto neste lugar parece deixar indecisa a data, indicando 1680-1705. Que depois do sítio da Colônia se tenha espalhado gado em t da aquela região pelo abandono de gado cansado ou disparado,   coisa evidente. Todo o pivô da questão está em provar que havia gado antes da funda o e que êste gado deva ser descendente do gado deixado al  por Hernandárias entre 1610 e 1620. Mas parece que há tal documento em Caviglia (20). Dois esp es castelhanos que controlavam os navios portugueses, informam aos lusitanos, que em Santo Domingo Soriano havia algum gado; mas que êste não podia descer   Colônia por causa dos muitos rios que haveria que vadear. Também informaram, que os índios, que cuidavam do gado, eram muito brabos, e matariam os brancos que por l  aparecessem (21). Constará seguramente a existência deste gado? Qual a quantidade? Parece seguro que não seria uma verdadeira Vacaria, como deveria ser, se se tratasse de gado descendente dos sementais lançados por Hernandárias a tanto tempo; e se não era Vacaria, isto é manadas chucras extendidas sobre centenas de quilômetros, não poderia ter influído nem ter-se comunicado com a Vacaria que descia pela divisa das  guas desde as antigas cria es dos guaranis. E se fôsse Vacaria não podia deixar de ser mencionado por alguém que por l  passasse.

Pela indica o de Caviglia e pelos diários de campanhas de todas as lutas na Banda Oriental, em que tomavam parte santafezinos, consta que a passagem do Uruguai se fazia na altura da foz do Rio Negro ou antes um pouco para cima. Se portanto o gado de Soriano em 1680 fôsse uma quantidade apreciável ou mesmo uma Vacaria no sentido próprio da palavra, seria impossível que não a enxergassem os padres e guaranis, que aos milhares desciam pela margem do Uruguai para o sítio da Colônia, e os santafezinos que naquela altura passavam o Uruguai e tiveram tanta falta de rezes que tiveram que pedir aos guaranis, que só haviam trazido

para si o suficiente. E os vaqueiros guaranis não seriam logo mandados buscar mais gado para todos, nas cabeceiras do Santa Lucia, sem que ao menos se mencionasse nesta ocasião a causa de não terem trazido mais gado das margens do Rio Negro ou não o terem ido buscar nesta ocasião. O fato é que não existia em Soriano se não uma pouca quantidade de gado, que era propriedade de um estabelecimento de índios charruas. Seja como fôr, a existência de uma pequena quantidade de gado vacum na foz do Rio Negro, não prova de forma alguma sua descendência do gado de Hermandárias. Coni demonstra que desde os primeiros tempos de Santa Fé, fundada em 1573, os charruas de Entrerrios tinham em geral boas relações com os estancieros espanhóis de Santa Fé, trabalhando até, a seu modo, nas ditas estâncias. Por documentos jesuíticos de 1636 consta que os charruas de Entrerrios costumavam passar a cavalo para a Banda Oriental, afim de guerrearem com os charruas orientais. Ora, se os charruas entrerrianos em contato com as estâncias e Vacarias santafezinas de Entrerrios, iam e vinham à Banda Oriental, bem é possível que os charruas orientais fizessem a mesma coisa. E se passavam cavalos, é bem possível que também passassem algumas vacas, ainda que parece contar a preferência dos charruas pela carne equina, pelo menos nos primeiros tempos. Seja qual fôr a origem do gado de San Domingo Soriano, a sua pouca quantidade exclui um influxo real na formação da Vacaria do Mar, que foi a matriz de todas as Vacarias e estâncias da Banda Oriental.

129. *A conclusão final* que se nos apresenta com respeito às objeções feitas contra a tese dos espanhóis, é que o testemunho contrário do Padre Marquez parece ter pouco valor. Pode haver dúvidas sôbre a autenticidade de sua declaração; esta foi feita sem muita formalidade e por isto mesmo sem cuidadosa informação antecedente. Mas a objeção da ausência do gado é séria e de difícil solução para os defensores da tese.

130. Resta mencionar uma sub-tese exagerada, que Aurélio Pôrto atribui a Ordoñana, seguindo nisto a Caviglia (22).

Ordoñana afirmaria pois que todo o gado da Banda Oriental descenderia do gado lançado por espanhóis na Banda Oriental. Se a afirmação apenas quer excluir uma contribuição portuguesa na introdução do gado vacum na Banda Oriental, então teria razão Ordoñana. Também teria razão se quer incluir na palavra, «espanhóis» os padres que coman-

davam os índios guaranis cristãos na introdução que êstes fizeram em 1634, na suposição certa de que os índios, sem os padres, não fariam tal introdução, então também tem razão. Mas se quiser dizer que todo o gado da Banda Oriental se deve ao lançamento feito por Hernandárias então parece que está errando duplamente: primeiro porque nega a contribuição dos padres e índios, que hoje em dia nenhum historiador sensato, medianamente informado, pode negar, e segundo porque vimos que parece que o gado, que lançou Hernandárias nem sequer chegou a prosperar ou influir na gaderia da Banda Oriental. Se Ordoñana ou outros com êle quiserem afirmar apenas que o gado ao redor de Montevidéu, depois da extinção da Vacaria do Mar, teve que ser levado, pelo menos em parte, desde Buenos Aires para iniciar o sistema de estâncias dos espanhóis, então também tem razão, porque é um fato que em 1743 levaram gado da banda de Buenos Aires para a Banda Oriental com esta finalidade.

Portanto esta tese «exagerada» é falsa sobretudo se quer excluir a contribuição dos jesuítas e de seus guaranis cristãos na fundação da pecuária oriental. — Veremos na tese seguinte das missões que esta contribuição está muito mais seguramente provada do que a dos espanhóis. E tão seguramente provada que, se forem verdadeiras as objeções que acabamos de ver contra a tese dos espanhóis, então a contribuição das Missões passaria a ser mesmo a única e exclusiva fundadora da primitiva pecuária da Banda Oriental, não da secundária posterior que se refundou ao redor de Montevidéu, depois de ter sido exterminada de lá a primitiva missioneira. Mas é de se notar que quando os antigos dizem «españoles» geralmente entendem apenas os brancos que não têm a seu cargo a missão dos índios. Missionários e «españoles» são termos que se opõem.

131. *Conclusão geral sôbre a tese espanhola.* — Parece certo que Hernandárias realmente lançou o gado que diz ter lançado no tempo, no lugar e na quantidade indicada por sua declaração. Isto porque não se pode duvidar da autenticidade do documento nem da veracidade dos declarantes. — Parece certo que o gado, depois de alguns anos, se deve ter extinguido por causas ainda desconhecidas. Porque o gado se deveria ter desenvolvido em enormes quantidades e então devia se achar em certos lugares, em que, entretanto não se encontrou em épocas posteriores. — A tese exagerada que atribui exclusivamente a Hernandárias a origem do gado vacum na Banda Oriental, está errada no sentido que acima apontamos (N. 130).



## A TESE DAS MISSÕES

132. Em primeiro lugar devemos apresentar *conceitos claros* sobre esta tese. A confusão às vezes faz enriscar armas contra castelos que não existem. Há três aspectos principais nesta tese: a questão do fato ou seja se os jesuítas com os índios lançaram ou não lançaram gado *vacum* na Banda Oriental; a questão da primazia, se lançaram ou não lançaram em primeiro lugar; a questão da unicidade, se foram ou não os únicos a lançar gado na Banda Oriental.

A questão do fato, que se provará extensamente no capítulo seguinte, tem tais e tantos argumentos a seu favor que só mesmo um nécio a poderia negar. A questão da primazia e unicidade tem diversas respostas, segundo os resultados que se tirem das duas outras teses, a espanhola que já tratamos, e a portuguesa, que se tratará depois da das Missões. — Assim, se Hernandárias realmente lançou o gado, que diz ter lançado, na Banda Oriental em 1611 e 1617, então cabe a êle e aos espanhóis a primazia do lançamento considerado simplesmente, isto é, sem atender se teve fruto permanente ou não. E cabe-lhe a primazia porque o lançamento pelos padres só se fêz, em escala menor, de 1630 a 34 e, em escala maior, apenas em 1634. Se porém, tomamos lançamento como lançamento frutuoso ou seja desenvolvimento em vacaria, como não está provado que tal se deu com o lançamento de Hernandárias, antes parece que se deu o contrário, então tal primazia caberia aos jesuítas e seus índios. Mas seria uma primazia com aditamento, uma primazia de lançamento frutuoso. Os portugueses, em questão de primazia, não entram na conta de forma nenhuma, porque seu lançamento, se se deu, no máximo poderia ter-se dado de 1650 em diante, sendo mais provável que nem sequer existe o fato de lançamento algum.

Na questão de unicidade do lançamento devemos evidentemente distinguir de novo entre lançamento com ou sem fruto permanente. Os missionários certamente não são os únicos em lançamento simplesmente considerado, porque é mais que certo que os espanhóis por Hernandárias lançaram gado. Mas podem talvez ser os únicos em lançamento com fruto permanente, se se provar decisivamente que o lançamento feito por Hernandárias não se desenvolveu em vacaria, e o dos portugueses nem sequer se fêz.

Mas notemos mais uma vez que aqui não tratamos de reintroduções posteriores, como a de Montevideu por 1743, em que se levou gado de Buenos Aires para repovoar rin-

cões, que antes haviam estado cheios de gado vacum, no tempo da Vacaria do Mar.

133. Declaremos agora em poucas palavras *o conteúdo* da tese das Missões. Primeiro afirma-se com tãda a certeza histórica o fato do lançamento frutuoso: introduziram gado vacum, êste se arraigou permanentemente e se transformou na Vacaria do Mar. Depois se afirma com bastante certeza a primazia do lançamento frutuoso uma vez que o lançamento dos espanhóis, com certeza, não frutificou permanentemente. Nega-se com certeza histórica aos missionários a primazia no simples lançamento. Em fim se afirma com bastante certeza também a unicidade do lançamento frutuoso pelos missionários, já que o lançamento dos portugueses não se fêz, e o dos espanhóis não se arraigou permanentemente, de modo a influir na formação primitiva da Vacaria da Banda Oriental. Nega-se aos índios e missionários a unicidade simplesmente considerada, porque os espanhóis lançaram gado por meio de Hernandárias, ainda que não frutificasse permanentemente.

133a. *Quanto ao nome da tese*, temos que alguns a chamam de jesuítica (23). Mas devemos ressaltar que dos jesuítas modernos, fora dos historiadores que especificamente se ocupam das reduções de guaranis, talvez noventa e nove por cento da Companhia de Jesus, nem sequer suspeita da existência desta questão. Também da antiga Companhia quase todo o mundo ignorava esta matéria. Da província do Paraguai, que tinha a seu cargo os Trinta Povos de Missões, a maioria dos seus membros não cogitava do fato, por estarem ocupados em outras coisas de seus ofícios. Só mesmo os padres missionários diretamente ocupados na administração temporal e espiritual das reduções e os superiores e consultores, que deviam deliberar sôbre o problema, é que se preocupavam com êle. Mas preocupavam-se não como pessoas particulares, nem como membros da Companhia de Jesus, mas exclusivamente como administradores temporais dos índios. Também os missionários de outras ordens e congregações religiosas, mesmo os membros do clero secular, se sinceramente interessados no bem estar material e espiritual dos índios, se teriam preocupado de maneira semelhante. Por isso não se deveria chamar a tese de jesuítica, mas tese missionária, tese das missões, das reduções orientais, do índios guaranis.

Aurélio Pôrto no lugar citado diz que os jesuítas negam

a tese dos espanhóis. Mas foram só os depoentes de 1726 ou 28 que negaram o lançamento feito por Hernandárias. Todo o resto da Companhia de 400 anos não cogita da questão. Também nós pròpriamente não negamos nem afirmamos por enquanto. Apenas apresentamos argumentos para que sejam examinados por pessoas competentes.

134. *As ocasiões em que* os jesuítas formal e públicamente defenderam a tese, de que o gado da Vacaria do Mar descendia do gado abandonado na evacuação de 1637 e 8, foram várias, sobretudo no fim da terceira década do século 18, quando os espanhóis pleitearam seu direito a vaquear, ainda mesmo sem o consentimento das reduções, na Banda Oriental, apresentando, como vimos no número 119, a declaração de Hernandárias. Os depoimentos que então, fizeram muitos jesuítas antigos provam primeiro o fato de os missionários e índios terem fundado a Vacaria do Mar, com gado abandonado diante da invasão dos bandeirantes. Procuram eludir o direito dos espanhóis oriundo do lançamento de Hernandárias, afirmando terem tido por quase cem anos o direito exclusivo àquele gado e em terem sido amparados pelos governadores de Buenos Aires, apesar das tentativas contrárias dos últimos anos. Uma testemunha aduz nesta ocasião a afirmação do Padre Jacinto Marquez, que êste teria feito mais de cinqüenta anos antes, de que Hernandárias não lançara gado na banda oriental do Uruguai mas sim do Paraná. — Com ou sem direito, os administradores temporais dos índios viram claramente que não podiam impedir a vaqueação dos espanhóis, porque se não se dava licença, far-se-ia sem licença, descontroladamente, e sem pagar a compensação de praxe. Viram que se extinguiria a Vacaria do Mar como se havia extinguido a de Buenos Aires e em parte a de Santa Fé com a extração desordenada de couros e sebo para exportação.

Entraram pois em concórdia, concedendo certas quantidades, que os portenhos e santafecinos podiam extrair. Esta a ocasião em que mais explícita e públicamente se afirmou a tese das Missões.

**PROVAS DA TESE DAS MISSÕES.** - Temos duas classes principais de provas: o depoimento de testemunhas oculares ou auriculares e os fatos independentes da interpretação das testemunhas de então. Tudo isto consta em muitos documentos, mas sobretudo na peça 1-29-4-10 da Coleção de Angelis da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

135. *Depoimentos a favor da tese das Missões.* — Temos que distinguir sempre entre as diversas partes da tese, das quais falamos no número 132. Assim temos no citado documento muitas declarações juradas de jesuítas e não jesuítas, que juram terem ouvido de pessoas fidedignas que o gado da Vacaria do Mar descendia do gado que foi abandonado nas reduções orientais quando as invadiram os bandeirantes.

Creemos que se se percorre tôda a documentação publicada e a inédita, encontrar-se-iam milhares de testemunhos neste sentido. Todo o proceder dos espanhóis durante um século mostra que ninguém duvidava de que o gado da Banda Oriental descendia do gado das antigas reduções, ainda que não pensassem que descendia dêle exclusivamente. Por sua vez, os jesuítas, que depõem em 1728, não afirmam própria-mente que os espanhóis não lançaram gado também, com exceção de um que diz, aduz o testemunho do P. Jacinto Marquez já conhecido.

Vimos no número 124 que não nos podemos fiar muito da autenticidade desta afirmação. E ainda que tivéssemos certeza sôbre a autenticidade, temos que Marquez por uma parte não via efeitos da ação de Hernandárias, por outra parte não conhecia (provavelmente) a declaração tão explícita de Hernandárias, mas apenas ouvira do boato que corria de que Hernandárias pusera gado na Banda Oriental do Uruguai. Não vendo os efeitos, tirou a conclusão de que Hernandárias lançara o dito gado na banda oriental do Paraná. Nisto errou porque Hernandárias pode ter lançado o seu gado em 1611 e 17, sem que em 1670 haja efeitos, uma vez que o gado lançado em pequena quantidade também pode ter sido exterminado antes de alcançar massas maiores.

Como por causa da abundância e complicação da matéria, temos que fazer um capítulo à parte para a introdução do gado *vacum* pelos jesuítas, não queremos antecipar aqui todos os argumentos que reservamos para lá. Remetendo o leitor para o capítulo seguinte, quanto a provas testemunhais, passamos a argumentos independentes da declaração dos jesuítas que afinal podiam estar interessados e inclinados a exageros.

136. *Fatos independentes de interpretação interessada.* Estes fatos são de índole positiva uns e de índole negativa outros. Pode-se perguntar *porque* nos acolhemos de preferência a fatos independentes, cuja interpretação cabe a nós, e não aos amigos e inimigos dos tempos passados? E' um fato histórico comprovado por todos que conhecem mediana-

mente a documentação original, que os jesuítas do Paraguai quase não podiam fazer coisa que não fôsse ventilada com fobia ou apologia. Também os escritos dos Jesuítas são muitas vêzes apologéticos. Daí a superioridade dos argumentos que independem da apreciação interessada das testemunhas.

137. *Os fatos positivos* são que os padres com os índios lançaram gado vacum na Banda Oriental. Prova-se isto no capítulo seguinte, em que se aduzem testemunhas de 1636, quando ainda faltavam quase cem anos para o comêço do litígio (24). Provar-se-á que antes de 1630 já o gado se ia aproximando ao Uruguai pela introdução na Banda Ocidental, depois, que entre 1630 e 34 deve ter havido entradas isoladas de vacuns, e que em 1634, finalmente se deu a grande introdução de Romero e Mendoza com o número global dum tropa de 1500 vacas. Em seguida até a invasão dos bandeirantes ainda houve outras entradas.

138. *Outro fato positivo é que o gado*, assim introduzido, permaneceu lá depois da evacuação das reduções. Ficou, alçou-se, propagou-se em Vacaria, marchando para o sul em direção a Maldonado. Foi constatado por portugueses e espanhóis algumas décadas depois, não no sul onde afinal poderia ter provindo da pretensa vacaria de Hernandárias, mas bem no norte nas margens ainda do Jacui (25). Esta localização da Vacaria incipiente deixa fora de qualquer dúvida que se tratava do gado lançado pelos padres e índios, pois ninguém antes levara gado para lá, nem pretende ter levado. Não se dá o mesmo com o gado de Hernandárias. Dêste está documentado o lançamento e nada mais. Não se constatou nem no lugar do lançamento, nem algo mais afastado. Supõem-se simplesmente como impossível que não tenha prosperado, e que portanto contribuiu para formar a Vacaria do Mar que se situava a várias centenas de quilômetros de distância. Provar-se-á no seguinte capítulo que o gado foi seguidamente revisado pelos índios, que os padres Superiores e Provinciais seguidamente proibiam a extração (26), e até mandavam lançar mais gado ocidental para que se enchessem também os rincões que o gado tardava em encher naturalmente (27). Entre 1690 e 1710 houve um empenho enorme de fundar estâncias com famílias de estancieiros indígenas desde as margens do Uruguai até as margens da Lagoa dos Patos. E durante todo o tempo que precede o ano de 1680, parece que nenhum espanhol sabia nem falava do lançamento feito por Hernandárias.

Temos portanto muitas provas independentes entre si

de que o gado das Missões realmente ficou e se transformou em Vacaria, ao passo que nada disso acontece com relação ao gado lançado por Hernandárias. Há, ao que parece, certeza do lançamento do gado de Hernandárias. Todo o resto se supõe, quando pode não estar provado.

Agora *os fatos negativos*. Fora dos missionários ninguém mais lançou gado *vacum* com fruto permanente. Logo o que há de gado *vacum*, provém das Missões.

139. Não lançaram com fruto permanente *os espanhóis*. Já vimos isto provado nos números 124-131. Apoiamo-nos menos em testemunhos, que neguem o lançamento frutuoso, pois que podiam estar interessados. Baseamo-nos mais em fatos constatados e que só permitam esta conclusão: o gado foi lançado pelos espanhóis, mas não pode ter prosperado, por não se achar na quantidade devida nos lugares em que devia estar, no caso de estar certa a tese do lançamento frutuoso feito pelos espanhóis (28).

140. Nem lançaram gado com fruto *os portugueses*. Não se apresenta nem uma única prova fora da afirmação interessada de Don Francisco Naper de Alencastro. Veremos no número 143, que a afirmação pode ser compreensível, mas não aceitável, só com a autoridade de Alencastro, sobretudo se, além disso, há tantas provas em contrário (29).

Concluimos dos fatos negativos, que se espanhóis e portugueses não lançaram gado com fruto permanente na Banda Oriental, então todo o gado *vacum*, que havia na Banda Oriental, devia ser necessariamente descendente do gado lançado pelas Missões. Desta maneira o fato negativo confirma muita bem o positivo que está nos números 137-138.

## A TESE PORTUGUESA

141. A tese portuguesa em seu *sentido exato*: trata-se de verificar se os portugueses em qualquer tempo de suas relações com a Banda Oriental levaram gado *vacum* de fora para dentro dela, em tal época, quantidade e lugar que possam ter influído consideravelmente no estabelecimento do gado *vacum*, tese que estava sendo disputada por portugueses, espanhóis e índios (com padres) por volta de 1700.

Quais os portugueses para quem jamais alguém recla-

mou a benemerência de ter introduzido gado vacum na Banda Oriental? Nunca se afirmou que tivessem trazido gado os portugueses que antes de 1600 *negociavam* no Rio da Plata, fazendo sobretudo intercâmbio entre o sul e as povoações portuguesas do norte e centro do Brasil. Nunca se afirmou, nem se podia razoavelmente afirmar, tal benemerência dos bandeirantes, que, em grupos soltos, andavam comprando escravos isoladamente por 1606, na Lagoa dos Patos e Rio Jacuí. Nem tão pouco se fala em terem trazido gado os *bandeirantes* que entre 1635 e 41 andaram pela Banda Oriental e a devastaram afugentando os índios e padres para a Banda Ocidental, até que — os bandeirantes — foram derrotados em Mbororé, em 1641, e nunca mais voltaram em grupos militarmente organizados para o sul (30). Caviglia examina a idéia de se as bandeiras poderiam ter trazido gado vacum (31). Mas sabendo que os bandeirantes tinham gado vacum de sobra em São Paulo e andavam sempre a pé por terem que varar matos à cata de índios, ver-se-á imediatamente que teria sido o maior absurdo incomodarem-se os bandeirantes com gado, pois êste lhes impediria o fim principal de sua vinda e não lhes era de proveito algum em lugares em que já não havia índios em quantidade para tirar.

A seguinte etapa de contato dos portugueses com a Banda Oriental são os empenhos de povoar no Rio Grande de São Pedro, que faziam o General *Salvador Corrêia de Sá e Benavides* e seus descendentes, a quem se dera uma parte da Banda Oriental em donatária (32). Veremos depois, as tramitações desta concessão. Depois veio a fundação de Colônia em 1680 (33) e de Laguna em 1683 (34). Com estas duas fundações os portugueses começaram a ter contato ativo e direto com a Banda Oriental e com o gado vacum missioneiro que às centenas de milhares pastava nela. Colônia fundada pelos portugueses, conquistada pelos castelhanos, restituída aos portugueses, mas com a restrição de só ter direito à área alcançável com um tiro de canhão de determinado calibre e determinada carga de pólvora. Aqui está a origem da tese portuguesa. Nas graves questões que então se originaram entre portugueses e castelhanos a respeito do gado, o Governador da praça, que, em 1691, era Don Francisco Naper de Alencastro, escreveu ao Rei que os portugueses tinham mais direito ao gado do que os espanhóis, porque o General Salvador Correia de Sá e Benavides havia lançado gado vacum na Banda Oriental (35).

Eis a origem e ocasião em que pela primeira e última vez se levantou positivamente esta tese portuguesa.

Parece certo que os portugueses levaram gado vacum de

São Vicente para Laguna (36). Pode ser também que levassem algum gado para soltar em Colônia, ainda que isto seria quase um absurdo. Pois na primeira fundação nada tiveram (37). Depois nas reocupações sucessivas não tinham oficialmente campo para tal. E seria absurdo levar de longe gado quando havia milhares de cabeças, bastante perto (38).

Não sabemos que levassem gado *vacum* de Laguna para o Rio Grande. Mas é sumamente improvável, pois consta que os fundadores de Laguna logo se meteram a explorar a Banda Oriental, e não podem ter deixado de perceber o gado imenso que havia por lá. Consta que levaram do gado missioneiro para a Faixa Litorânea que está entre as Lagoas e o Mar. E mais tarde criaram fazendas por lá, sobretudo na região da atual Viamão e Pôrto Alegre (39). Mas tudo isto foi feito com gado missioneiro. Eles não introduziram gado *vacum*; espalharam mais o que já havia. Em 1737 se fundou o presídio do Rio Grande. Então recrudesceram tôdas as atividades pecuárias dos portugueses na exportação de xarque e couros e no transporte de tropas em pé para Minas e São Paulo. Mas sempre com gado missioneiro que, não eles, mas os padres, haviam introduzido na Banda Oriental. Entre 1750 e 1801 ou antes 1828, completou-se a ocupação e conquista portuguesa da maior parte do que agora é português na antiga Banda Oriental. Estenderam uma grande rede de estâncias sôbre tôda esta terra. Trabalharam e lutaram valentemente para conservar e aumentar esta riqueza pastoril. No decurso do século 19 até os nossos dias, quem poderá contar os esforços e o sangue derramado em defesa do patrimônio pecuário do Rio Grande do Sul?

Todas estas benemerências, em benefício do Brasil, ninguém as nega, nem põe sequer em dúvida.

Na tese portuguesa só se trata de examinar se de tantos portugueses que tiveram contato com a Banda Oriental, houve quem levasse gado *vacum* de fora para dentro da Banda Oriental em épocas, lugares e quantidades suficientes para influir na implantação da população bovina da mesma. E visto que nunca ninguém reclamou para si ou para outros, nem podia reclamar a benemerência de ter introduzido gado *vacum* na Banda Oriental, a não ser Naper de Alencastro em favor de Salvador Correia de Sá e Benavides, teremos que examinar apenas a situação de Salvador Correia de Sá e Benavides a êste respeito.

Vejam os texto: «... que ao gado tínhamos mais direito do que eles (os espanhóis) por proceder de umas vacas, que o General Salvador Correa de Sá mandou lançar



nas terras que Vossa Magestade lhe fêz mercê entre o cabo da Santa Maria e Maldonado (40).

O General Francisco Naper de Lancastre era o segundo governador da Colônia e escreveu estas palavras ao Rei de Portugal em 6 de dezembro de 1691. Só diz que se mandou lançar, sem afirmar expressamente que realmente se lançou. Nem se vê claramente de que porção de gado se trata, se há de ser de Colônia, de Montevidéu ou Maldonado, de Castilhos Grandes ou do interior da Banda Oriental, pois Naper diz simplesmente: «ao gado». — Òbviamente só poderia tratar-se de gado lançado e existente entre Maldonado e o sul da Lagoa Mirim.

142. Quanto às *provas da tese* vejamos primeiro as que *deveria haver e não há*.

Poderiam *ser fatos* que fôsem *causa* ou *efeito* do lançamento. *Causa*: se houvesse pessoas que atestassem a compra ou o embarque de gado ou o tivessem visto em viagem para a Banda Oriental. Ora tal não se encontra. *Efeito*: se houvesse testemunhas que tivessem tido contato com gado em tempos lugares e quantidades, que só se pudessem explicar pelo lançamento de Salvador Correia de Sá. Ora tal não há. Não se encontra nenhuma referência a tal respeito. Veremos nas objeções contra esta tese, que os Viscondes de Asseca só entre 1670 e 80 poderiam ter lançado gado. Fora dêste tempo seria moralmente inconcebível, atenta a insegurança da mercê, e a grande dificuldade de levar gado. — Se em 1680 já se via grande quantidade de gado em Maldonado e Montevidéu, mais ainda se veria um pouco mais acima, ao sul da Lagoa Mirim. E', pois, sumamente provável que também em 1670 já se veria o gado, pelo menos perto dos lugares mencionados. E atenta a maneira de o gado se propagar, não seria tão pouca quantidade que umas poucas de vacas portuguesas pudessem ter efeito. Portanto esta prova de constatar-se um efeito indubitável do lançamento de gado por Salvador Correa de Sá não só não se faz, mas nem sequer se pode fazer a não ser que o gado — efeito do lançamento — se encontrasse na faixa de terra que está entre a Lagoa Mirim, a dos Patos e o Mar. Esta faixa se encontra inteiramente inacessível à difusão espontânea do gado *vacum*, porque está cercada pelo Rio Mampituba, Serra Geral, Taquari e outros rios, Lagoas e Barra do Rio Grande. Não se pode conceber motivo plausível de os índios ou espanhóis colocarem gado nesta faixa tão estéril e inacessível, nem se pode conceber como pudesse o gado passar espontaneamente para lá por causa das barreiras intransponíveis, e por

causa da falta de boa aguada e pasto naquela parte, quando fora dela havia de tudo em abundância.

Portanto se nesta parte da Faixa Litorânea se encontrasse gado vacum e não constasse de qualquer maneira que os índios ou os espanhóis o houvessem introduzido artificialmente naquela parte, então se poderia afirmar com muita probabilidade que era um efeito do lançamento de Salvador Corrêa de Sá. Mas não há nem vestígio da presença de gado nesta parte, senão *depois* que os Lagunistas entraram nas campanhas do sul cheias de gado missioneiro e o recolheram e levaram para Laguna e mais tarde para Curitiba e São Paulo (1728-30-33).

Portanto pode-se dizer de antemão que nem sequer é possível demonstrar o lançamento, por meio dum efeito inexplicável por outras causas.

Outra classe de provas que poderia e deveria propriamente haver, seriam *afirmações incontestes* de outras pessoas, que não Dom Francisco Naper de Alencastre. E no caso de o lançamento haver-se realmente efetuado, vê-se claramente que poderia e deveria haver muitas de tais testemunhas. Em primeiro lugar os Assecas, que tal coisa tivessem mandado, uma vez que estariam sumamente interessados em demonstrar ao Rei seus direitos e benemerências. Depois os que tivessem ajudado a executar o lançamento ou por terra ou por mar, capatazes, marinheiros, vaqueiros. Como se tratava de um passo perigoso que imediatamente provocaria a reação política da Espanha metropolitana e americana, tal passo não se poderia dar sem consentimento oficial no Brasil e em Portugal, sobretudo se fôsse acompanhado de alguma gente permanentemente estabelecida.

Vê-se que são quase infinitos os rastos que poderia e deveria ter deixado tal ato de Salvador Correa de Sá. Mas não se encontra rasto nenhum. Logo se pode dizer que não se fêz nada do que poderia causar êste rasto documental.

143. *A única prova que realmente há é a autoridade de Dom Francisco Naper de Alencastre, que foi quem afirmou o lançamento feito por Salvador Correa de Sá. A sua autoridade depende, como é natural, da sua ciência e veracidade, ou seja se estava informado e queria dizer a verdade. Quanto a poder estar informado, Naper de Alencastre era um oficial de estimação de Dom Manuel Lobo e da Côrte portuguesa. Tinha tomado parte em todas as glórias e desventuras da primeira fundação da Colônia, sendo levado prêso para o interior do Rio da Plata, depois da captura da Co-*

lônia, e em 1691 era Governador duma cidade como Colônia a que Portugal dava tanta importância. De tudo isto se conclui que Naper de Alencastre teria acesso a todas as informações sobre antecedentes da ocupação da Banda Oriental pelos portugueses. E ainda que a ação de Salvador Correa de Sá fôsse por conta e risco próprio, e assim poderia não constar oficialmente, contudo achamos que Naper de Alencastre poderia saber e saberia se algo se houvesse realmente efetuado.

Mas além da informação, como que oficial e de alta classe, Naper de Alencastre poderia ter sabido de boatos que circulariam na Colônia. Para o sustento e o comércio da Colônia era de absoluta necessidade o gado *vacum* na Banda Oriental. Ora os tratados eram tais que os portugueses só podiam chegar a êste gado por contrabando. E contrabando às vezes difícilimo por causa do cordão de isolamento e bloqueio que estabeleciam os espanhóis ao redor da cidadela. Daí o imenso desejo de ter direito a êste gado. Daí a busca desesperada de títulos de direito. Daí que se poderia ter originado a «tradição» de que Salvador Correa de Sá teria lançado gado, ou ao menos mandado lançar, uma vez que se lhe concedera a mercê da donataria, que em parte abrangia a costa marítima da Banda Oriental. O desejo transformaria a possibilidade em probabilidade e a probabilidade em certeza.

Parece que esta seria uma maneira de tornar compreensível a «convicção» de Naper de Alencastre.

E agora alguma consideração sobre *a veracidade de Naper de Alencastre*. Será que êle estava decidido a dizer tôda a verdade a respeito do gado, ainda que esta fôsse contra si e contra seu rei? — Não nos consta nada nem a favor nem contra o amor à verdade, que teria, em geral, Naper de Alencastre. E enquanto não se provar o contrário temos que pensar que êle se aterria à verdade, como homem de bem que era, segundo os cargos que lhe dava a coroa portuguesa. — Mas entre duas rivais e inimigas ninguém espera que os contrários lhe digam a verdade. Nesta diplomacia se afirmava afoitamente o que era útil e os contrários não tinham argumentos para negar. — E era utilíssimo para a causa portuguesa afirmar que também Salvador Corrêa de Sá havia contribuído na fundação da pecuária da Banda Oriental, e que portanto os portugueses tinham direito à extração de couros e sebo e tropas em pé. Os espanhóis dificilmente poderiam provar que Salvador Corrêa de Sá não lançara tal gado *vacum*.

Portanto, até que se prove o contrário cremos que Naper de Alencastre, sabendo muito embora que nada se havia lan-

gado, ou então sabendo apenas do boato acima referido, quis simplesmente oferecer à diplomacia de seu rei uma arma que esgrimir na luta pela posse da Banda Oriental, sonho secular da Coroa Portuguesa. — Em última análise Naper não quer afirmar que realmente se fêz tal lançamento, mas que a afirmação de ter sido feito é uma boa arma política na disputa entre Espanha e Portugal.

Eis o que se nos oferece dizer sobre a ciência e veracidade de Naper de Alencastro. Quanto à ciência, é crível que soubesse do plano de Salvador Corrêa de Sá e Benavides de lançar gado na sua Donataria. Mas não saberia nada de certo sobre a realização deste plano, a não ser o que espalhava o boato entre os moradores da Colônia, urgentemente necessitados de gado e portanto à procura dum direito ao gado da Banda Oriental, se não direito à grande parte do território da Banda Oriental.

Que diremos da sua veracidade, ou seja de sua vontade de guiar-se unicamente pela verdade em suas afirmações? Será que o falar do vulgo produzisse nele a convicção de que realmente Salvador de Sá e Benavides tinha lançado o gado? Será que sabia com certeza que tal lançamento nunca se havia feito? Cremos que sua posição prática seria a de sugerir ao Monarca uma boa arma diplomática a esgrimir na disputa territorial no Sul do Continente.

*As objeções*, que se podem fazer contra a tese dos portugueses, em resumo são as seguintes:

144. *A ausência das provas* que deveria haver. Não há outros testemunhos independentes do de Naper de Alencastro. Nem há relictos de qualquer espécie, que, como efeitos, indigitassem insofismavelmente como causa o lançamento feito por Salvador Corrêa de Sá e Benavides.

145. *A sugestão foi julgada inaproveitável por Portugal.* Pelo menos Aurélio Pôrto que pesquisou tanto toda esta matéria, não aponta em lugar algum, que jamais os portugueses esgrimissem este argumento para reclamar direitos ao gado ou à terra da Banda Oriental. Nem nos consta nenhuma tentativa de refutação por parte dos espanhóis ou dos padres e índios, sinal certo de que Portugal julgava impossível provar, ainda que com sofismas, a tese apresentada por Naper de Alencastre.

146. *O ambiente histórico*, parece, que, a priori, exclui o fato de ter-se feito o lançamento indicado.

Este argumento se resume em mostrar primeiro as várias vicissitudes que correram as negociações de Salvador Correa de Sá e Benavides na questão de sua donataria, e depois perguntar, primeiro se tanto passo dado não deixaria rasto documental, se se fizesse o tal lançamento, e segundo, perguntar se não seria sumamente contrário à razão, da parte de Salvador Correa de Sá ou de seus descendentes, lançar gado naquelas circunstâncias.

Primeiro os diversos passos das negociações dos Viscondes de Asseca. Citamo-los de acôrdo com o resumo que delas traz Aurélio Pôrto, que conhecia bem todo êste assunto e elucidou vários pontos obscuros dêste grande brasileiro.

Por seus méritos recebeu Salvador Corrêa de Sá e Benavides em 1658 uma mercê de terras (41). Mas em 1667 caiu em desagrado das fôrças dominantes em Portugal (42). — Ficou, pois suspensa a Real Mercê que antes havia recebido. — Em 1671 tornou a receber a mercê para os seus filhos, os Viscondes de Asseca (43). Surgiram obstáculos de efetivação por causa das dificuldades de medição de outras mercês vizinhas, que só foram resolvidas em 1675 (44). — Em 1676 passou a doação ao segundo Visconde de Asseca por falecimento do primeiro (45). — Em 1677 ainda não consta nada da construção duma cidadela que necessariamente deveria preceder o estabelecimento dos povoadores, para não ficarem à mercê dos índios das reduções e dos espanhóis (46). — Em 1678 já se começavam a movimentar os planos para a fundação oficial da Colônia, não já como fundação de particulares, como era a dos Assecas, e que se previa que não poderia sustentar-se contra os inimigos, mas como fundação oficial do Govêrno, com todos os meios militares, navais e econômicos. E' evidente que neste caso o govêrno português nunca ia dispersar inútilmente os seus esforços entre a emprêsa oficial e emprêsas particulares, pondo em perigo a ambas. Portanto em 1678 já se começariam evidentemente a desencorajar as emprêsas particulares que estavam fatalmente destinadas ao fracasso diante da reação espanhola que provocariam. Pois a própria Colônia, com todos os poderes da Coroa, foi exterminada no mesmo ano em que se fundou. Em 1683 os paulistas fundaram Laguna, canalizando naturalmente para êste lugar todos os elementos que havia à disposição entre os particulares de São Paulo. E' verdade que o danataria dos Asseca ficava sobretudo entre o cabo de Santa Maria e Maldonado. Mas isto era mais uma desvantagem, pois que poderiam esperar os particulares em uma praia rasa e campo arenoso, sem proteção alguma da parte do Govêrno que deveria cuidar de sua Colônia do Sacramento?!

Êstes são os passos principais da donataria dos Asseca, que se extinguiu definitivamente em 1727 por falta de cumprimento de condições de povoá-la com gente e gado (47).

Vejamos agora que conclusões nos sugere esta série de passos. Em primeiro lugar repetimos, é evidente, que, se algo de fundação ou tomada de posse se fizesse, devia constar na documentação contemporânea. Os fundadores da Colônia e Laguna escreveram largamente ao Rei sôbre as suas benemêrências em terem fundado o que fundaram; pedem honrarias e mercês de terras para si, ao menos assim o fêz Domingos de Brito Peixoto, já que o fundador da Colônia morreu dois anos depois da fundação.

O velho General Salvador Corrêa de Sá e Benavides morreu em 1688 em Portugal. Não teve que fazer na sua velhice senão cuidar dos direitos de sua descendência. Não é possível que os Asseca tenham efetivado qualquer coisa sem que esta apareça nos documentos.

Mas queremos mesmo abstrair de se há ou não há documentos a respeito. Queremos apenas perguntar, se havia épocas em todo o tempo das tramitações em que os Asseca razoavelmente poderiam ter efetivado o lançamento de gado. Para isto é preciso considerar as circunstâncias da terra para onde iriam, da gente que lá haviam de encontrar, da ajuda oficial e particular que poderiam esperar, das dificuldades da própria emprêsa que iam levar a cabo, dos resultados em honra e riqueza que poderiam prever.

*A terra para onde iriam.* A terra poderia ser de alguma maneira conhecida aos portugueses e paulistas. Haviam estado alí há 40 anos como bandeirantes. Durante muitos decênios haviam subido e descido não muito longe da costa os navios portugueses que iam e vinham de Buenos Aires. Parece que também Martim Afonso de Souza estivera por aí havia mais de cem anos. Em 1634 havia estado no Rio da Prata o próprio Salvador Correa de Sá e Benavides para ajudar a debelar uma insurreição de índios (48). Será que não se informou nesta ocasião? Será que não foi nesta ocasião que aprendeu a cobiçar a terra para sua donataria? Todas as cidades espanholas do Rio da Prata estavam cheias de portugueses que fàcilmente saberiam dos espanhóis o que havia na Banda Oriental em questão de aptidões de solo, e mais fàcilmente ainda o poderiam comunicar por cartas ou por conversa com os marujos portuguêsês. Pois bem, esta terra era uma terra rasa, cheia de areia ao menos perto do mar, sem as matas luxuriantes que pressagiavam boa agricultura e madeiras de constru-

ção. A barra do Rio Grande era tão rasa e invisível de fora, que ainda em 1737 os portugueses a chamavam de «diabólica», pela dificuldade de acertar a sua entrada, uma vez que não havia nem um único ponto de referência para saber onde estavam os canais (49). Terra rasa e nada mais. E todo o resto da costa um perigo para todos os navios que se aproximassem demasiado.

***Da gente que lá haviam de encontrar.*** Já nas informações dos conselheiros do Rei, que opinavam sobre a concessão, se falava que nos fundos desta praia estavam as reduções e os gados das Missões. Sabia-se que as missões, tão maltratadas antigamente pelos bandeirantes, haviam recebido armas de fogo, haviam infligido em 1641 aos bandeirantes a terrível derrota de Mbororé, em que até trabalhavam com canhões de tronco de laranjeira e bambú gigante. Sabia-se que havia algumas dezenas de milhares de índios armados, e decididos a defender a sua terra, na qual entrava tôda a Banda Oriental. Sabia-se que os espanhóis estavam sempre com o olho aberto e em pouco tempo poderiam patrulhar tôda a Banda Oriental.

Que seria dos povoadores, sem uma forte escolta? E que seria mesmo destes soldados diante da supremacia de número e armas dos que viriam sitiá-la a povoação? Todos os portugueses sabiam que afinal a linha do Tratado passava perto da Ilha de Santa Catarina. Ir muito mais ao sul era provocar uma reação violenta da parte das missões e dos espanhóis.

***Dos auxílios públicos e particulares que poderiam esperar?***

Por 1678 já tôda a atenção do Govêrno ia na futura função oficial da Colônia. Que promessas de proteção militar permanente poderia ou querer dar o govêrno para emprêsas particulares, se mal bastavam os recursos para a fundação oficial? E os fundadores que viam a frieza do govêrno, que entusiasmo poderiam ter de ir à fundação dos Viscondes de Asseca? — Consta por documentos que parece que já em 1675 os Brito Peixoto começaram a mexer-se para fundar Laguna, que ainda estava fora da Banda Oriental, se bem que só em 1683 conseguiram fincar pé após vários naufrágios e peripécias sem conta (50). E Laguna tinha bom pôrto, tinha montanhas, tinha matas a negrejar ao longe, e era conhecidíssima dos antigos bandeirantes. De que maneira os agentes de Salvador Correa de Sá achariam gente para a sua emprêsa que não tinha esperança alguma de sucesso permanente?

***As dificuldades da própria emprêsa.*** Era preciso adquirir navios, angariar marinheiros, comprar o gado, e empreender uma navegação demorada, abicar numa praia sumamente perigosa, tomar posse da terra, soltar os gados, que em breve seriam frechados por índios ou comidos por tigres. Ou então deixar também povoadores. Mas neste caso também se precisava uma fortaleza, algumas centenas de soldados, precisava-se de armamento, munições, precisava-se cuidar do soldo e da alimentação de tôda esta gente por muitos anos, porque o que iriam cultivar nas areias rasas da praia? Tudo isto requeria uma grande fortuna. E mesmo assim ainda era muito fácil que tudo malograsse por naufrágios ou ataques de índios e espanhóis.

***E tudo isto com que esperança?*** O proveito político de Portugal? Mas com isto os particulares ainda podiam morrer de fome! Os particulares nunca vão por êste motivo. Precisam poder esperar ou grandes honras ou riquezas ou pelo menos melhoria no sustento da vida. E que poderiam esperar os particulares que executariam os planos dos Asseca. Minas? Agricultura? Exportação de produtos da lavoura ou pecuária?

***E para os próprios donatários, os Viscondes de Asseca?*** Nestas circunstâncias, que constam da História, que outra coisa poderiam esperar senão gastar a sua fortuna e fracassar miseravelmente? Os reis não dão nem honras nem mercês por coisas fracassadas.

Tudo isto valeria também para ***os únicos anos*** de alguma maneira favoráveis que eram entre 1675 e 1678. Antes desta data acrescia a dificuldade que a mercê não estava perfeitamente assegurada e depois dela acrescia a dificuldade de estarem imobilizadas nas duas fundações de Colônia e Laguna as energias públicas e particulares, e redobrada a vigilância dos índios e espanhóis.

O máximo que os Asseca poderiam ter feito era ir em comitiva pequena, tomar posse diante de um escrivão e safar-se quanto antes do perigo que corriam. Mas esta formalidade jurídica nem para os particulares nem para o mundo oficial salvava a posse da terra. A posse só se assegurava com a ocupação efetiva, com a valorização de terra por meio do trabalho.

**147. Resumindo as conclusões sobre a tese portuguesa:** não há prova alguma documental fora da afirmação de Naper de Alencastre; não há grupos de gado na Banda Oriental, que pela época, pelo lugar e pelo número só se poderiam ex-



plicar pelo lançamento de Salvador Correa de Sá e Benavides; as circunstâncias em que falou Naper de Alencastre foram tais, que os diplomatas em caso semelhante não esperam a verdade, mas uma afirmação útil ao seu partido; a sugestão de Naper de Alencastre foi julgada sem possibilidade de êxito na guerra diplomática; em fim as circunstâncias, em que se efetuaría a fundação dos Asseca, eram tais que representaria uma verdadeira loucura da parte dêles, se a efetuassem, tal a grandeza das dificuldades e tal a pequenez dos resultados que os participantes poderiam esperar. Concluimos com A. Pôrto e Caviglia que Salvador Correa de Sá e Benavides não lançou os gados de que fala D. Francisco Naper de Alencastre.

148. *Resumindo as conclusões sôbre todas as três teses, temos que*

a) Os *espanhóis* por meio de Hernandárias lançaram gado vacum em 1611 e 1617. Mas êste gado deve-se ter extinguido em breve tempo.

b) Os *índios com os padres* lançaram gado vacum entre 1630 e 1636. Êste gado ficou abandonado na invasão dos bandeirantes, se alçou e formou a Vacaria do Mar, que ia até o estuário do Prata.

c) Os *portugueses* só pretendem ter lançado gado por Salvador Correa de Sá e Benavides. Mas é extremamente improvável que tal fato se tenha dado.

Se estas três teses se puderem sustentar tais quais soam, então a fundação da pecuária da antiga Banda Oriental cabe exclusivamente às Missões dos tapes guaranis.

#### REFERÊNCIAS AO CAPÍTULO QUINTO

1. A documentação para o depoimento de Hernandárias está em A. Pôrto, História..., I, 266, em que cita E. A. Coni. La Introducción del ganado bovino en el Uruguay, etc. Boletín de la Junta de Historia y Numismática Americana. Vol. VI, 1929. Buenos Aires, 39 a 41.
2. «ao mesmo tempo lancei numa ilha delas quantidades de gado vacum, ...e neste mesmo tempo lancei em terra firme da ilha de São Gabriel neste rio outras cinqüenta vacas com quatro touros...» De modo semelhante se exprime a testemunha, capitão Gutiérrez. Cf. documentação indicada na nota I.a

3. A. Pôrto, *História...* I, 267, onde cita: «Estas vacas que vedes, não foram postas aqui por Hernandárias, que embora as pusesse nesta Banda do Paraná, foi em Entrerrios que pôs vacas, cavalos e éguas, e aqui não vedes mais do que vacas, que foram ali deixadas pelos padres da Companhia».
4. O texto da objeção está na nota 3, e está contido no documento I, 29, 4, 10 da Coleção de Angelis da B. Nacional do R. de Janeiro.
5. Aponta a ilha do Biscayno Coni, na obra e lugar citado na nota 1.a
6. No texto citado em Nota 2, Hernandárias mesmo aponta quatro touros para cinqüenta vacas.
7. Textos em A. Pôrto, *História...* I, 282. «... e que chegando ao Rio Grande chamado Ayui ou Yeyui (Igaí, Jacuí) que desemboca no mar, descobriu por aquelas campanhas grande multidão de vacas chimarronas, tôdas de côr, e que vinham outras muitas baixando pela costa do dito Rio...»
8. A. Pôrto, *História...* I, 267. — Angelis, I, 29, 4, 10.
9. Estes pareceres estão em A. Pôrto, *História...* I, 363 ss.
10. A carta de Dom Manuel Lobo em A. Pôrto, *História...* I, 402.  
Verdade é que Dom Manuel Lobo, a julgar pelo que diz A. Pôrto em *História...* I, 400, na sua primeira carta, insinua gado afastado por meio de incêndios. Mas na segunda carta, em que nomeia as dificuldades alimentares, nomeia apenas as «caças» impedidas pelo bloqueio. Lobo supõe que havia gado, já que o havia visto em Maldonado e Montevideú, e não o vendo conclui que fôra afugentado. Mas esta teoria é desmentida pela dificuldade em que a respeito de gado se acharam os sitiantes, que tiveram que buscar gado com urgência nas cabeceiras do Santa Lucia, que não distaria muito menos de 200 quilômetros, e pela total impossibilidade de esvaziar de gado uma região de vinte a trinta mil quilômetros quadrados, bastante subdividida por rios pequenos e portanto por rincões de gado. Os próprios sitiadores ter-se-iam causado a si mesmo o mais grave e mais absurdo dos prejuízos. A explicação é outra: o gado estava já entrando, mas ainda estava à distância das cabeceiras do Santa Lucia.
11. A. Pôrto, *História...* I, 312.
12. Angelis, I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, *História...* I, 267.
13. A. Pôrto, *História...* I, 310.
14. Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* 41 ss.
15. A. Pôrto *História...* I, 400. - Cf. Nota 10 deste capítulo.
16. Cf. Número 163.
17. Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* passim.
18. Cf. Número 125.
19. Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* pg. 144.
20. Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* pg. 92.
21. Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* pgs. 111, 112.
22. A. Pôrto, *História...* I, 266. - Caviglia, *Sôbre el Origen y Difusión...* pg. 118.

23. A. Pôrto, História... I, 267.
24. Cf. Números 152-159.
25. Cf. Números 171-175, sobretudo 174.
26. Cf. Número 177.
27. Cf. Número 178.
28. Cf. Número 125.
29. Cf. Número 144-146.
30. Mais adiante neste estudo, ao abordarmos o influxo do gado sôbre os homens, trataremos explicitamente das relações dos bandeirantes com o gado da primitiva Banda Oriental. - Cf. A. Pôrto, História..., I, 121-202.
31. Caviglia, Sôbre el Origen y Difusión... pg. 40 ss.
32. A. Pôrto, História... I, 354 ss.
33. A. Pôrto, História... I, 398 ss.
34. A. Pôrto, História... I, 407 ss.
35. A. Pôrto, História... I, 268. - Castro e Almeida. Inventários. B. N. Tomo XXXIX, 1921, verb., 1826. - «... que ao gado (da Colônia) tínhamos mais domínio que êles (os espanhóis) por proceder êste de umas vacas que o General Salvador Correa de Sá mandou lançar nas terras que V. M. lhe fêz mercê entre o cabo de Santa Maria e Maldonado».
36. A. Pôrto, História... I, 411. — «...mandou convidar gente... bem como trazer... gado, como bois, cavalos, ovelhas, carneiros e cabras...».
37. Cf. Número 125.
38. Cf. Nota 11 e texto correspondente.
39. Em capítulos ulteriores se detalharão todas as influências dos portugueses sobre o gado e do gado sobre êstes. Por ora consulte-se A. Pôrto, História... II, 86-161.
40. A. Pôrto, História... I, 268. - Angelis I, 29, 4, 10.
41. A. Pôrto, História... I, 359.
42. A. Pôrto, História... I, 357.
43. A. Pôrto, História... I, 367.
44. A. Pôrto, História... I, 368.
45. A. Pôrto, História... I, 368.
46. A. Pôrto, História... I, 373.
47. A. Pôrto, História... I, 373.
48. A. Pôrto, História... I, 355.
49. A. Pôrto, História... II, 134.
50. A. Pôrto, História... I, 409.

## CAPÍTULO SEXTO.

*Introdução do gado vacum na Banda Oriental pelos índios Guaranis e pelos Padres da Companhia de Jesus.*

149. É preciso estabelecer claramente a *relação* dêste capítulo com o precedente. No capítulo quinto se tratava unicamente de verificar quem tinha levado gado vacum para a Banda Oriental e quem não. E ainda quem tinha levado antes dos outros e quem tinha levado exclusivamente. Examinamos os argumentos de todos os que reclamam a honra e a benemerência. Vimos que os portugueses, ao que parece certo, não levaram gado algum de fora para dentro da Banda Oriental, ainda que tenham sido grandes difusores do gado que encontraram. Vimos que os espanhóis, na pessoa de Hernández, introduziram-no como primeiros, parecendo, entretanto certo que seu gado não prosperou, nem pôde, portanto, influir no estabelecimento da famosa Vacaria do Mar. Quanto aos índios e padres vimos, ainda que com argumentos antecipados e resumidos, que êles realmente introduziram o gado vacum na Banda Oriental e que seu gado prosperou e formou a grande Vacaria do Mar. Dizemos documentos antecipados e resumidos, porque as provas documentais por extenso ficam reservadas a êste capítulo.

Note-se explicitamente que neste capítulo não tratamos ex-professo da introdução do gado vacum na Banda *Ocidental* do Uruguai, mas apenas na Banda Oriental do mesmo rio. E neste capítulo também não tratamos de outras espécies de gado maior como o cavalari ou muar, nem do gado menor como o caprino, ovino e suino. Tudo isto fica reservado para outros capítulos. Por isto se neste capítulo de vez em quando, por razões de estilo, nos escapa a palavra gado, sem aposição de bovino, entenda-se que sempre tratamos exclusivamente do gado vacum.

150. Convém dar um *conspeto cronológico* das etapas da introdução do gado vacum na Banda Oriental pelos índios e padres da Companhia de Jesus, a fim de se poderem localizar melhor os acontecimentos, tanto no tempo como no espaço.

1. De 1610 a 1628 temos a aproximação remota do gado vacum à Banda Oriental pela sua introdução e difusão na Banda Ocidental do Uruguai, ou seja nas reduções que se iam fundando entre Paraná e Uruguai.

2. De 1628 a 30 temos a aproximação mais direta e imediata ao Uruguai na sua margem ocidental, tanto assim que temos documentos expressos para os fatos.

3. Por 1633 já temos várias insinuações e notícias concretas de haverem passado vacas para a Banda Oriental, embora em número pequeno e isoladamente.

4. Em 1634 começa a introdução em grande escala do gado vacum na Banda Oriental, com a arreada de uma tropa de 1500 cabeças, levadas pelo Padre Pedro Romero e Cristóbal de Mendoza.

5. Mas no mesmo ano, e sempre sob as ordens do Padre Pedro Romero, vários outros padres passam também tropas de gado à Banda Oriental, compradas geralmente nas reduções ocidentais, ao passo que a grande tropa de 1500 cabeças fôra comprada nas vacarias de Corrientes.

6. Desde então até o fim, por 1637 e 38, começam as notícias alviçareiras, que dão os padres, sôbre o bom andamento da criação do gado vacum na Banda Oriental.

7. Mas também, talvez já em 1635, em todo o caso em 1636, começam as invasões dos bandeirantes, que obrigam os índios a se retirarem para a Banda Ocidental. Nesta ocasião abandonaram muito gado vacum nos seus pagos antigos, que, por afastados da sede dos povos, ou não foram procurados ou não foram encontrados pelos bandeirantes.

8. Êste gado abandonado, como era natural, se alçou e começou a difundir-se para o sul, onde em vários lugares e tempos foi constatado por portugueses, espanhóis e índios dos padres. Em 1680 já atingira Maldonado e Montevideu, sendo por isto mesmo denominado Vacaria do Mar.

Com estas etapas estaria pròpriamente acabada a fase da introdução e arraigamento do gado vacum na Banda Oriental. Mas acrescentamos por alto ainda as principais etapas posteriores, porque é muito comum, mesmo entre pessoas cultas, confundirem as diversas vicissitudes do gado na Banda Oriental.

9. Desde a derrota de 1641, os bandeirantes não apareceram mais em grupos maiores na Banda Oriental, e por isto as patrulhas guaranis seguiam de perto o desenvolvimento da Vacaria do Mar, e os padres mandavam de vez em quando lançar mais gado naquelas imensas campanhas. Fala-se que no fim do século passava de um milhão o número de rezes selvagens na Banda Oriental.

10. Mas, umas décadas antes e depois de 1700, os espanhóis e portugueses começaram a dizimar a Vacaria do Mar para extrair couros e sebo para a exportação. Foi então que os padres e índios começaram a estabelecer outro sistema de

criação que eram as estâncias, das quais algumas na Banda Oriental chegaram a ter cada uma trinta a quarenta mil quilômetros quadrados, com pequenas aldeias de estancieiros, chamados posteiros. Houve em 1712 uma tentativa de estabelecer outra Vacaria no Planalto da Banda Oriental, onde ainda hoje existe por esta razão o nome geográfico de Vacaria. Mas esta vacaria em breve foi extinta pelos Lagunistas que a descobriram. Daí por diante até o fim dos povos de Missões a criação era unicamente estancieira. O florescimento era tão grande que cada um dos trinta povos, com uma média de três, quatro, seis mil habitantes podia gastar folgadamente de 5-10 mil vacas por ano para o seu sustento.

11. A decadência da pecuária indígena começou com o Tratado de 1750, entrou em fase de grande rapidez com a expulsão da Companhia de Jesus em 1768, e a consequente administração leiga das missões pelos espanhóis. Consumou-se com a administração portuguesa desde 1801, a invasão de Rivera em 1828, e a ocupação de toda a terra das estâncias por estancieiros portugueses (brasileiros), salvando-se um resto de índios indolentes entre a peonada das novas estâncias.

Eis em poucas palavras a história antiga do gado vacum na antiga Banda Oriental. Este capítulo abrange apenas de números 1-8 deste conspetto inclusive. Tudo o mais como Vacaria, Estancias, florescimento e decadência da pecuária guarani terá Capítulos à parte (1).

151. **Divisão** pormenorizada deste capítulo.

## **PRENOÇÕES**

Relação com o precedente (149)

Conspetto cronológico da história do gado vacum oriental (150)

Divisão do capítulo (151)

## **EXPLANAÇÃO**

Introdução do gado vacum na Banda **Ocidental** do Uruguai (152)

Aproximação do gado vacum às margens do Uruguai (153) conclusões que tal fato permite (154)

Introdução do gado vacum na Banda **Oriental** do Uruguai

O próprio fato da introdução

Introdução de animais isolados (155)

Introdução em grande escala

Na Campanha do Sudoeste e Depressão Central do Padre Arenas (156)

- dos Padres Romero e Mendoza (157)
- de outros padres (158)
- No planalto (159)
- Conjeturas gerais sôbre as rotas destas tropas de gado (160)
- Dificuldades da introdução
  - Na aquisição do gado
    - Dificuldades ordinárias (161)
    - Dificuldades extraordinárias
      - O pleito com Corrientes (162)
      - A chacina dos Japejuanos pelos Jarós de Entrerrios (163)
  - Na condução do gado:
    - Condutores (164)
    - Natureza selvagem do gado (165)
    - Caminhos da tropa: qualidade e distância (166)
    - No estabelecimento do gado nos lugares de destino (167)
- Propagação do gado vacum na Banda Oriental:
  - Número que entrou e número que estava na evacuação (168)
  - Modos e dificuldades da propagação (169)
  - Empenho especial na propagação (170)
- Permanência do gado vacum depois da invasão dos bandeirantes
  - O fato da permanência provado por seis argumentos
    - Pelo testemunho dos que abandonaram o gado (171)
    - Pelos motivos que os fugitivos tinham de abandonar o gado (171a)
    - Pela suma improbabilidade de os bandeirantes terem destruído ou levado o gado abandonado (172).
    - Pelas ótimas condições de vida que encontrou este gado (173)
    - Pela frequente constatação posterior do gado (174)
    - Pela impossibilidade de êste gado descender de gado lançado por espanhóis e portugueses (175) (Cf. cap. 5º).
  - Empenho especial em conservar e aumentar o gado **permanecido**.
    - Por compra de gado para alimentar os refugiados (176)
    - Por proibição severa de extrair gado da incipiente Vacaria do Mar (177)
    - Por compra e lançamento de mais gado ocidental na Banda Oriental para incrementar ainda mais a Vacaria (178)
    - Por patrulhamento eficiente de tôda a Banda Oriental (179)
    - Por processos e pleitos pertinazes para defender a propriedade dos índios (179a)
  - Lugares iniciais da permanência do gado (180)
  - Resultados da permanência... (181)
- Questões de primazia
  - Entre os diversos Padres (182)
  - Entre diversos irmãos leigos (183)
- Questões da côr da pelagem do gado vacum introduzido
  - Côr da pelagem em São Vicente (184)
  - Côr da pelagem em Corrientes e na Banda Oriental (185)

Conclusões baseadas na côr da pelagem

Conclusões que não se podem tirar (186)

Conclusões que — unicamente — se podem tirar (187)

Qualidades somáticas do gado preferentemente fôsko ou vermelho da antiga Banda Oriental (188)

**152. *Introdução do gado vacum na Banda Ocidental ou margem direita do Uruguai.*** — A introdução na margem direita ou ocidental do Uruguai não é objeto dêste estudo. Por isso não lhe perseguimos as diversas etapas. E' evidente, que se tenha feito desde os princípios, logo que as condições de domesticação dos índios, a segurança do gado entre êles, o tornasse possível. — Isto se deduz a priori da necessidade que havia de carne para os índios; da possibilidade e facilidade de o criar nas áreas campestres, que havia na região das reduções ocidentais; da tradição das cidades espanholas e dos missionários espanhóis criados nelas, pois a sua alimentação era principalmente a carne de rez; da inclinação natural dos índios para as lides campeiras; da sua predileção atávica pelo consumo de carne de animais; a posteriori, isto é documentalmente, também se conclui das referências que há sôbre a presença de gado nas reduções ocidentais, quando da introdução dêle nas reduções orientais. (Cf. números 153 e 154) Assim veremos que Itapua, Concepción e Japeju vendiam gado para as reduções orientais por 1634 (Cf. n. 158).

**153. *A aproximação do gado vacum às margens do Uruguai*** vai documentada para 1628 e 29. Foi em 1629 que o Provincial Francisco Vazquez Trujillo visitou as reduções tão convulsionadas pelo assassinato dos três padres Roque Gonzales, Alonso Rodriguez e Juan del Castillo. Pois em 1628 índios orientais, instigados por seus feiticeiros, que temiam perder a sua influênciã, haviam-se rebelado em Caaró e Pirapó. Agora estavam arrependidos do que haviam feito. Ao mesmo tempo estavam deprimidos e receiosos, sem poder-se convencer do perdão que lhes dariam os padres. Muitos dêles estavam com seus parentes cristãos na redução de São Francisco Xavier na margem direita do Uruguai, um pouco acima da foz do Ijuí. Para dissipar a natural desconfiança, o Provincial mandou buscar uma dúzia de vaquinhas, talvez em Conceição ou Itapua, para dissipar os complexos dos índios com uma alegre churrascada (2). Alcançou-se o efeito desejado e na sua carta o Provincial conta satisfeito as impressões estranhas que causava aos índios o aspecto nunca visto das vacas. Parte por medo, parte por curiosidade subiam aos telhados de suas casas para vê-las ir e voltar do curral, em



que eram guardadas. Eis um dos fatos acidentalmente contados pelo provincial. Talvez se encontrem outros fatos iguais na documentação.

154. *E agora as conclusões que sugere este fato.* — Vamos que o Provincial gasta tôda uma dúzia de vaquinhas, não para formar uma estância ou Vacaria, mas para causar um prazer muito passageiro aos índios, que tinham boa vontade, mas estavam deprimidos por culpas anteriores dêles ou de seus parentes. — Isto em todo o caso indica certa abundância de gado vacuum na margem ocidental do Uruguai. Não será gado trazido de Assunção ou de Corrientes, porque isto suporia semanas de viagem.

Não sei se não podemos falar também, conjeturalmente, de gado vacuum levado para a banda oriental já em 1629?! — Em 1629 fazia três anos que São Nicolau fôra fundada, Candelária do Piratini dois. São Nicolau estava onde hoje estão as suas ruínas e Candelária mais ou menos onde hoje está a cidade de São Luiz. Em anos de muita sêca o Uruguai torna-se fãcilmente vadeável para gado tangido pelos vaqueiros. Em caso de necessidade era fãcilimo arrumar uma balsa de duas canoas cobertas dum estrado de bambu, para transportar o gado em sêco para a margem oriental. As duas mencionadas reduções estão no divisor das águas, quer dizer em cima de campos. Tôda a região oriental estava pacificada, tanto assim que logo mais Caaró foi reocupada com muitos milhares de índios contentes e fervorosos. Perguntamos, pois, se nestas circunstâncias, os padres que tocavam com as mãos as vantagens da criação de gado, não se teriam resolvido a levar para a margem oriental ao menos uma que outra vaca para criar, já que para acalmar os índios de São Xavier, o Provincial não duvida em gastar em churrascada uma dúzia de vaquinhas?

Esta conclusão vem confirmada por alguns fatos que se deram em 1633, e que referimos principalmente no número 155. Aqui vá apenas a sua menção para fundamentar a conclusão que acima insinuamos.

O Padre Cataldino chegou em 1633 ao sítio, em que depois se ia fundar a redução de São José, entre os hodiernos rios Jaguari e Toropi, aproximadamente onde hoje está a cidade de Getúlio Vargas. Os índios pagãos do lugar já se haviam reunido, haviam feito algumas construções para encetar a redução que esperavam. E tanta esperança tinham de que se lhes haviam de dar vacas para criar que até já haviam feito espontâneamente um curral para encerrá-las (3). Parece-nos sinal certo de que êste era o estilo das reduções na Banda

Oriental. E se isto acontecia em São José, que estava a uns bons 200 quilômetros da margem do Uruguai, que não se teria feito nas reduções do Ijuí, que já fazia seis ou sete anos, em 1633, que estavam fundadas, e estavam em paz e com tôda a sua vida instalada, e estavam apenas a poucos quilômetros do Uruguai, e a poucos quilômetros também das reduções ocidentais (Conceição), que tinham gado bastante por êste tempo?!

Esta conjectura sugerida pelo que aconteceu ao padre Cataldino, torna-se quase certeza com outro fato documentado do mesmo ano de 1633. Pois neste mesmo ano há vacas em São Tomé, que estava bem perto de São José, nas margens do Jaguari, mais ou menos onde hoje está a cidade de Jaguari. Ao relatarmos o fato deixamos de lado o vêzo de edificação que manifestam muitas cartas missionárias daqueles tempos.

— Havia, pois, nesta redução um índio que fingia regularidade, mas mantinha muitas mancebas. Costumava sair de noite de sua casa para os delitos que cometia. Numa destas — no ano de 1633 — foi atacado por uma «vaca furiosa e reduzido a tal estado que foi tido como morto» e de fato expirou alguns dias depois (4). O padre missivista diz que «uma» vaca o estava aguardando, como que posta por Deus para armar uma emboscada ao pecador. Parece-nos que o piedoso homem de Deus não escreveria «uma» vaca, mas «a» vaca, se na redução houvesse apenas uma, pois esta circunstância contribuiria poderosamente para ressaltar a Providência do Senhor que queria a conversão daquêle racional por meio do irracional. Mas em vez de «a» vaca, diz displicentemente «uma» vaca. Parece sugerir que as outras estavam dormindo sossegadamente no curral, à sombra dum cobertiço ou dum capão, como convém a vacas que se prezam. Só uma foi destacada para castigar e converter o pecador.

Parece-nos que estas considerações não são meras subtilidades críticas, mas razões, pelo menos medianamente fundadas, para persuadir que em 1633 havia em São Tomé mais que uma vaca, e que, a fortiori, havia mais nas outras reduções orientais, com muito mais anos de fundação e segurança de todas as coisas, e muito menos distância das reduções ocidentais em que podiam comprá-las.

Tudo isto tanto mais que o Provincial, por êste tempo, diz expressamente que Itapua supria de vacas as outras reduções (5).

Itapua fazia, em 1633, dezoito anos que fôra fundada. Foi sempre uma das reduções mais fortes e mais tarde se tornou

o caminho obrigatório de tôdas as tropas de gente e gado que vão ou vêm do Paraguai.

Creemos que tudo isto sugere que já *antes* de 1634 se levava gado, isoladamente, para a Banda Oriental.

155. Conforme o esquema divisório do Número 151, devemos agora tratar da *própria introdução do gado* na Banda Oriental. E em primeiro lugar estabelecer bem o fato e as particularidades desta introdução. A introdução principal se fêz evidentemente na Campanha do Sudoeste e na Depressão Central, em que principalmente se estendiam os povoados guaranis. Mas também foi colocado na borda do Planalto, talvez por não quererem descer daí os índios que lá moravam.

156. Temos pois em primeiro lugar a introdução feita pelo Padre *Cristóvão de Arenas*. Em 1633 fundara-se na margem ocidental do Rio Pardo, distante umas dezenas de quilômetros, a redução de Jesus-Maria. Por êste tempo andava manobrando muito com gado o padre Cristóvão de Arenas, o que o qualifica como bom tropeiro.

Pois acabava de levar um bom lote de gado para socorrer os retirantes famintos que desciam Paraná abaixo desde o Iguassu, onde os bandeirantes andavam a ferro e fogo assolando aquêles povoados de cristãos. Não nos consta no momento se esta tropa foi pela margem direita ou esquerda do Paraná. Mas acrescentam as Anuas que Arenas tinha aptidões especiais para o arreo do gado, pois estava sempre com os olhos em cima dêle, quase sem comer, nem dormir, nem cuidar de seu descanso e comodidade (6).

Pois neste ano de 1634 Arenas recebeu ordem de levar umas rezes para ajuda de custo aos padres que trabalhavam na redução de Jesus-Maria. Não sabemos se as vacas procediam da Banda Ocidental ou de algum posto da Oriental, em que já houvesse vacas anteriormente, segundo o exposto do número 154. No caso de serem da Banda Ocidental, teria percorrido de 500 a 600 quilômetros, com suas idas e voltas por matos e banhados.

Ainda que o texto fale de rezes, não é muito provável, que se levariam as vacas a tanta distância, com tantas dificuldades e com tanta falta de padres, só para que os índios tivessem durante uns dias o prazer de comer carne de rez em vez da de javalis, antas e avestruzes. Seria mais para criar do que para matar e comer. Para quem conhece os extremos cuidados que os padres empregavam na conservação e propagação do gado vacum, tal assertiva é evidente a priori (7).

Parece que a chegada de Arenas a Jesus-Maria foi a prin-

cípios de 1634. Seria anterior à entrada do gado de Cristóvão de Mendoza? A primazia e quase exclusividade que alguns costumam dar a Mendoza não corresponde totalmente à verdade histórica, ou ao menos não está indubitavelmente provada. Mendoza levou gado vacum em companhia e sob as ordens e responsabilidade do Padre Pedro Romero, e em grande quantidade. Mas resta provar ainda se foi o primeiro e o mais responsável a levar gado, como jornalistas e outros, que só de leve afloram a questão, costumam dar a entender.

157. *A introdução do gado vacum pelos Padres Pedro de Romero e Cristóvão de Mendoza.* — Ordenando cronologicamente os elementos dispersos e algo confusos, que oferecem as ânuas das missões, podemos apresentar os dados principais do assunto (8).

a) Consultas. Primeiro devem ter precedido, segundo exigem a razão e o costume da Companhia, as consultas e deliberações necessárias para ver se se havia de introduzir ou não o gado em grande escala na Banda Oriental, e, em caso afirmativo, como se havia de fazer e quem havia de levar a cabo a empresa.

A julgar pelos resultados posteriores, devem ter resolvido pela afirmativa, e que o gado se compraria nas Vacarias de Corrientes, e que seria levado pelo Padre Superior em pessoa em companhia do Padre Cristóvão de Mendoza, e que a maneira de executar o plano, seria levá-lo primeiro para uma espécie de entreposto na redução de São Miguel. Esta povoação ficava na cabeça do grande trato de campos que corre sobre o divisor de águas entre o Jacui e o Ibicui, e estava mais ou menos no centro dos grupos de reduções. Geograficamente se prestava melhor para entreposto, além de ter caciques e índios de especial confiança para tais misteres. Daí viriam buscar a sua porção os respectivos povos, à medida que acomodassem as coisas em seus povoados e achassem campos a propósito. Alguns pormenores: em Corrientes provavelmente comprariam do português Manuel Cabral Alpoim, que era grande amigo das reduções, como o havia mostrado em 1628 por ocasião do levante dos feiticeiros do Ijuí, e que era tido como um dos grandes acioneiros da Vacaria de Corrientes, podendo, pois, à vontade extrair o gado que quizesse. Que quantidade de gado comprariam? Mais tarde os documentos falam de 99 animais para cada uma das quinze reduções. Seriam pois umas 1500 cabeças. Outros documentos chegam a falar em 3000 cabeças. Mas talvez fôsse a quantidade inicial, deixando-se uma parte nas reduções ocidentais ou

consumindo-se pelo caminho. Também se deve descontar o muito, que aos índios, ainda inexperientes, se lhes afogasse nas travessias dos grandes rios.

Não sabemos exatamente quem comandaria a expedição, se Romero ou Mendoza. Mas em todo o caso é evidente, que, sendo superior de Missões o padre Pedro Romero, e indo pessoalmente na caravana do gado, a êle caberia o comando geral, a responsabilidade. Pode ser que o comando técnico, a maneira de conduzir o gado, coubesse ao padre Cristóvão de Mendoza. Este não era europeu, mas crioulo, nascido em Santa Cruz de la Sierra, e estaria acostumado desde pequeno à lida com o gado. Santa Cruz de la Sierra, em 1634 já fazia quase três quartos de século que se ocupava com a criação. Além disso o padre Mendoza, como veterano do Guairá sabia como lidar com índios, ainda que também o soubesse o padre Romero, como mostra tôda a sua atividade posterior.

Também não sabemos exatamente a rota que tomaria a caravana do gado. Mas sabendo que partia do leste de Corrientes e chegou a São Miguel ou seja algo a oeste da atual cidade de Santa Maria, poder-se-á calcular pelos conhecedores destas regiões, onde passaria a tropa o Uruguai, e os outros rios orientais que se interpunham entre o lugar de partida e o do destino. Supomos que cruzariam o Uruguai na região de São Borja, descabeçando depois os afluentes setentrionais do Ibicui. Ou será que se enfiariam por entre Ijuí e Piratini, procurando daí atingir o destino?

Em todo o caso parece que com as voltas e os rodeios necessários para alcançar os passos dos rios, para evitar banhados e matos cerrados e deixar o gado com pasto e descanso seguro todos os dias, não caminhariam muito menos que o total de mil quilômetros.

Havia ainda uma dificuldade. Com que pagar o gado que comprariam? E' lei na Companhia que tôdas as obras caminhem, quanto possível, por seus próprios pés. Os padres podiam pedir esmolas para a compra. Podiam gastar o que precisavam para o seu próprio sustento. Mas a subvenção que o Rei estava obrigado a dar a todos os missionários, provavelmente tardava muito, como sói acontecer em todos os tempos de extremada burocracia. Que garantia dar aos vendedores do gado de que mais tarde pagariam tudo, com a subvenção ou com esmolas que receberiam ou com coisas que as oficinas incipientes dos índios fabricariam? — Empenharam os seus livros, que eram propriedade particular da comunidade dos padres missionários e algumas alfaias que eram propriedade das reduções. Sinal da extrema importância que em-

prestavam à introdução do gado na terra em cujo favor iriam trabalhar.

b) Execução. Resolvidos assim os preparativos, *executou-se* a medida assentada em 1634. Não sabemos exatamente em que mês e dia. Não sabemos em que rota, nem com que peripécias, nem com que número de vaqueiros. Os entendidos saberão quantos são necessários para 1500 vacas selvagens.

Também não sabemos se todas as reduções tiveram seu gado primeiramente «entrepelado» em São Miguel. Os povos do grupo do Ijuí mais facilmente obteriam seus animais diretamente da Banda Ocidental pelos passos que ficavam na altura do Ijuí ou Piratini. De outros povos consta o fato do «entrepelamento» com certeza, pela carta ânua de Romero. Pois êle mandou alguns padres buscar o gado em São Miguel.

Na sua carta acrescenta Romero algumas indicações de como vai o gado nas diversas reduções. Em algumas como Apóstoles, na região de Entre Ijuis, a princípio não ia bem, mas depois se ajeitou tudo. — Romero recomenda também ao Provincial, com evidente insinuação de que o recomende êle mesmo em suas cartas aos missionários, que não se mate nenhuma fêmea capaz de procriar. Com esta medida, dentro de alguns anos teriam o suficiente para manter e dar de comer aos índios.

158. *Introduções feitas por outros padres.* — Enquanto o padre Cristóvão de Mendoza abandonava de novo as lides pecuárias e se dedicava, segundo a ordem dos superiores, de corpo e alma, à conversão e instrução dos infiéis, múnus em que iria sofrer o martírio do ano seguinte (1635), o padre Pedro Romero, como superior e coordenador de todas as atividades temporais e espirituais das missões, continuava a dedicar tôda a sua atenção e energia à incipiente pecuária da Banda Oriental. — Insistia em preservar os lotes já introduzidos e em aumentar ainda mais o casco inicial da criação.

Assim mandou reunir gado na redução de Japeju para as reduções ocidentais e orientais que ainda não tivessem gado suficiente (9). E' de supor que a recolhida dos japejuanos se fizesse na Vacaria de Santa Fé que lhes ficava contígua, ao passo que a de Corrientes ficava a muitas centenas de quilômetros. Esta suposição se confirma pela grande desgraça que sofreram os japejuanos em 1636 nas vacarias de Santa Fé, em que foram atacados por selvagens jarós e mortos meio centenar de cristãos. Falamos de gado suficiente! Que significaria suficiente, para êste clarividente e enérgico Romero que via na Banda Oriental dezenas de milhares de índios a aldear e cem ou mais milhares de quilômetros qua-

drados dos mais belos campos de criação; Romero que quiçá previa que a pecuária oriental seria por séculos a válvula de segurança econômica?! Um povo de índios ou cidade de brancos que pudesse gastar cada ano de 8-10 mil rezes, quanto a alimentação, não dependia mais de sêcas, geadas, pragas de gafanhotos.

Romero mandou pois que os índios de São Xavier, que a esta hora já moravam à margem direita do Uruguai, fôssem buscar mais gado em Japeju (10). O mesmo mandou a Assunção, que cremos seja idêntica a La Cruz (11). Ambas na margem ocidental, mas com estâncias na Banda Oriental.

Em 1635 estava em Apóstoles (Entre-Ijuis) o padre Pedro Boscher. Além do gado que lhe caberia da arreada do Padre Romero e Mendoza, queria ir buscar mais duzentas vacas em Itapua (Encarnación do Paraguai, em frente de Posadas). Mas sobreveio uma peste neste mesmo ano. Os seus vaqueiros ficaram doentes. Não pôde levar o gado que já estava comprado (12).

Em Candelária do Piratini (mais ou menos onde hoje está a cidade de São Luiz) estava o Padre Doménech. Também queria outro lote além do que lhe coubera em 1634. Comprou 200 cabeças na redução de Conceição, que ainda hoje é Concepción na Argentina na margem oposta à barra do Ijuí. Bateu também a peste e teve que voltar com apenas noventa animais na tropa que conduzia (13).

Em 1636 Romero fala de São Carlos, a cujo padre havia dado 140 vacas, as quais se davam bem naquela redução. São Carlos ficaria a meia distância entre as hodiernas cidades de Cruz Alta e Palmeira das Missões (14).

Vemos, pois, que, além do Padre Cristóvão de Mendoza, que sob as ordens e direção de Romero levou um lote de 1500 vacas à Banda Oriental, havia muitos outros padres, que levaram gado *vacum*, ainda que não em tão grande quantidade.

159. *Introdução do gado no Planalto.* — Em 1634 se fundara a redução de Santa Teresa, mais ou menos onde hoje está a cidade de Não-Me-Toque. Naquela região estavam também previstas as fundações de Visitação e Caicó, mas não chegaram a fundar-se. Por não ter Santa Teresa, campos propícios à criação ou por ainda não os ter descoberto e preparado (roças para os posteiros), mandou Romero colocar o gado, que lhe competia em outras reduções, como em Santa Ana e S. Cristóvão. Esta última redução recebeu para esta finalidade uma manada de 200 cabeças. Esta manada foi depois levada para o Planalto, começando a criar-se em seus cam-

pos (15). Alguns afirmam que esta foi a origem parcial da Vacaria dos Pinhais (16). Mas cremos que não procede a conjectura, porque Santa Teresa certamente estava no vale dos rios Pardo ou Jacui, e os campos, que estão em conexão com êstes vales, estão a oeste da grande faixa de mato que liga a encosta da serra e a encosta contrária do Uruguai, no norte. Quase cem anos mais tarde, em 1712 os índios dos Sete Povos Orientais em união com alguns ocidentais, abriram uma picada de uns 30 quilômetros através desta faixa de matos para chegar aos campos da Vacaria dos Pinhais. Vimos no capítulo da acessibilidade das regiões naturais da antiga Banda Oriental (17), que a Vacaria dos Pinhais estava e só podia estar a leste dos referidos matos, porque só assim formava um imenso rincão de que o gado espontaneamente não podia sair, uma vez fechada a picada aberta para chegar até lá. Não compreendemos como Aurélio Pôrto pôde afirmar que o gado de Santa Teresa constituiu, «em parte, a origem da atual Vacaria» (dos Pinhais). — O gado, que depois da evacuação dos índios tivesse ficado no Planalto, poderia ter sido extinguido pelos Paulistas, que por lá tiveram durante algum tempo um entreposto em que até havia um sacerdote filho de um dos bandeirantes. Mas na fundação de Vacaria dos Pinhais em 1712 não há menção alguma sôbre gado *vacum* pré-existente.

Portanto o gado *vacum* foi levado pela primeira vez para o Planalto pelos vales do Rio Pardo ou Jacui até Santa Teresa que ficaria mais ou menos na região da atual Não-Me-Toque.

160. Temos que acrescentar a pergunta sôbre quais teriam sido *as rotas das respectivas tropas* que se levavam de Corrientes para São Miguel e daí para as outras reduções. Já falamos disto no nº 157. Para a solução dêste problema, a história por enquanto só pode fornecer com certeza os pontos de partida e os lugares de destino. Tudo o mais deve ser deduzido das leis que regem a marcha de tropas, quanto às barreiras naturais e os passos que oferecem, quanto ao pasto e aguadas, e evidentemente quanto à menor distância entre os pontos de partida e destino, levando ainda em conta a presença eventual de índios inimigos em certos lugares. Mas cremos que esta última consideração só entrava em questão entre a Vacaria de Santa Fé e Japeju, onde havia os selvagens Jarós ou charruas entrerrianos. Todo o resto da área desde as vacarias de Corrientes até as extremas das reduções no vale do Rio Pardo estava ocupada por guaranis, que se não eram já cristãos, eram ao menos amigos e catecúmenos.



Com referência ao ponto de destino podemos dizer que havia três grupos principais de reduções na primitiva Banda Oriental. Um estava nas galhadas principais do Ibicui, na sua parte setentrional. O outro estava entre os rios Ijuí e Piratini e pelas cabeceiras do Ijuí afora. O terceiro grupo estava entre os rios Taquari e Jacuí, de ambos os lados do Rio Pardo.

Os pontos de partida são dois: as Vacarias de Corrientes, talvez a oeste da Laguna Iverá, e as Vacarias de Santa Fé, que cremos seria mais ou menos ao longo do divisor de águas de Entrerrios, que leva aproximadamente em direção à foz do Ibicui. Os pontos intermediários, tanto na Banda Oriental como na Ocidental, dependem naturalmente da rota que assumarmos, conjeturalmente, ao gado que vinha das Vacarias. Cremos que os passos principais estariam nas alturas do Ijuí ou Piratini, São Borja e foz do Ibicui.

Creemos que a natureza das coisas exige que os gados para a região do Ijuí, se eram de Japeju e Vacaria de Santa Fé, passariam num dos passos e subiriam diretamente ao seu destino, como mais tarde subiram inumeráveis tropas da região do Ibicui e de São Borja para os Sete Povos. Ou talvez passariam pela cadeia de povos ocidentais até a região do Ijuí. A fortiori se daria este caso se viessem, como de fato veio a maior parte, da Vacaria de Corrientes.

O gado destinado para a região do Ibicuí superior e para o Rio Pardo, entraria por um dos passos do Uruguai e procuraria ficar na campanha do Sudoeste, e, através dos passos dos rios, alcançar a Depressão Central e margem setentrional do Jacuí (Igai).

Determinar mais em particular as rotas, pertence essencialmente aos conhecedores das leis de condução do gado *vacum* e, sobretudo, conhecedores exatos das barreiras hidrográficas e vegetais da Campanha e da Depressão Central, tendo em conta, que, afora os alambrados, as pontes, os matos cortados à beira dos rios, tudo era como hoje. A engrenagem entre cavalos, cavaleiros e vacas era a mesma.

161. Embora as *dificuldades* da introdução do gado *vacum* já tenham sido mencionadas esparsamente, contudo devemos resenhá-las numa vista de conjunto. Primeiro as dificuldades *ordinárias* na aquisição do gado. As dificuldades ordinárias não seriam as que nós costumamos imaginar-nos. Não havia falta de gado *vacum*. Nas estâncias e Vacarias de Santa Fé se avaliava o gado em 100.000 cabeças nas primeiras décadas de 1600. Em Corrientes seria algo menos. Também não seria propriamente o preço que se teria que pagar por cada cabeça que se iria tirar ou mandar tirar da Vacaria.

Basta saber que ainda mais tarde um couro estacado e seco valia muito mais do que a rez inteira e viva. A dificuldade ordinária era que êste gado era chucro, alçado, completamente asselvajado. Para tirar uns milhares de cabeças da Vacaria se precisavam algumas dúzias de peães bem pagos e para cada um dêles de cinco a seis cavalos. Além disso de Santa Fé para cima quase não se conhecia moeda, tudo se pagava em gêneros. Se as vacarias estavam em lugar acessível a índios selvagens ainda se precisava uma grande escolta dos soldados armados.

Depois, ordinariamente, os missionários estavam sem dinheiro. Dos índios, nas primeiras décadas, não se podia esperar que seu trabalho fizesse sobrar algum recurso para comprar as coisas necessárias para êles mesmos. A subvenção do Rei mal bastava para as coisas mais urgentes. Daí também a ordinária falta de dinheiro. Daí que tiveram que empenhar até seus livros e alfaias como garantia do pagamento.

162. Acresciam também algumas *dificuldades extraordinárias*. — Como exemplo relatamos os *pleitos com Corrientes*. Não sabemos exatamente qual foi o ponto de discórdia. Mas imaginamos que na primeira compra de 1500 cabeças, os índios cristãos haviam visto, quanto gado corria, praticamente sem dono, nas Vacarias. Não sabemos se dois anos mais tarde começaram a extrair mais gado sem licença alguma, ou se talvez tiraram mais do que a quantidade concedida, os vaqueavam em tempos e lugares não combinados, ou se houve reencontros entre os vaqueiros dos espanhóis e os dos padres a respeito de algum rincão especialmente fértil em gado: o certo é que os correntinos moveram um processo, contra os padres e seus índios, a respeito da extração de gado nas Vacarias de Corrientes (18). — E não só isto. Até atacaram uma turma de vaqueiros guaranis, os desbarataram e despojaram do gado que já haviam reunido. — E' muito difícil saber a verdade a respeito, porque nas linhas imprecisas daquêles imensos banhados que cercam a Laguna Iverá, quem poderia determinar exatamente os limites duma licença de vaquer? — Tão fácil é terem-se excedido os espanhóis como os padres com seus índios. Na falta de pormenores não devemos assacar culpas nem a uns nem a outros.

163. Na Vacaria de Santa Fé as dificuldades extraordinárias eram de outra classe. — Os charruas entrerrianos ou jarós, eram amigos dos cristãos espanhóis e inimigos dos charruas da Banda Oriental. Estes por sua vez eram inimigos dos guaranis. Contudo os entrerrianos eram também inimigos dos guaranis cristãos, ou pelo menos pretextavam sê-lo para poder

roubar à vontade. — Em dezembro de 1636 saíram de Japeju 190 pessoas, com cavalos, para buscar gado para a redução. Trabalharam um mês e reuniram uma boa tropa. Então foram atacados por uma tropa mais ou menos igual de Jarós ou Charruas ocidentais. Depois do parlamento veio o combate com os guerreiros japejuanos, que haviam mandado para casa os homens desarmados e os meninos que vinham na sua tropa. Estes retirantes se esconderam na macega dum banhado. Os outros lutaram e caíram, em cada lado, meia centena de mortos, até que foi derrubado e morto o cacique dos jarós, com o que se retiraram os jarós, com seus cavalos, para a banda Oriental, onde iam lutar contra os charruas orientais. Também os jovens escondidos na macega do banhado haviam sido descobertos por alguns, que puseram fogo na macega seca (Janeiro!). Veio, porém, uma pancada de chuva providencial que os salvou de morrerem carbonizados, ou abatidos à macana se saíssem do recinto em chamas (19).

Os que escaparam da matança, voltaram e alarmaram as reduções, pois temia-se que fôsse uma conjuração universal, como a que em 1628 havia vitimado os três padres no Ijuí.

Ainda que se revelasse como falsa a suspeita da conjuração dos pagãos, contudo o susto que levaram os guaranis, impediu-os por muito tempo de vaquear nas vacarias entrerrianas, até cujas proximidades iam também as suas estâncias ocidentais.

Em conseqüência das dificuldades extraordinárias na aquisição de gado, tanto em Corrientes como em Santa Fé, mandou o Superior de Missões proceder com todo o cuidado na conservação das vacas de cria que já havia na Banda Oriental, desde a expedição de Romero e Mendoza em 1634.

A título de curiosidade podemos perguntar aqui se os charruas a êste tempo usariam os cavalos apenas para equitação ou também para alimentação? Parece que só mostravam interêsse pelos cavalos, e não pelas vacas por lhes darem aquêles a superioridade sôbre os seus inimigos orientais.

164. Haveria também dificuldades nos *condutores* do gado? Quais eram os *condutores*? Romero em sua carta diz expressamente: «...uma tropa de gado que eu e o Padre Cristóvão de Mendoza passamos no ano de 1634» (20). Portanto o padre Pedro Romero como chefe supremo. O padre Mendoza de certo como técnico no assunto. Iria mais algum capataz espanhol? Cremos que não, pois nada se diz a respeito. Nem era necessário. Pois os índios ou eram orientais que já haviam aprendido no ocidente ou talvez fôsem mesmo índios ocidentais que já fazia alguns lustros trabalhavam com

gado. Talvez uns dez ou quinze, cada um com quatro a cinco cavalos mansos, e experimentados na lida do gado. Não conhecendo exatamente os componentes condutores da caravana, não saberemos dizer se haveria ou não grandes dificuldades provenientes da sua parte.

165. Certamente haveria alguma dificuldade da parte *da natureza asselvajada do gado*. O gado da Vacaria avistava o homem pela primeira vez no tempo da recolhida. Se bem que o esforço da marcha diária o tornaria pouco a pouco mais manso e menos propenso a disparadas, contudo não podemos comparar aquelas manadas bravias com as tropas tardas e sonolentas que correm por nossas estradas.

166. Também causariam bastante embaraço os *caminhos* sem pegada alguma, sem cercas de arame que guiem os animais, caminhos cheios de rios e banhados, de matos e capoeiras cerradas, varridos de ventos gelados ou queimados de sóis causticantes, com centenas e centenas de quilômetros de extensão, com mil e uma peripécias nos passos, nas pousadas, nos temporais... Quem contará o que passaram os tropeiros de batina, que haviam abandonado as universidades da Companhia para cuidar temporal e espiritualmente dos selvagens da América?!

167. Só um conhecedor profundo da psicologia do gado vacum e da índole dos índios poderia conjecturar as medidas que se tornariam necessárias na *fixação do gado nos respectivos lugares*. A vigilância sem fim para deixá-lo aquerenciarse, protegido de tigres e mesmo da voracidade e irresponsabilidade dos índios. Se o padre Sepp setenta anos mais tarde ainda tinha suas dificuldades em defender os bois de canga da gula dos índios, a quem não faltava comida, que seria nestes primeiros tempos, em que todas as reduções viviam assoberbadas por fomes e pestes, sem disciplinação alguma na vida civilizada?

168. *Propagação do gado na Banda Oriental antes e depois da evacuação* — Olhemos primeiro o número que *entrou* e o número que *estava já na Banda Oriental* quando as reduções tiveram que retirar-se ante a invasão dos bandeirantes.

Quanto ao número que entrou, temos que ver as bases para o nosso cálculo. Vimos no número 157, que pelo menos uma vez, em 1634, foi feita uma distribuição de 99 cabeças para cada uma das quinze reduções. Isto totalizaria um número de 1500 cabeças (21).

Mas vimos que antes de 1634 já devia ter entrado alguma coisa. E sobretudo depois aparecem outros lotes, como se vê no número 158. Apóstoles queria buscar mais 200 vacas em Itapua. Candelária do Piratini 200 em Conceição. Um lote de 200 foi também levado para o Planalto em Santa Teresa (22). — E sabe Deus se estes são os únicos lotes que entraram depois das 1500 de 1634. — Talvez em 1636 parassem as extrações nas Vacarias dos espanhóis em vista dos pleitos de Corrientes e dos ataques de jarós em Entrerrios de Santa Fé. Mas pelo menos podiam comprar gado nas reduções ocidentais, que já tinham, a maioria, mais de vinte anos de fundação e bem providos de gado andariam neste tempo. Julgamos que antes da invasão dos bandeirantes teriam entrado umas 2000 cabeças. E certamente a grande maioria seriam vacas, uma vez que padres tão cuidadosos não se dariam ao trabalho de levar mais touros do que era necessário, tanto mais que seriam êles os que mais dificuldade causariam na viagem. E ainda que na Banda Oriental teriam sua razão de ser como rezes para o abate ou como bois para o trabalho, nestes começos mais valia gastar os enormes esforços na condução de vacas criadeiras. Portanto nos parece que o mínimo das duas mil cabeças, que tomamos como total, não conteriam muito mais que cem ou duzentos reprodutores. Tanto mais que das vacas iriam nascendo logo outros e mais outros touros.

Podemos, pois, com boas razões pensar que de 1634 em diante haveria ao menos 1400 vacas aptas para a cria. Em pura teoria teríamos então em 1635 mais 1400 terneiros, metade fêmeas, metade machos. Mas sem dúvida alguma deveremos reduzir em 40 ou 50% a parição. Mais alguma coisa na mortalidade da terneirada. Mais alguma outra quebra natural. Por uma tabela feita pelo General Ptolomeu de Assis Brasil, que se acha em Aurélio Pôrto (23), vemos que o gado, em condições naturais, se costuma duplicar cada três anos. Desta maneira se poderia calcular quantas cabeças seriam em 1635, 36, 37, 38. Neste ano tôdas as reduções estavam refugiadas na Banda Ocidental.

Para nos livrar de cálculos aparece o testemunho do Padre Lezama, que afirma ter visto documentos em Japeju, dos quais constava que os padres, antes de os mamelucos entrarem nos povos, haviam comprado 5000 vacas, com dinheiro da comunidade dos padres sem outro motivo, que o de conservar na cristandade os índios daquelas reduções (24).

Não aparece com clareza, se as cinco mil vacas são as vacas iniciais ou finais, nem se foram compradas exclusivamente para as reduções orientais, ainda que pelo texto parece que são iniciais e só dos povos orientais. Mas também é ver-

dade que era de esperar que Romero escrevesse sôbre tal número se fôsem vacas compradas inicialmente. E Romero fala das 1500 de 1634 e dos pequenos lotes posteriores (25).

Pessoalmente nos inclinamos a crer que foram umas duas mil as vacas inicialmente compradas em 1634, e 35 para os povos orientais e que chegaram a cerca de 5000 no fim quando os povos tiveram que retirar-se. Mas restaria investigar quantas vacas do número final, ficaram na Banda Oriental, após a evacuação.

Supostos estes dados e suposto também que os portugueses não lançaram gado *vacum* e que o que lançaram os espanhóis não frutificou para a Vacaria, poderíamos calcular a quanto chegariam as vacas em 1680, quando já estavam em Maldonado e Montevidéu. Mais de quarenta anos, ótimos campos, ausência quase total de inimigos.

Mas surge uma dificuldade para calcular o gado de 1680. Teríamos que tomar em conta as grandes tropas que os padres Provinciais e superiores mandaram lançar na Banda Oriental, desde a Banda Ocidental, para aumentar a Vacaria formada pelo gado abandonado (26). E' verdade que, segundo a nossa opinião, êstes lançamentos de gado ocidental seria mais na Vacaria do Ibicui e na do Rio Negro, do que na do Mar. Vimos já nas notas sôbre a acessibilidade natural da Banda Oriental porque êstes dois grandes rincões ficaram naturalmente sem gado, até que foram povoados artificialmente por diversos modos. Mais veremos sôbre isto no capítulo das Vacarias. Mas não terão faltado, mesmo antes de 1680, os pontos de contato entre as diversas Vacarias.

169. *Modos e dificuldades da propagação* do gado selvagem na Banda Oriental. — Distinguimos o aumento numérico pela procriação e a expansão geográfica pela difusão espontânea. Os modos da difusão geográfica estão dados já pelos capítulos sobre as «leis» da difusão do gado *vacum*, onde indicamos algumas fôrças que impulsionam, ou repelem, algumas barreiras à expansão geográfica. Há elementos também no capítulo sôbre a aptidão e acessibilidade natural da B. Oriental.

Quanto a dificuldades da *propagação numérica*, teríamos que perguntar a experiência do campo sobre a média anual das partições de vacas, sôbre a mortalidade de terneiros e animais adultos. Se não havia os meios da veterinária moderna, também não havia a maior parte das doenças e pestes, que hoje em dia conhecemos. — O engenheiro E. A. Coni traz em seu livro: *História de las Vaquerias del Rio de la Plata* alguns dados elucidativos, sôbre atrasos no acasalamento dos

animais, sôbre transtornos causados pelas sêcas, médias da parição anual, mortalidade de terneiros (27).

Enfim, para compreender mais exaustivamente o assunto no ponto da multiplicação numérica, e ver as suas facilidades ou dificuldades, certamente deveríamos investigar a idade em que o gado *vacum* começa a procriar, a época do ano em que se dá o acasalamento, as médias das partições anuais, a mortalidade de terneiros e a média da mortalidade de animais adultos nas condições dadas da vacaria, seja por idade, seja por falta de pasto e bebida, seja por acidentes da natureza, como enchentes, banhados, granizos, nevadas e geadas... , por animais daninhos aos terneiros, aos animais adultos, por pestes, a idade em que acaba a parição natural. Sempre tomando em conta que de 1634 a 38 estavam os padres cuidando carinhosamente do gado, e de 1638 em diante estava o gado inteiramente entregue a si mesmo, até a criação de estâncias por 1690.

170. Quando falamos de *empenho especial pela propagação* devemos também distinguir duas coisas: o empenho especial, que houve da parte dos Padres na fase curraleira e estancieira, antes da invasão dos bandeirantes, e o cuidado que havia depois pela conservação e aumento do gado na Vacaria. Vamos aqui falar apenas do cuidado especial que houve *antes* da invasão dos bandeirantes. Vimos nos números 162 e 163 as dificuldades que houve na aquisição de gado em Corrientes e Santa Fé. Tanto mais empenho, pois, se devia ter com a conservação do gado que já havia na Banda Oriental. O padre Superior de Missões Pedro Romero começou a inculcar extremos de cuidados, seja diretamente por suas cartas e visitas, seja indiretamente recomendando ao Provincial que batesse na mesma tecla em suas cartas. Não devia ser sacrificada, em caso algum, alguma vaca que ainda podia criar, nem nada deixado desperdiçar-se por descuidos dos índios (28). — Temos documentada a sua recomendação ao Provincial. E' evidente, de antemão, que êle pessoalmente insistiria na mesma coisa, por mais odioso que se tornasse com isto diante de índios e mesmo de alguns padres menos prudentes.

Para ver a severidade com que Romero insistia na sua idéia basta considerar os atritos oficiais que teve com o famoso Padre Francisco Dias Taño, assáz conhecido por sua belicosidade. Taño chegara às reduções em 1635. Não era crioulo como Mendoza, mas um espanhol de gema das Canárias. Chegou e montou uma forja de fazer machados e facões («machetes»), e não tinha papas na língua para apontar

mazelas e dizer o que pensava, como sucedeu alguns anos mais tarde quando esteve no Rio com a condenação papal e régia das razzias bandeirantes, ocasião em que os cariocas quase deitaram abaixo o Colégio de Companhia no Rio (29). Este Taño foi, pois, mandado, em 1635, para superintender os preparativos de resistência aos bandeirantes, cuja invasão já se pressagiava, uma vez que estavam mantendo a ferro e fogo o Guairá e o Iguassú. Taño parou na redução mais oriental que havia e que era Jesus-Maria, nas margens do Rio Pardo. Nesta redução, segundo dizem os padres, o gado *vacum* ia muito bem e de noite se encerrava em currais com fiscalização e contagem, sem que nunca chegasse a faltar uma só cabeça. Dias Taño trouxera do oeste uma pequena tropa para fundar novas estâncias. Mas bateu uma grande fome naqueles lugares, porque, diz Taño, alguns padres, mais impacientes que experientes, haviam induzido os índios a queimar os seus pagos antigos e destruir as suas roças para juntar-se mais rapidamente nos novos lugares de reunião, sem que houvessem preparado convenientemente as plantações nos novos lugares. — Por cúmulo uma sêca bateu no pouco que se havia plantado. O resultado inevitável foi uma grande fome, com perigo de deserção dos índios. Nestas circunstâncias Dias Taño permitira que suas vaquinhas, trazidas de tão longe, fôsem carneadas para dar de comer aos famintos. Romero, que estava longe, só via o mau efeito, que o precedente poderia trazer para a incipiente pecuária. Por isso «passou os fogos» no belicoso Dias Taño. Mas êste revidou o golpe um tanto agastadamente, afirmando que Romero teria feito a mesma coisa se tivesse visto a gente a morrer de fome, esperando comida da parte dos padres (30). Ambos procederam bem, segundo o direito da natureza e da Companhia. Em todo o caso, o incidente mostra claramente o grau de cuidado que se punha na propagação numérica do gado antes da invasão dos bandeirantes.

Também mostra o mesmo cuidado a menção que se fêz da recolhida noturna do gado em Jesus-Maria. Certamente não era caso isolado. Romero deixaria bem claras e concretas prescrições a respeito.

Aponta-se nos documentos um outro fato, que, se, por um lado mostra o desejo de poupar os rebanhos dos povos em particular, também mostra o gado como arma indireta de guerra, coisa que mais tarde se repetia durante séculos entre espanhóis e portugueses na Banda Oriental. O Provincial Diogo de Boróa mandara já em 1634 que se colocassem 200 vacas em um bom lugar e que sua descendência servisse unicamente para alimentar os soldados, que estivessem de serviço contra



eventuais invasões dos bandeirantes. O padre Romero escolheu para tal fim a redução da Natividade (31), que ficaria algo a leste da atual cidade de Júlio de Castilhos. — Neste sítio o gado não estaria nem longe, nem perto demais dos prováveis lugares de invasão, quer invadissem, pelo lado do Guaíba, quer pelo do Planalto, que tinha descidas para gente a pé nos vales do Taquari, Rio Pardo e Jacui.

Acabemos a consideração dos cuidados especiais que tiveram os padres na conservação e aumento do gado antes da invasão dos bandeirantes, comparando-os com a maneira com que lançou Hernandárias o seu gado na Banda Oriental. Consta pela sua própria declaração que levou em duas vezes cada vez cinquenta terneiras, colocando um lote numa ilha e o outro no continente. Teria sido sumamente útil para os fins que Hernandárias tinha em vista com a sua declaração, acrescentar a gente que havia posto, as ocasiões em que fôra ver e cuidar do seu gado. Mas se nada disto declara, é sinal que nada disto se fêz. Nem podia fazer mais do que fêz, no tempo em que o fêz. Pois gente branca naquele lugar e naquele tempo estaria em perigo de vida dia e noite. Daí porque provavelmente os índios charruas deram cabo do gado como se prova no capítulo precedente.

Passamos agora a tratar da *permanência do gado* na Banda Oriental *depois* da evacuação dos índios cristãos. Devemos provar primeiramente com evidência o fato da permanência (Números 171-175), depois o empenho especial de padres e índios em conservar e aumentar o gado permanecido (Números 176-179a), e finalmente alguns lugares de permanência e resultados dela (Números 180-181). Chamamos a atenção do leitor para o fato que aqui tratamos do cuidado do gado *permanecido*, e no número 170 visamos apenas o cuidado pelo gado que ia permanecer mais tarde com a invasão bandeirante. E' coisa bem diversa. Há autores que pensam que os padres, depois de retirados com os índios, não se importaram com a Banda Oriental.

Aqui se prova precisamente o contrário. Vamos a estabelecer primeiramente o *fato da permanência*.

171. E para isto temos o primeiro argumento *no testemunho dos que abandonaram o gado*, e que ao mesmo tempo afirmam que o gado abandonado permaneceu e continuou multiplicando-se na Banda Oriental. Em muitos casos temos também testemunhas de oitiva, que não estiveram presentes ao caso mas empenham sua alma e sua palma, jurando que o ouviram contar muitas vezes aos velhos testemunhas de

vista. Cremos que sem muita dificuldade poderíamos encher centenas e centenas de páginas com a reprodução dos depoimentos jurados de jesuítas e não-jesuítas que juram esta verdade. Haja vista por exemplo os interrogatórios que estão na Coleção de Angelis, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Quanto aos motivos e modos por que o gado foi abandonado, devemos distinguir. Quando a retirada se podia fazer calmamente, então era possível reunir o gado e levá-lo pelo menos em quantidade suficiente, ou para servir de alimento durante a viagem ou também para colocar em invernadas mais a oeste, longe dos bandeirantes. Mas mesmo neste caso era possível prever que os bandeirantes só tinham interêsse em prender índios para escravos, que não tinham cavalos para arrebanhar e conduzir gado que depois se retirariam pelo menos por algum tempo. Por isso era razoável deixar alguma manada solta em lugares escondidos, inacessíveis para gente de a pé, que só corria atrás de índios para prear...

Mais necessária ainda se fazia abandonar a maior parte do gado no caso de se atacar de surpresa o povoado guarani. Primeiro porque o gado geralmente estaria longe, em alguma rinconada. E depois, porque o gado é muito vagaroso, e a fuga tinha que ser precipitada. O gado não fazia mais que uma ou duas léguas por dia, disparava, não podia passar por matos e capoeiras, sendo que êstes eram precisamente os melhores esconderijos para os fugitivos.

Portanto por via de regra devemos dizer que alguns povos tiveram que abandonar o seu gado, querendo ou não querendo; outros, ainda que não obrigados pelas circunstâncias, abandonaram-no com o fim expresso de que ficasse e se propagasse.

Respiguemos agora alguns testemunhos dos que diretamente intervieram no abandono do gado. De São Joaquim consta (32), que seus moradores haviam manifestado desejo de retirar-se com tempo para oeste, juntando-se ao povo de Candelária, que ficava mais ou menos onde hoje é a cidade de São Luiz. O provincial Boroa determinou então que o Padre Contreras e o irmão Cardeñosa, que estavam naquela redução encabeçassem a retirada, levando *algum gado* para comer no caminho. Assim se fêz. Mas o gado se acabou antes de chegarem a Caaró (33). Ficaria gado em São Joaquim? Quanto ficaria? São Joaquim teria recebido ao menos as 99 cabeças a que cada redução tinha direito em 1634. Recebeu mais depois? Quanto teria na hora da retirada? Quanto levaram? A distância seria de uns 250 quilômetros. Que número de gente ia? Quantas vacas matavam cada dia? Cremos que

não podem ter comido centenas de vacas nesta fuga. Portanto algum gado ficaria em São Joaquim. Mas onde? No Planalto? Ou tocá-lo-iam para a Depressão Central?

Do relato de São Joaquim transparece que se retiraram com certa calma, antes de serem efetivamente atacados pelos bandeirantes, e neste caso levariam algum gado, não todo, e é para comer, não pròpriamente para salvar o gado ou levar para a Banda Ocidental.

A respeito de Santa Teresa atestam com juramento os padres Francisco Ximenez e Juan de Salas, que lá foram deixadas mais de 500 vacas. Aurélio Pôrto parece supor que os descendentes destas vacas entraram mais tarde para a formação da Vacaria dos Pinhais. Mas como esta estava a leste dos grandes matos que ligam os rios Taquari e Jacui por cima do Planalto com as contravertentes do Uruguai, parece impossível que tenham penetrado por si mesmas por lá. Se as vacas ficassem no Planalto deveriam ter formado uma Vacaria natural. E nunca se fala dela nos documentos (34).

A respeito de Santa Ana diz o irmão Zubeldia que ouviu dizer que os índios tinham lá de 5 a 6 mil vacas. E que Apóstoles tinha 4000. Ambos êstes povos em princípios de 1637 não teriam mais que uns poucos anos de existência. E' pois impossível que os números indicados sejam do tempo da evacuação. Serão de uns anos posteriores e seria gado de suas Vacarias (35).

Destes poucos dados poderemos concluir que a fortiori os povos que antes da invasão se distinguiram pela pecuária, abandonariam gado na evacuação. Pertencem a tal categoria os povos de Jesus-Maria no Rio Pardo e São Miguel nas margens do Toropi.

**171a. O segundo argumento para o fato da permanência se prende aos motivos que tinham os fugitivos de abandonar gado. Os motivos se prendem ao presente e ao futuro de então.**

**Ao presente** porque se o ataque dos bandeirantes se fazia mais ou menos inesperadamente (o que estava sempre no interesse dos caçadores de escravos!) em primeiro lugar não havia nunca tempo para ir à estância, que geralmente estaria bem longe, a fim de recolher o gado. Mesmo os poucos poiteiros, que lá se encontrariam, fugiriam a tóda a pressa diante dos corredores tupis que como formiga andavam por tóda a parte. E na mesma fuga era impossível adaptarem-se os fugitivos à condução de gado *vacum*. Já por causa da morosidade dêstes animais! Depois o gado necessitava precisamente os campos abertos para passar e para pastar algumas horas

por dia. Devia evitar precisamente os matos e banhados, capoeiras e canhadas, que eram em caso de necessidade, a via de fuga mais favorável aos fugitivos a fim de não serem vistos de longe pelos que os perseguiam. Levar gado naquelas condições, com um inimigo no encalço, era o mesmo que perder a gente e o gado. Donde a conclusão que em caso de fuga precipitada era absolutamente necessário abandonar o gado. Consta que vários povos foram atacados assim de surpresa.

A outra classe de motivos se prendia *ao futuro*. Padres e índios sabiam que o único interêsse dos bandeirantes eram minas de ouro e diamantes, e índios para levar e vender em São Paulo e Rio de Janeiro. Os bandeirantes tinham gado de sobra em São Paulo e andavam sempre a pé para poder penetrar nos matos mais intrincados atrás dos índios que queriam prender. Por isto, ainda que tivessem interêsse em gado, era-lhes impossível levá-lo, sem largar as suas intenções primárias. Por isso era de esperar, que deixassem em paz o gado, se não lhes estivesse mesmo ao alcance da mão para matar e comer na hora. Também era de esperar que, evacuados mais ou menos todos os índios, não voltariam os bandeirantes tão depressa ao mesmo lugar. Por isso podia-se confiadamente abandonar o gado e buscá-lo mais tarde com tôda a segurança, aproveitando assim os belos e grandes campos, que não existiam em tal quantidade na Banda Ocidental. Não havendo nem índios, nem bandeirantes que se interessassem, nem muitos tigres, era quase impossível que o gado não se multiplicasse prodigiosamente.

Portanto os fugitivos tinham muitas razões para abandonarem alguma parte do gado na fuga: umas vêzes pela necessidade presente, outras e, quase sempre, pela utilidade futura.

---

172. Prova-se também o fato da permanência pela suma *improbabilidade de os bandeirantes* destruírem ou levarem o gado abandonado. — Os bandeirantes não tinham interêsse nenhum em levar gado para São Paulo. Só lhes convinha se o tinham à mão para o consumo diário. Mais tarde em 1644 há avisos em São Paulo de que não é preciso levar muita matactagem porque do Guaíba em diante há gado em tôda a parte. As estâncias e rincões estariam geralmente bastante longe dos povos. E em caso de perigo previsto, os índios guaranis até podem muito bem ter tocado mais longe ainda, e para lugares bem escondidos, as manadas de que cuidavam. Para que iria o bandeirante correr atrás de gado sem interêsse e deixar entretanto escapar-se o índio que queria prender? Seria

loucura consumada. E além disso o gado *vacum* sem cavalos — e os bandeirantes iam sempre a pé — não se deixava pegar. Só podiam abater uma que outra cabeça a tiro de frecha ou arcabuz, gastando pólvora inútilmente.

O bandeirante só podia querer ocupar-se detidamente com gado se se demorasse meses e anos no mesmo lugar. E para que se demoraria deixando que os índios de povos mais para oeste tivessem tempo de escapar?

Portanto uma vez que consta que realmente se abandonou gado *vacum* na evacuação e consta ao mesmo tempo que os bandeirantes nenhum interêsse tinham em destruir ou levar o gado — e nem possibilidade tinham para tal — consta também que o gado permaneceu, e forçosamente se desenvolveu em Vacaria. Consta pois, o fato da permanência.

173. Pelas *ótimas condições de vida* que o gado permanecido encontrou, também se vê que não lhe faltou a natureza. O pampa argentino não tinha limitações de vegetação graminácea por matos e capões, mas por isto mesmo em muitos lugares faltava a água à superfície. Em outros lugares tinha água, mas era salobra. Em outros lugares havia desertos. Mas nos campos encoxilhados da Banda Oriental há água e pasto em tôda a parte. Ainda que se veja o campo cerceado por matos e capões, êstes, por sua vez, dão abrigo ao gado.

Não havia barreira hidrográfica ou orográfica alguma para o sul. Não havia nem calores nem frios excessivos. Em tôda a parte havia uma boa média de salinidade, menos talvez no planalto. Depois da evacuação não havia nem índios nem brancos interessados em gado, nem cavalos para o abater em escala maior. — A raça do gado fôsko era de ótimas qualidades zootécnicas. As pestes ainda não se conheciam tanto na América, e, ainda que se conhecessem, o gado *vacum* da Banda Oriental estava isolado com várias centenas de quilômetros para todos os lados.

Perguntamos se nestas condições não era inevitável um crescimento espantoso do gado *vacum* abandonado?!

174. Era igualmente inevitável que o gado permanecido e prodigiosamente multiplicado *fôsse constatado em muitos lugares*, por muitas pessoas e em épocas diversas. Dividimos as constatações em constatações feitas por índios e padres, por portugueses, por espanhóis. As três classes constatarem o gado alçado das Missões em diversos tempos e lugares. Mas o conjunto determina mais ou menos a marcha do gado missioneiro e a sua rota exata das margens dos Rios Jacui e Ibicui para o sul, ou seja, mais concretamente, dos lugares

das hodiernas cidades de Santa Maria e Cachoeira para o sul, em direção a Bagé, Maldonado, revertendo daí para Montevideu, e procurando contornar as cabeceiras do Santa Lucia em 1680.

Em primeiro lugar as constatações por padres e sobretudo por seus índios são sem conta. E tantas e tão naturais são elas que quase ninguém mais se dá ao trabalho de o apontar. Consta que entre a evacuação em 1637 e a derrota dos bandeirantes em 1641, andavam patrulhas guaranis por tôda a parte. Também posteriormente se fala ou se supõem como evidente, de antemão, o patrulhamento, sobretudo da Depressão Central e da Campanha do Sudoeste. E' evidente que estas patrulhas viram o gado e dêle se aproveitaram em campanha. Daí as notícias para os padres e para os superiores, daí as proibições severas dos Superiores e Provinciais de extrair gado da Banda Oriental (36), daí até a ordem de mesmo lançarem mais gado ainda para tornar inextinguível a Vacaria do Mar (37). Daí a expedição do Padre Jacinto Marquez em 1670 para uma avaliação de tôda a situação pecuária da Banda Oriental (38). Tudo isto consta também pelos documentos arrolados nos números 176-179a.

Em 1659 houve uma constatação pelos *portuguêses*, de que tenhamos notícia. Muitas outras haveria se os bandeirantes que não já em grupos grandes e militarizados, mas em grupos isolados, na altura de 1660, ainda percorriam as plagas do Sul, tivessem deixado memórias. Mas neste ano de 1659 havia em São Paulo uns guaranis cristãos, que conseguiram escapar e voltar aos pagos antigos. Contaram que em São Paulo se dizia, que as futuras bandeiras não precisavam já levar muita matalotagem porque havia muito gado vacuum nas margens do Igai (Jacui de hoje) (39).

Quanto à constatação por espanhóis temos um testemunho de «muitos anos antes» de 1686. Neste ano de 1686 o padre Policarpo Duffo depõe que muitos anos antes «lhe informara um tenente de cavalos sôbre uma grande multidão de vacas, tôdas de color (vermelhas!), que vinham baixando pelas costas do Ayui ou Yeyui (Jacui-Guaíba). E' que êle fôra mandado pelo Governador de Buenos Aires a uma corregedoria pelas campanhas da Banda Oriental. Voltou e deu conta do que vira ao Governador, Don Martinez de Salazar. Este foi falar com o padre Procurador de Missões, que estava em Buenos Aires de partida para a Europa. O padre Procurador, Cristóvão de Altamirano, respondeu que êste gado provinha de 400 vacas leiteiras que os padres haviam deixado quando se retiraram com os índios ante a invasão dos bandeirantes (40).

Portanto temos os espanhóis e os portugueses atestando

claramente a sua constatação de vacas nas margens do Jacuí, onde só os padres e índios podiam ter lançado gado. E' preciso ressaltar expressamente esta constação geográfica num lugar onde nem portugueses nem espanhóis, nem em sonhos pensam em reclamar para si a benemerência de ter lançado gado.

Os espanhóis lançaram gado por Hernandarias por altura da foz do Rio Negro. Os portugueses, na afirmação de Naper de Alencastre, querem ter lançado ao sul da Lagoa Mirim. Mas nunca foi constatada a presença e multiplicação deste gado. Só se fala de gado naqueles lugares quando para lá havia chegado a corrente missioneira, que tantas vêzes e por tão diversas testemunhas foi constatada nos lugares de origem, na Campanha e Depressão Central.

A mais clamorosa constatação, porém, se fêz em 1680, por ocasião da fundação e sítio de Colônia. Dom Manuel Lobo constatou o gado em Maldonado e Montevideu. Os espanhóis constataram com os portugueses, que na costa do Uruguai não havia gado e que sim o havia em Montevideu e cabeceiras do Santa Lucia. O mesmo os padres e índios, que foram, a mandado de seu legítimo governador, ajudar ao desalojamento de Colônia. Tratamos dêste ponto mais nos números 119-140.

175. Enfim mais um argumento, que se pode aduzir em favor do fato, *é a impossibilidade de todo o gado* constatado descender do gado lançado por portugueses ou espanhóis. — Consta que foi abandonado o gado, consta que os bandeirantes não tinham interêsse nem possibilidade em se apossar dêle, consta que o gado nas boas condições não pôde deixar de se conservar e multiplicar prodigiosamente, e de fato foi muitas vêzes constatado em diversos lugares e tempos e por diversas classes de pessoas antagônicas... Consta também que o gado que de fato lançaram os espanhóis não se arraigou, como se vê nos números 124-129. E consta também que os portugueses não lançaram nenhum gado vacum na antiga Banda Oriental, como se vê pelos números 141, 148. — Que resta senão afirmar *o fato* de que, então, todo o gado descende do gado missioneiro, o que é a prova mais irrefragável do fato da permanência do gado na ocasião da evacuação das Missões Orientais ante a invasão dos bandeirantes.

Passamos agora a englobar as razões que provam que houve um *empenho* especial para conservar e aumentar o gado *permanecido*. No número 170 se tratava do empenho para com o gado no tempo entre a introdução do gado em 1634 e a evacuação dos povos, em 1637-8. Aqui se trata do cuidado

posterior a esta última data, e anterior à fase estancieira que começou mais ou menos por 1690.

176. Em primeiro lugar, também cronològicamente, se manifestou êste cuidado na compra de gado para alimentar os refugiados. As quinze reduções orientais, refugiadas, com um total que não baixaria muito de 20.000 pessoas, acotovelavam-se, na Banda Ocidental, com uma boa dúzia de outras reduções que já se encontravam estabelecidas ali. Sabendo que mesmo nos melhores tempos a agricultura particular mal alimentava os índios por mais de meio ano, e a agricultura comum no Tupambaé tinha dificuldade para cobrir êste déficit da colheita particular, pode-se imaginar fàcilmente que o repentino aparecimento de 20.000 bocas famintas criaria um grave problema alimentar. — O único meio era adquirir grãos ou farinha em outra parte e sobretudo adquirir vacas nas Vacarias de Corrientes, que estavam mais próximas. Mandou o Padre Superior comprar seis a sete mil vacas, pagando em «lienzo de la tierra» que era o tecido feito nas reduções, em trabalho de comunidade e que os brancos gostavam de comprar para vestir seus escravos africanos. Oito mil vacas à razão de uma para cem pessoas por dia, mal daria para alguns meses. — Entretanto porém, talvez os refugiados e seus caridosos hospedeiros conseguissem fazer alguma plantação de abóboras, milho ou mandioca.

Mas a grita dos famintos que esperavam pão de seus padres, chegou a ser tanta, que os padres procederam de maneira na Vacaria de Corrientes que se viram em pleitos com os «accioneiros» dela vendo-se barrados na extração de mais gado. Não sabemos se os padres tiravam sem licença, ou fora do lugar, do tempo, e do número. O fato é que se lhes barrava a extração. — Recorreram, ao Governador de Buenos Aires, alegando que os índios haviam sido violentamente espoliados de suas terras e plantações pelos bandeirantes, que estavam a ponto de morrer de fome, que precisavam absolutamente das vacas para alimentar-se.

Decidiu o governador, como era justo, que os correntinos não podiam negar as vacas em tão extrema necessidade. Mas que os padres deviam tratar de indenizar depois os accioneiros (41).

Pouco a pouco os refugiados se estabeleceram em povos à parte, ou se reuniram a povos ocidentais já existentes; pouco a pouco fizeram as suas plantações, e estabeleceram as suas estâncias ocidentais. Mas cremos que nos primeiros anos sempre teria sido necessário extrair umas 20.000 vacas das Vacarias de Corrientes para alimentar os refugiados. Aliás,



sem grande prejuízo, porque o gado que estava na Vacaria de per si não tinha valor algum para ninguém. Naquele tempo a exportação de couros quase que não existia, pelo menos não em Corrientes, de onde, mesmo nos bons tempos, quase um século mais tarde, a distância e o frete, tornavam mais ou menos sem interêsse econômico a extração de couros para exportar por Buenos Aires. — Situação análoga à de uma certa classe de peixes que de um açude rebentado por enchentes, se espalhassem sôbre arroios e rios de terras devolutas, ou ao caso de lebres que alguém criasse primeiro num cercado e que depois se lhe escapassem para o campo aberto e enchessem centenas e centenas de quilômetros de terras devolutas. Podia haver uma lei segundo a qual os pescadores e caçadores tivessem que pagar certa taxa ao dono primitivo. Mas os peixes e lebres só teriam valor, depois de alguém gastar tempo e energia em pescá-los ou caçá-los. Peixes e lebres só se valorizariam pelo trabalho. Assim também o gado solto nas grandes Vacarias, cujo solo pertencia ao govêrno, só tinha valor efetivo, depois de recolhido ou coureado com imensos gastos e insana labuta. Com isto não se nega, que caiba com tôda a justiça uma recompensa àquele que com imenso trabalho introduziu o gado na respectiva região.

Era esta a situação exata dos missionários em seus pleitos com Corrientes, a respeito do gado que iam tirando da Vacaria para sustentar os índios famintos. Quando mais tarde os espanhóis e portugueses vaqueavam na famosa Vacaria do Mar, a situação era bem diferente. Em primeiro lugar as terras do Gueguay e Camaquã para norte já não eram devolutas; pertenciam por doação do Governador de Buenos Aires aos índios exclusivamente; nem estavam abandonadas como as outras Vacarias de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes, porque as reduções colocavam nos lugares estratégicos famílias de posteiros, que mais tarde, em algumas estâncias, chegavam a centenas de famílias, agrupadas em pequenos postos, com capela e visita regular dos padres, todos os anos... Entretanto, a faixa a sul do Rio Negro e do Camaquã também tinha sido enchida com as pontas extremas da Vacaria do Mar. Contudo estas terras eram realengas ou devolutas, de propriedade do Govêrno para dá-las em mercês, cabendo neste caso, segundo, a lei, aos índios, apenas o direito privativo de dar licença de vaquear e de exigir a taxa da lei. A contestação dêstes direitos forçou Padres e índios a firmar um compromisso com os espanhóis.

Sem esta porfiada luta dos padres em arranjar alimento adequado e suficiente para os refugiados, nunca poderiam ter impedido, que os refugiados retornassem à Banda Orien-

tal, em busca do gado que lá haviam abandonado, e retornassem com perigo, primeiro, de cair nas mãos de pequenos grupos de bandeirantes, que ainda operavam por lá, e segundo, de extinguir em breve tempo a incipiente Vacaria do Mar.

177. A esta medida positiva acrescentou-se, pois, mais outra negativa. Consistiu na severa proibição de ir extrair gado na Banda Oriental, nem sequer sob o pretexto de que as vacas abandonadas eram propriedade do povo que as iria extrair (42). Isto para evitar que caissem nas mãos dos bandeirantes, e sobretudo para propiciar a multiplicação da Vacaria a tal ponto, que, por mais que mais tarde se extraísse, não fôsse mais possível extinguí-la, já que para índios e padres a faina da extração de couros, que sempre foi a ruína das Vacarias, nem entrava em questão. Com um milhão de cabeças, poder-se-iam extrair cada ano 300.000 rezes para o consumo, sem perigo de não se tornar a preencher, cada ano, o vazio criado pela extração.

178. À defesa do gado, que se multiplicava na Banda Oriental, juntou-se uma ordem dos Provinciais para incrementar aquela criação com *o lançamento de mais gado ocidental na Banda Oriental* (43). Seja que o gado já fôsse tirado das estâncias dos povos ocidentais, seja que fôsse adquirido nas Vacarias de Santa Fé e Corrientes. Uma testemunha assegura sob juramento ter visto antigamente, no arquivo de Japeju, uma ordem do Provincial de 1644, em que, além de proibir a extração de gado, mandava pelo contrário lançar ainda mais gado ocidental. Supomos que êstes lançamentos se fariam, não pròpriamente na Vacaria do Mar, onde já havia muito gado, e que distava tanto dos povos, mas nos campos ao sul e norte do Ibicui, onde ainda hoje existem tão admiráveis campos de criação como os de São Borja. Mas como não era ainda possível estabelecer novamente povoações guaranis na Banda Oriental (São Borja, a primeira, é de 1682), êstes gados lançados ficavam abandonados a si mesmos, formando então a Vacaria do Ibicui de que falaremos mais tarde ao tratarmos de modo especial as Vacarias.

Além da ordem temos também testemunhos para a execução da ordem. Há testemunhas afirmando que o número de vacas lançadas chegava a 15.000 (44).

Pelos mapas das estâncias que nos deixaram testemunhas oculares e que trataremos no capítulo sôbre as estâncias, vemos que o Ibicui se assemelha a uma árvore e seus afluentes

do norte e do sul são como galhos que abrigam à sua sombra estâncias dos povos. O gado foi solto, fêz Vacaria, aquerenciou-se em seus rincões e êstes formaram mais tarde os núcleos das estâncias.

179. Outra medida que mostra o empenho em conservar o gado permanecido são os *contínuos patrulhamentos de tôda a Banda Oriental*. Isto contra os espanhóis que em grande número de «gaudérios», depois de 1680, começaram a invadir a Banda Oriental na região de Santa Fé. E sobretudo contra os portugueses que, também depois de 1680, desde Colônia em 1680 e desde Laguna em 1683, invadiram a Vacaria e as estâncias dos Povos. O patrulhamento contra os moradores do Rio Grande (1737) já não era em proteção à Vacaria que quase não existia mais, mas das estâncias. Também houve patrulhas contra a infestação por índios selvagens, que estavam a serviço de portugueses e espanhóis, de tal maneira que quem geralmente roubava o gado eram os minuanos e guenoas e outros semelhantes, que iam vender a prêsa aos seus amigos brancos (45).

179a. O empenho especial também se mostra nos *pleitos* que os padres sustentaram em favor da pecuária oriental. Os pleitos principais foram em Corrientes, por ocasião da retirada dos povos orientais em 1638, como se vê no número 176. Desde então até pelo fim do século não houve pleitos de ressonância, porque ninguém se interessava pelo gado da Banda Oriental, a não ser os padres e índios e em parte os portugueses da Colônia, e atrás dêstes os espanhóis, que lhes vendiam couros por contrabando. Mas no princípio do século 18, com o afluxo grande de navios franceses e ingleses, que haviam extorquido da Espanha certa liberdade de comércio no Rio de La Plata, começou a grande era da coureação e «sebeação» (Na literatura ocorrem os verbos courear e sebear). Acabada a Vacaria de Buenos Aires e Santa Fé, entraram a vaquear na Banda Oriental onde, agora, havia a facilidade de exportar os couros pelo porto da Colônia, possivelmente sem pagar impostos ao rei de Espanha. Então os padres começaram a defender tenazmente a propriedade dos índios, que administravam, em nome da lei. Na coleção de Angelis, no Rio de Janeiro, existem originais ou cópias de muitos pleitos que por si sós encheriam um livro inteiro.

180. Se vamos agora inquirir sôbre os *lugares da permanência*, podemos indicar resumidamente dois focos principais de irradiação do gado vacum. Dêste ponto se deve tratar

mais largamente no capítulo sôbre Vacarias. Aqui antecipamos apenas que um foco foi a região da atual cidade de Cachoeira, pois algo mais ao norte estivera Jesus-Maria, que sempre é descrita como famosa em pecuária, antes da invasão dos bandeirantes; foi atacada de surpresa, e grande parte de seu povo foi massacrado ou levado para São Paulo, de modo que já de antemão podemos suspeitar que seu gado ficaria à solta. De fato vimos no número 174 que no Jacuí foi notada a presença de gado tanto por portugueses como por espanhóis, que por lá passaram anos depois da evacuação.

O outro lugar de permanência foi a redução de São Miguel, que ficava às margens do Toropi, tendo suas estâncias evidentemente para o sul sôbre a divisa das águas entre Ibicui e Jacui. Tanto a gente como a terra de São Miguel eram afamadas para pecuária já antes da evacuação, uma vez que São Miguel fôra escolhida como entreposto do gado que trouxeram Mendoza e Romero em 1634. As provas documentais para êste lugar de permanência deixamo-las para mais tarde, quando se trata ex-professo dêste ponto, como origem das *Vacarias*.

181. Convém acrescentar uma palavra sôbre *os resultados* do empenho dos padres em conservar o gado da Banda Oriental.

Detalharemos a resultante na segunda parte dêste estudo, em que se tratará o *influxo do gado sôbre o homem*. Êste influxo foi para o índio o seguinte: sem o gado vacuum e cavalariaria faltaria a base econômica principal das reduções; com a base faltaria quase todo o resto, porque não teria sido possível chegarem à altura, a que chegaram nas artes e ofícios, que ainda hoje admiramos nas ruínas seculares, nem na vida civil e religiosa, ou na importância política e militar...

Para os particulares portugueses o gado, que encontravam já criado pelos índios ou que esperavam continuar a criar depois dêles era praticamente a única razão que os podia mover à vida arriscada no primitivo Rio Grande do Sul. Para os governos de Lisboa e do Rio, era sobretudo a mira política, sem contudo desprezarem os proventos em impostos sôbre o lucro dos particulares. E' verdade que os espanhóis, só muito depois dos portugueses, começaram a mostrar, em obras, o seu interêsse pela Banda Oriental. Mas depois que os portugueses começaram a fundar, tôda a relação de Espanha particular, para com a Banda Oriental começa a girar em tórno do gado, por girar em tórno do gado a ação dos portugueses. Verdadeiramente pode-se falar em geo-política do gado na Banda Oriental. Durante vários sé-

culos a vida e história da Banda Oriental se encaminha grandemente atrás do boi, que foi tão tenazmente implantado nela pela mão do antigo missionário Jesuíta.

182. Devemos ainda dizer uma palavra sobre *questões de primazia*. Já não se trata aqui de primazia entre espanhóis, portugueses e índios. Disto se tratou no capítulo quinto. Aqui encaramos eventuais primazias entre os vários jesuítas, que mais colaboraram no estabelecimento definitivo do gado vacum na Banda Oriental.

Se fôssemos respigar e resenhar, ainda que sumariamente, todos os principais padres e irmãos que colaboraram nesta grande e importante tarefa, necessitaríamos o espaço de um livro, em vez de um pequeno parágrafo, dentro de um capítulo sobre a história do gado vacum oriental.

Apresentamos apenas alguns critérios, que são necessários para qualquer julgamento nesta matéria, e que, negligenciados, conduzem a exageros, unilateralidade e mesmo inverdades históricas.

Primeiro uns pontos de vista gerais. No número 150 vimos as diversas *fases da pecuária oriental*. E agora perguntamos qual das diversas fases foi a mais importante e a mais decisiva? Que valia a importação de 1634, sem a paciente labuta dos que nas diversas reduções levaram o pêso da implantação definitiva, com seus cuidados extremos, estendidos, no princípio, sobre todos os dias e tôdas as noites, dada a irresponsabilidade dos índios? E que valia a implantação, sem a luta, igualmente tenaz, de proteger a incipiente Vacaria do gado abandonado, contra a voracidade do índio, que a queria ir consumir? E a conservação até cêrca de 1680, que teria valido, sem a canseira sem fim de firmar limites e rincões das estâncias com o estabelecimento e a contínua fiscalização dos posteiros das estâncias, depois que a Vacaria, comum aos trinta povos, estava irremediavelmente perdida? Começar às vêzes é mais fácil do que continuar tenazmente até o fim, até a vitória completa de uma causa.

E se olharmos para *as pessoas*, podemos perguntar, quem a final das contas, é mais importante, o mandante ou o executante. Entre os mandantes podemos arrolar todos os superiores maiores.

Entre os mandantes americanos apontamos sobretudo o Provincial e o Superior de Missão, especialmente êste último, que era o executante intermediário principal com respeito a tôdas as reduções. Já vimos no número 170, e 176-179a, quão decisiva era a influência do Superior de Missão em tôda esta questão.

Mas por mais que queiram os mandantes superiores, sem os executantes locais, que eram os padres Curas de cada Povo ou então os padres coadjutores, e em vários casos os irmãos coadjutores, todo o zêlo e insistência dos de cima de nada teriam valido.

Por último temos os caciques, corregedores, mordomos etc. que superintendiam tôda a manipulação do gado e prestavam contas ao padre administrador todos os dias e por êle eram controlados e estimulados. Êstes e os que tinham alguma parcela de autoridade entre os posteiros da estância, se devem ter mais em conta de puros executantes. A última escala eram os vaqueiros e posteiros das estâncias. Houve épocas em que havia um padre e um irmão estancieiro, morando numa estância principal e supervisionando por si ou por seus emissários, todo o movimento das principais estâncias, sobretudo se havia perigo de índios selvagens.

Todas estas pessoas influíam na pecuária, ainda que nem todos, como é evidente, com a mesma insubstituibilidade.

Os cargos mais altos na escala nem sempre são os mais importantes e decisivos. Nem sempre os mais decisivos são os de mais sacrifício. De per si, para sermos justos, deveríamos dar o título de mais benemerente à pessoa cujo esforço pessoal tiver sido maior e mais duradouro e mais tiver influído na efetiva implantação e conservação da pecuária.

Chegando a um caso particular, temos a questão de se o padre Mendoza ou o padre Romero tem mais merecimento na introdução. Ou talvez outro padre, depois dêles, nas diversas fases? Nós tratamos a questão apenas academicamente. Ninguém nega nem pode negar os méritos que tem Mendoza na introdução do gado vacum na Banda Oriental. Ninguém nega nem pode negar que morreu no exercício de seu apostolado e, subjetivamente, morreu mártir, ainda que objetivamente não se pode provar, tão fàcilmente, se o motivo de seus assassinos foi o ódio à fé ou aos bons costumes, ou a instigação, ao menos remota, dos portugueses, que estavam já em ligação com êles. Pode ser que um dia seja elevado à honra dos altares. Daí que seria, para os cultores da religião católica, um bom candidato para padroeiro dos criadores de gado no sul do Continente. Tanto mais se a isto acresce a escolha dos interessados, que é o que decide o caso, enquanto não falar a suprema autoridade da Igreja. Em tudo isto não se toca, nem se pode tocar.

Mas outra coisa é ver, se outros têm, também, merecimento iguais e talvez mesmo maiores no ponto da introdução do gado. Façamos uma comparação objetiva entre os padres Mendoza e Romero.

I. Consta que já houve vacas antes de 1634, embora em escala pequena. — 2. Consta que quem tinha poder de resolver a introdução de gado era o Padre Superior Pedro Romero. Foi êle quem determinou ir comprar gado em Corrientes, êle quem procurou os meios para comprar o gado. Êle que foi com Mendoza para receber o gado e os dois, com Romero no comando, levaram pessoalmente o gado para a Banda Oriental. Diz-se expressamente: o gado «...*que eu e o padre Cristóvão de Mendoza passamos no ano de 1634...*» (46). — 3. Consta que, depois de entregue o gado em São Miguel, o padre Mendoza, segundo ordem que recebeu de Romero, se retirou novamente para o ministério direto nas almas, na reunião e conversão dos gentios, ocupação em que no ano seguinte encontrou a morte gloriosa. — 4. Consta que o Padre Romero, como superior que era de tôdas as reduções, continuou a ocupar-se com todo o zêlo do gado que, com Mendoza, havia levado para a Banda Oriental, como vimos no número 170, alentando os que procediam bem, repreendendo o belicoso Dias Taño que aparentemente havia procedido mal (número 170), insistindo para que o superior mais alto sempre batesse na mesma tecla. Romero, que em 1638 batalhou para comprar gado de corte para os refugiados famintos, Romero que sustentou e ganhou o pleito contra os correntinos que não queriam deixar vaquear mais nas suas Vaquerias (N. 176). Enquanto Romero fazia tudo isto, Mendoza já estava no descanso eterno desde 1635. Portanto na arreada de 1634 os dois padres são iguais. Em tudo o que é anterior e sobretudo posterior, Romero supera a Mendoza.

Em última análise devemos considerar que na Companhia de Jesus ninguém faz pròpriamente o que quer. Delibera-se em particular ou em conjunto o que convém fazer para os fins supremos que se pretende alcançar. Depois o superior determina as atividades de cada um; se possível conforme as inclinações naturais, para assim dar mais eficiência ao trabalho; sempre de acôrdo com as necessidades e possibilidades. Por isso, últimamente, os padres e irmãos, que faziam outras coisas enquanto Romero e Mendoza levavam o gado, têm de per si tanto mérito pessoal na introdução do gado como êstes dois condutores. A questão é levar o carro todo para a frente: pouco importa, quanto ao merecimento, se se empurra de trás ou puxa da frente ou pega nos raios das rodas, ou abre o caminho para passar...

Mas considerando unicamente o empenho pessoal mais intenso ou mais longo na introdução do gado, vemos, pelo que acima fica exposto, que o Padre Pedro Romero supera de longe ao Padre Cristóvão de Mendoza. Com isto não se

negam os méritos que tem Mendoza, só se constata que Romero tem ainda mais.

Também não se interfere na aclamação, já feita, por alguns pecuaristas, da pessoa do Padre Cristóvão de Mendoza, como eventual futuro padroeiro da pecuária riograndense, uma vez que Mendoza é digníssimo da honra pelos méritos reais que tem na matéria, e pela morte que sofreu na propagação da Fé em terras do Rio Grande, tendo assim certa possibilidade de ser elevado um dia às honras dos altares. Aliás, quanto a êste último ponto, também Romero morreu pela mesma causa, às mãos dos índios, só que sua morte se deu em terras do Paraguai.

183. Falando de Jesuítas e introdução de gado, não podemos esquecer os *irmãos leigos* da mesma Companhia. E' verdade que havia naqueles primeiros anos poucos irmãos leigos da Companhia na Província do Paraguai, e menos ainda nas reduções, onde a vida solitária só aos mais abalizados na virtude dava chance de sobreviver. Os que nestes tempos aparecem são geralmente ex-militares, que ajudam na defesa dos índios, engenheiros que ajudam nas construções, médicos ou enfermeiros que cuidam da saúde dos padres e, em casos mais difíceis, também da dos índios. — Um dêstes ex-militares era o irmão Antônio Bernal (47). Fôra grande soldado em muitos campos de batalha da Europa, onde estivessem empenhadas as armas de Castela. Como homem de armas vier para o Chile. Tocado pela graça de Deus, resolveu empregar tôdas as suas forças e habilidades na conquista espiritual do novo mundo na milícia espiritual da Companhia de Jesus. Pediu para ser mandado ao campo mais árduo, que eram as missões dos guaranis. Quando ameaçava a invasão dos bandeirantes, teve papel principal como treinador militar dos índios, para que não fôsem tão indefesos contra a superioridade técnica dos assaltantes brancos. Foi isto em 1636, quando já tinha mais de sessenta anos de idade. Foi mandado para São Miguel no Toropi a levar de lá 120 rezes para Jesus-Maria, Natividade e São Cristóvão no Rio Pardo. Nestas reduções, devia também organizar a defesa daquelas reduções contra a invasão iminente dos bandeirantes. Não é de admirar que um velho desta idade, entregue aos esforços de levar uma boiada bravia a tanta distância caísse doente em Natividade. Romero, falando dêle aos padres curas dos lugares, para onde ia, recomenda que tenham paciência com os achaques do esforçado velho. — Segundo os corifeus da literatura séria dos bandeirantes, êstes no sul não procuravam outra coisa que a caça de escravos. Assim a defesa que orga-



nizou Bernal — aliás inútilmente — foi contra os paulistas, não como brasileiros ou portugueses, mas como atuais assaltantes injustos da vida e liberdade dos índios. Bernal e todos os outros jesuítas resistiriam e com tôda a razão, mesmo que os atacantes fôsem zuavos pontifícios do Papa de Roma. E' preciso acentuar isto para que permaneça a verdade histórica. O irmão Bernal merece recordação dos pecuaristas rio-grandenses, como mais tarde também o irmão Eugênio Valdoto, que penou e sofreu muito em benefício da ovinocultura da Banda Oriental. Mas esta tem capítulo à parte.

### **QUESTÕES DA CÔR DA PELAGEM**

Aurélio Pôrto trata bastante larga e cautelosamente da côr da pelagem do gado da Banda Oriental (48). Constata-se a mesma côr no gado de Piratininga e no da Banda Oriental. Daí que alguns historiados e jornalistas tirem precipitadamente conclusões errôneas. Donde surge a necessidade de tocar o assunto.

184. Qual a côr predominante da *pelagem* do gado em *São Paulo*? Segundo as atas da Câmara de São Paulo, citadas por Aurélio Pôrto (49), os animais mais estimados eram os de pelagem vermelha, visto que êstes alcançavam melhores preços, ou por mais corpulentos, com mais carne ou mais trabalho, ou outra vantagem na criação ou domesticação. Esta côr denota a origem ibérica dos sementais primitivos, como de fato consta pelos documentos que era nas Ilhas do Cabo Verde, que, segundo Gandavo, se proviam as armadas do gado que precisavam (50). E em última análise os gados provinham, segundo Prudêncio de Mendoza, da Andaluzia (51).

Ora sendo os animais de côr vermelha ou fosco-escuro os mais apreciados em São Paulo, era de esperar que os irmãos Góis e os espanhóis que há tanto tempo negociavam, em São Paulo, a sua volta, com gado, ao Paraguai, escolhessem a melhor raça para levar.

185. A côr de pelagem que, de preferência se constata mais tarde na *Banda Oriental* é exatamente a côr vermelha.

O espanhol que muito antes de 1686 (52), inspeciona detidamente a Banda Oriental, sobretudo nas margens do Jacuí, acentua que as vacas que há naquelas paragens são todas de «color» isto é coloradas ou vermelhas, foscas... Também

os portugueses, em 1680, vêem vacas de «color» em Maldonado e Montevideu (53). O Padre Juan de Yegros também diz que naquelas partes do mar só se viam vacas de «color» (54).

Notemos entretanto que o padre Nussdorfer em seu mapa de estâncias (55), marca na estância de São Borja, entre os rios Ibirapuitan e Santa Maria (Ibicui da Armada) lugares em que «hay vacas blancas». Caviglia traz uma tradição dos guaranis, segundo a qual os padres e índios teriam retirado, em 1691 do sul da Lagoa Mirim 80.000 rezes das quais 40.000 eram «overas», com manchas brancas na pele (56).

186. *Conclusões* que *não* se podem tirar da identidade da côr da pelagem.

I. A côr vermelho-escuro da pelagem do gado, de per si só, ainda não prova nada a respeito da origem missioneira do gado da Banda Oriental. Os portugueses, se tivessem lançado gado, como os bandeirantes, os Assecas, os Colonistas ou Lagunistas, sempre o tirariam da mesma São Paulo, de que antes saíra para Assunção o gado vicentino de côr vermelha. Por isso a côr não prova que o gado foi ou não foi lançado por portugueses de São Paulo.

Da mesma forma o gado de Missões, Corrientes, Santa Fé e Buenos Aires também provém do gado assuncenho, que por sua vez provém de São Vicente. Por isto a côr vermelha não provaria que o gado da Banda Oriental vêm ou não vêm de Santa Fé ou Buenos Aires, Corrientes ou Missões.

Tudo isto não se modifica, em nada, pela mistura com gado peruano que sofreu o gado vicentino em Assunção. Porque a mistura do sangue peruano — e as côres consequentes — está tanto no sangue bovino de Assunção, Corrientes, Santa Fé e Buenos Aires como no das Missões, visto que a entrada nas Missões só se fêz sessenta anos depois da dita mistura.

Além disso é de supor que as naus, que iam ao Paraná e ao Peru, se aprovisionassem de gado nas ilhas do Cabo Verde da mesma maneira, que as naus que iam para o Brasil, ou então se dirá que segundo Prudêncio Mendoza, o gado das Ilhas do Cabo Verde é gado andaluz, de modo que mesmo que as naus de Espanha levassem gado diretamente do sul daquele país, estariam sorvendo nas mesmas fontes em que sorveram as ditas Ilhas. A pelagem só forneceria argumentos no caso de serem completamente diferentes as características zootécnicas do gado peruano e vicentino, e no caso — não existente — de os gados da Banda Oriental divergirem na côr do gado vicentino e concordarem com o gado peruano.

Só então poderíamos falar de uma prova contra a procedência vicentina do gado da Banda Oriental. Mas como há concordância entre a côr da pelagem do gado de São Vicente e a do gado da Banda Oriental, não há nenhuma conclusão positiva que se possa tirar legítimamente.

187. *Conclusão única que se pode tirar.* — A côr, nas circunstâncias apontadas, só fornece uma prova *negativa*, no sentido de que ninguém pode afirmar, que o gado da Banda Oriental não pode descender do gado vicentino por haver discordância na côr da pelagem. Porque não há tal discordância, pelo menos não quanto à côr predominante.

Mas notemos bem: não podemos documentar que os irmãos Góis levaram de fato gado de pelagem vermelha, ou só levaram desta côr ou levaram preferentemente desta côr. É possível, mas não está provado e documentado.

Nem está apoditicamente provado que os gados vicentinos e peruanos de fato se misturaram em Assunção, ainda que seja sumamente provável. Sempre é possível, meramente possível, que os proprietários tenham feito criação à parte. Está também provado com mapas, que não havia só o gado vermelho na Banda Oriental. Havia também vacas «blancas» como mostra o mapa de Nussdorfer, e vacas «overas» como mostra a referência de Caviglia, que citamos na nota 56 deste capítulo.

A concordância na côr da pelagem prova apenas a possibilidade ou a não-impossibilidade da relação genética entre o gado vicentino e o gado da antiga Banda Oriental.

Entretanto a constatação da côr da pelagem pode adquirir importância em outro sentido. Está provado por outros meios que os portugueses não lançaram gado algum e que os espanhóis não o lançaram com fruto permanente. Portanto todo o gado que houve depois provém das Missões. Quer dizer então que a ação de uns vaqueiros de batina, praticada em 1634, começou a avermelhar de gado as verdes coxilhas da Banda Oriental, na extensão de uns 500.000 quilômetros quadrados.

E se perguntarmos pelo número de rezes descendentes da antiga raça crioula introduzida em 1634, empregadas na alimentação e indústria do couro até a altura de 1900, quando começariam a entrar as novas raças, certamente não exageramos se falarmos em cerca de oitenta ou cem milhões de cabeças.

188. Cabe ainda em último olhar para as *qualidades somáticas* do gado crioulo. Esta raça, que saiu da Andaluzia,

passou às ilhas do Cabo Verde e daí ao Brasil e do Brasil a Assunção, Corrientes e Banda Oriental, é, segundo Prud. de Mendoza um animal de grande corpulência, boa alçada, sistema ósseo grandemente desenvolvido, aspas bastante grandes, singularizado pela grande sobriedade na alimentação, pouco leiteiro, mas com boa produção de carne (57).

Acrescentam que o boi crioulo, que já era uma raça privilegiada, achou nas campanhas americanas condições melhores do que as que tinha em sua pátria primitiva. Assim a vida livre da Vacaria desatou de novo algumas qualidades, que em seus ancestrais se achavam obliteradas, ao contrário de outras raças que regridem no regime da vida pecuária americana. — Há vários nomes para a mesma raça antiga: gado colonão, laranjo, franqueira, pedreira (em Goiás e Mato Grosso) crioulo (no Rio Grande do Sul) (58).

#### Anotações para o capítulo sexto.

1. Cf. Índice Geral.
2. Pastells, História... I, 450. — A. Pôrto, História... I, 270.
3. Angelis, I, 29, 7, 25. — A. Pôrto, História... I, 270, Nota 64.
4. Angelis I, 29, 7, 25. — A. Pôrto, História... I, 270, Nota 65.
5. Angelis, I, 29, 7, 19. — A. Pôrto, História... I, 270, Nota 66.
6. Angelis, I, 29, 7, 25. — A. Pôrto, História... I, 271, Nota 67.
7. Angelis, I, 29, 7, 25. — A. Pôrto, História... I, 271, Nota 67.
8. Angelis, I, 29, 7, 31. — Angelis I, 29, 4, 40. — A. Pôrto, História... I, 271, 272.
9. A. Pôrto, História... I, 272.
10. A. Pôrto, História... I, 272.
11. A. Pôrto, História... I, 272.
12. A. Pôrto, História... I, 272.
13. A. Pôrto, História... I, 272.
14. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 272, Nota 71.
15. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 274, Nota 75.
16. A. Pôrto, História... I, 274.
17. Cf. Número 18.
18. Angelis I, 29, 7, 31 — A. Pôrto, História... I, 272, Nota 71.
19. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 277, Nota 77.
20. Angelis I, 29, 7, 25. — A. Pôrto, História... I, 271, Nota 67.
21. Angelis, I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 271, Nota 69.
22. Cf. Números 158 e 159.
23. A. Pôrto, História... I, 256.
24. Angelis, I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, História... I, 279, Nota 80.
25. Cf. Números 157, 158, 159.
26. Cf. Número 178.

27. Coni, História... pg. 14: falhas na parição 50%; pg. 14: atraso no acasalamento por fraqueza dos touros; pg. 21: mortalidade por sêcas; pg 24 proporção entre vacas e terneiros, que é de vinte por cento...
28. Angelis, I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 272, Nota 71.
29. A. Pôrto, História... I, 214.
30. Angelis, I, 29, 1, 53. — A. Pôrto, História... I, 278, Nota 79.
31. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 272, Nota 71.
32. Angelis I, 29, I, 69. — Angelis I, 29, 7, 29 (12) — A. Pôrto, Hist. 1, 279
33. Pastells, História... II, 14 — A. Pôrto, História... I, 280, Nota 83. Se, conforme êste documento os retirantes mataram 500 vacas, à razão de seis por dia, contudo foram 500 até estarem estabelecidos na Banda Ocidental, e as rezes podem ter sido compradas na Banda Oriental ou Ocidental, uma vez que em outro documento se diz que, as que levaram de sua própria estância, acabaram antes de chegarem a Caaró.
34. Angelis I, 29, 3, 103. — A. Pôrto, História... I, 282, Nota 86.
35. Angelis I, 29, 3, 103. — A. Pôrto, História... I, 281.
36. Cf. Número 177.
37. Cf. Número 178.
38. A. Pôrto, História... II, 21 ss.
39. Angelis, I, 29, 2, 53. — A. Pôrto, História... I, 283, Nota 89.
40. Angelis I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, História... I, 282, Nota 88.
41. Angelis I, 29, 1, 90. — A. Pôrto, História... 281, Nota 84.
42. Angelis I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, História... I, 310, Nota 150.
43. Angelis I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, História... I, 309-310, Nota 150.
44. Angelis I, 29, 4, 10. — A. Pôrto, História... I, 310, I, 281, Nota 85.
45. Estes patrulhamentos eram exigidos pela própria natureza das coisas. Na literatura há muitos exemplares, como as excursões dos padres Juan de Yegros e Jacinto Marquez, a prisão de Jorge Soares de Macedo...
46. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 271, Nota 69.
47. Angelis I, 29, 7, 31. — A. Pôrto, História... I, 273, Nota 73.
48. A. Pôrto, História... I, 283.
49. A. Pôrto, História... I, 250, Nota 22, em que diz: Aurélio Pôrto, História do Gado no Brasil, in Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Ano I, N. I, pg. 435-480.
50. A. Pôrto, História... I, 246. Nota 14: Pero de Magalhães Gandavo. Tratado da Terra e Gente do Brasil. Ed. 1924, Rio, 102.
51. A. Pôrto, História... I, 284. Nota 92: Dr. Prudêncio de la C. Mendoza Historia de la Ganaderia Argentina. Talleres Gráficos Argentinos. L. J. Rosso. Sarmiento 779, 1928, pg. 28.
52. Cf. número 174.
53. Cr. Número 174.
54. A. Pôrto, História... I, 283.

55. G. C. Furlong S. J., Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata, Buenos Aires, 1934, N. 24.
56. Caviglia, Sobre el Origen y Difusión... 40 ss.
57. Cf. Nota 51.
58. A. Pôrto, História... I, 285, Nota 93. — Antônio da Silva Neves. Origem provável das diversas raças que povoaram o território pátrio. São Paulo, 1918.

### Resumo dos capítulos 5º e 6º.

O capítulo quinto e sexto formam uma unidade perfeita, porque tratam exaustiva e exclusivamente da introdução do gado *vacum* na Banda Oriental. — Nos capítulos 3º e 4º se versou a introdução do gado *vacum* primeiro no Brasil e no Peru e depois, destes dois pontos, na Banda Oriental ou seja todo o atual Rio Grande do Sul e República Oriental do Uruguai.

No capítulo quinto se discutem três teses sobre a autoria da introdução do gado *vacum* na Banda Oriental. Podemos chamá-las a tese dos espanhóis, a dos índios e missionários, e a dos portugueses. Em todas elas se pode discutir a questão do fato, isto é se de fato cada um destes três grupos étnicos introduziu gado *vacum* na antiga Banda Oriental; depois a questão da primazia ou seja quem foi o primeiro a introduzir gado na Banda Oriental; por fim a questão da unicidade, se algum dos ditos grupos foi o único a introduzir o dito gado.

Mas, como a tese missionária, historicamente, se mostra vitoriosa, e nela há muitas coisas, que, ainda que pertinentes à introdução do gado *vacum*, contudo, pelo seu conteúdo e extensão não têm cabido na argumentação da tese missionária, tivemos que acrescentar um capítulo sexto, em que se tratam, larga e explicitamente, todos os assuntos da introdução do gado por índios e missionários, deixando para o capítulo quinto só o resumo da argumentação.

Dezembro de 1960.

### Zusammenfassung.

Der erste Teil dieser Geschichte der Viehzucht in Rio Grande do Sul und Uruguay (s. Pesquisas 1960) behandelt in vier Kapiteln die natürlichen Vorbedingungen des Raumes, die Ausbreitung des Viehs (wesentlich Rinder), die erste Einführung des Viehs in Brasilien und Peru und von dort aus in Paraguay, und die Ausbreitung des Viehs im Kernland der Jesuitenmissionen, Paraguay.

Der vorliegende zweite Teil beschäftigt sich in zwei Kapiteln mit der Einführung, Verbreitung und Verwertung des Rindes in der eigentlichen «Banda Oriental del Uruguay», die das südlichste Brasilien und die heutige Republik Uruguay umfasst.

Der Kern der Untersuchung ballt sich um die Frage, wer die Grossviehzucht eingeführt hat, ob die Portuguesen, die Spanier, oder die Missionare zusammen mit ihren Indianern; sie wird eindeutig zugunsten der letzteren entschieden (Kapitel 5).

Um die straffe Beweisführung nicht zu stören, wurden manche Dinge, die zwar zweitrangig aber doch wichtig sind, in einem eigenen Kapitel (6) behandelt.

### **Abstract.**

The first part of this **History of Cattle in Rio Grande do Sul und Uruguay** (s. Pesquisas 1960) deals in four chapters, with the following aspects: the habitat conditions of the area, the natural behaviour of cattle, the first introduction of cattle into Brazil and Peru and from there into Paraguay, and the expansion of cattle in Paraguay.

The second part treats, in two chapters, the introduction, diffusion, and economic utilization of cattle in the Banda Oriental del Uruguay proper, viz., the Campos region of Rio Grande do Sul and Uruguay.

The central problem rotates around the question of who was the first introducer of cattle, whether the Portuguese, or the Spaniards, or the Missionaries with their Indians; the answer must be given, without hesitation, in favor of the latter, (Chapter 5).

For the sake of clear and clean argumentation, many details and implications which, although of secondary order, are important for the subject as a whole, have been left out of the preceding chapter and treated in a special one (6).

## ÍNDICE DOS CAP. 5 e 6

### CAPÍTULO 5.

#### PREAMBULO.

Aclarações (116) .....	117
Possibilidades teóricas da introdução do gado... (117) .....	119
Teses históricas ou práticas (118) .....	121
Divisão pormenorizada (118a) .....	122

#### EXPLANAÇÃO.

##### I. A tese espanhola.

A tese moderada	
Origem e ocasião em que os espanhóis apresentaram a tese (119)	124
Provas da tese espanhola por declarações de Hernandárias.	
O documento mesmo (120) .....	124
O conteúdo do documento (121) .....	125
Valor do documento: autenticidade (122) .....	125
veracidade (123) .....	126
Objeções contra a tese espanhola.	
Afirmações contrárias: Padre Jacinto Marquez (124) .....	127
Ausência do gado do lugar em que devia estar...	
O fato inegável da ausência (125) .....	131
Explicações que alguns dão à ausência.	
por enxotamento (126) .....	133
por emigração natural (127) .....	141
Textos que parecem provar a presença do gado (128) .....	143
Conclusão final... (129) .....	144
A sub-tese exagerada (130) .....	144
Conclusão geral sobre a tese espanhola (131) .....	145



**II. A tese das Missões.**

Conceitos claros da tese (132) .....	146
Conteúdo da tese (133) .....	147
Ocasão da tese... (134) .....	148
Provas da tese	
Testemunhos (135) .....	149
Fatos independentes de testemunhos <b>interpretativos</b> (136) .....	149
Padres e índios lançaram gado (137) .....	150
E lançaram com fruto permanente (138) .....	150
Fora deles ninguém mais lançou com fruto permanente	
nem os espanhóis (139) .....	151
nem os portugueses (140) .....	151
Conclusão final da tese das Missões.	

**III. A tese portuguesa.**

A tese mesma ou afirmação (141) .....	151
As provas da tese.	
As provas que deveria haver e não há (142) .....	154
Fatos que fossem causa ou efeito do lançamento	
Afirmações contestes de outras pessoas fora de Naper.	
A única prova que há: a autoridade de Don Francisco Naper de	
Alencaestre. (143) .....	155
Seu estado de informação... (ciência)	
Sua vontade de dizer a verdade... (veracidade)	
As objeções contra a tese.	
Não tem as provas que deveria ter (144) (Cf. N. 142). .....	157
Praticamente foi julgada inaproveitável por Portugal (145).....	157
O ambiente histórico, a priori, exclui o fato... (146) .....	157
Resumo da tese portuguesa (147) .....	161
IV. Resumo total sôbre as teses em conjunto (148) .....	162

**CAPÍTULO 6****Prenoções.**

Relação com o precedente (149) .....	165
Conspecto cronológico da história do gado <b>vacum oriental</b> (150) ..	165
Divisão do capítulo (151) .....	167

## EXPLANAÇÃO

Introdução do gado vacum na Banda <b>Ocidental</b> do Uruguai (152)	169
Aproximação do gado vacum às margens do Uruguai (153) .....	169
Conclusões que tal fato permite (154) .....	170
Introdução do gado vacum na Banda <b>Oriental</b> do Uruguai	
O próprio fato da introdução	
Introdução de animais isolados (155) .....	172
Introdução em grande escala.	
Na Campanha do Sudoeste e Depressão Central	
do Padre Arenas (156) .....	172
dos Padres Romero e Mendoza (157) .....	173
de outros padres (158) .....	175
No planalto (159) .....	176
Conjeturas gerais sobre as rotas destas tropas de gado (160)...	177
Dificuldades da introdução	
Na aquisição do gado	
Dificuldades ordinárias (161) .....	178
Dificuldades extraordinárias	
O pleito com Corrientes (162) .....	179
A chacina dos japejuanos pelos Jarós de Entrerrios (163) ..	179
Na condução do gado:	
Condutores (164) .....	180
Natureza selvagem do gado (165) .....	181
Caminhos da tropa: qualidade e distância (166) .....	181
No estabelecimento do gado nos lugares de destino (167).....	181
Propagação do gado vacum na Banda Oriental:	
Número que entrou e número que estava na evacuação... (168)	181
Modos e dificuldades da propagação (169) .....	183
Empenho especial na propagação (170) .....	184
Permanência do gado vacum depois da invasão dos bandeirantes	
O fato da permanência provado por seis argumentos	
Pelo testemunho dos que abandonaram o gado (171) .....	186
Pelos motivos que os fugitivos tinham de abandonar o gado (171a) .....	188
Pela suma improbabilidade de os bandeirantes terem destruído ou levado o gado abandonado (172) .....	189
Pelas ótimas condições de vida que encontrou este gado (173)	190
Pela freqüente constatação posterior do gado (174) .....	190
Pela impossibilidade de este gado descender de gado lançado por espanhóis e portugueses (175). (Cf. cap. 5º) .....	192
Empenho especial em conservar e aumentar o <b>gado permanecido</b> .	
Por compra de gado para alimentar os refugiados (176) ..	193
Por proibição severa de extrair gado da incipiente Vacaria do Mar (177) .....	195

Por compra e lançamento de mais gado ocidental na Banda Oriental para incrementar ainda mais a Vacaria (178) ..	195
Por ptrulhamento eficiente de tôda a Banda Oriental (179)	196
Por processos e pleitos pertinazes para defender a propriedade dos índios (179a) .....	196
Lugares iniciais da permanência do gado (180) .....	196
Resultados da permanência... (181) .....	197
<b>Questões de primazia</b>	
Entre os diversos Padres (182) .....	198
Entre diversos irmãos leigos (183) .....	201
<b>Questões da côr da pelagem do gado vacuum introduzido</b>	
Côr da pelagem em São Vicente (184) .....	202
Côr da pelagem em Corrientes e na Banda Oriental (185) .....	202
<b>Conclusões baseadas na côr da pelagem.</b>	
Conclusões que <b>não</b> se podem tirar (186) .....	203
Conclusões que, unicamente, se podem tirar (187) .....	204
Qualidades somáticas do gado preferentemente fôsko ou vermelho da antiga Banda Oriental (188).....	204

## PESQUISAS

### PUBLICAÇÕES DE HISTÓRIA

1. A FILMOTECA HISTÓRICA DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 14-67.
2. ISABEL, CONDESSA D'EU, VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL — Dioclécio de Paranhos Antunes — Pesquisas 1, 1957, 68-92.
3. LA COMPAÑIA DE JESÚS EN EL ANTIGUO GUAIRÁ — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 1, 1957, 93-120.
4. PESQUISAS HISTÓRICAS EM LAVRAS DO SUL — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 3-19.
5. O GOVERNO TEMPORAL DAS MISSÕES E O PADRE ANTÔNIO SEPP — Mansueto Bernardi — Pesquisas 2, 1958, 21-33.
6. ALGUMAS ADVERTENCIAS TOCANTES AL GOBIERNO TEMPORAL DE LOS PUEBLOS (com tradução português) — Antônio Sepp, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 35-54.
7. UM NAUFRÁGIO NAS PRAIAS DO TRAMANDAI — Melchior Strasser, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 55-73.
8. PÂNICO NOS VICE-REINADOS ESPANHÓIS EM 1750; «SAN SEPÉ» EM 1751 — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 2, 1958, 75-79.
9. A NOBREZA DOS CACIQUES GUARANIS, DO PRIMITIVO RIO GRANDE DO SUL — Pesquisas 2, 1958, 81-112.
10. A CATA DE TESOuros JESUÍTICOS — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 9-27, 1 mapa, 3 fot.
11. O SISTEMA DE PROPRIEDADE DAS REDUÇÕES GUARANÍTICAS — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 3, 1959, 29-198.
12. A EXPULSÃO DA COMPANHIA DE JESUS DO BRASIL em 1760: Exame Crítico-Histórico no seu Bicentenário — L. G. Jaeger, S. J. — Pesquisas 1960, História nr. 12, 64 pg.
13. O GADO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI, I — A. Bruxel, S. J. — Pesquisas 1960, História nr. 13, 110 pg.

**COLEÇÃO JESUITICA NO SUL DO BRASIL**

- I. OS TRÊS MARTIRES RIO-GRANDENSES, os Beatos Roque Gonzáles de S. Cruz, Afonso Rodrigues e João del Castillo, da Companhia de Jesus.  
Autor: **Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.**  
2.<sup>a</sup> edição melhorada — 391 páginas ilustradas — encadernado ..... Cr\$ 150,00
- II. BIOGRAFIA COMPLETA DO P. JOÃO BAPTISTA REUS.  
Autor: **Leo Kohler, S. J.**  
399 páginas ilustradas — encadernado .. Cr\$ 100,00
- III. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — I parte.  
Autor: **Aurélio Pôrto**  
2.<sup>a</sup> edição revista e melhorada por Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — 434 páginas — encadernado ..... Cr\$ 160,00
- IV. HISTÓRIA DAS MISSÕES ORIENTAIS DO URUGUAI — II parte.  
Autor: **Aurélio Pôrto**  
2.<sup>a</sup> edição revista e melhorada por Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — 462 páginas — encadernado ..... Cr\$ 160,00
- V. A TRANSMIGRAÇÃO DOS SETE POVOS.  
Autor: **P. Juan Escandón, S. J.** — 1760  
Versão do espanhol por Arnaldo Bruxel, S. J.  
Em preparação.
- VI. A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL  
Autor: **Balduino Rambo, S. J.**  
2.<sup>a</sup> edição — 458 páginas ilustradas — encadernado ..... Cr\$ 200,00

**LIVRARIA SELBACH**

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Vendidos diretamente ou através de qualquer livraria